

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO-CE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES-PPGCR
MESTRADO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

**ENOQUE: NOS BASTIDORES DE CRENÇAS ANGELOLÓGICAS DO
CRISTIANISMO PRIMITIVO**

Filipe de Oliveira Guimarães

**JOÃO PESSOA
2011**

FILIFE DE OLIVEIRA GUIMARÃES

**ENOQUE: NOS BASTIDORES DE CRENÇAS ANGELOLOGICAS DO
CRISTIANISMO PRIMITIVO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões.

Orientador: Prof. Dr. Fabrício Possebon

Co-orientadora: Prof. Dra. Maria Lúcia A. Gnerre

**JOÃO PESSOA
2011**

FILIFE DE OLIVEIRA GUIMARÃES

**ENOQUE: NOS BASTIDOS DE CRENÇAS ANGELOLOGICAS DO
CRISTIANISMO PRIMITIVO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões.

Prof. Dr. Fabrício Possebon (Orientador)
UFPB

Prof^a. Dr^a. Iracilda Cavalcante de Freitas Gonçalves
Membro/ SE- Paraíba

Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia Abaurre Gnerre
UFPB

João Pessoa, 11 de novembro de 2011.

*“julgai todas as coisas, retende o que é bom”
(Apóstolo Paulo, séc. I)
“A verdade é a verdade de Deus venha de onde
vier” (Tertuliano séc. II)*

AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma das principais manifestações de humildade que um ser humano pode demonstrar na vida. Quem agradece entende que a verdadeira existência não consiste na articulação pessoal ou manipulação de outros, mas de uma interação existencial, aonde, no intercâmbio do existir, na troca do se doar, caminhos são construídos, possibilidades são vislumbradas, metas são alcançadas, alegrias são experimentadas e conquistas são partilhadas.

Pensar na conclusão do mestrado como um mérito pessoal seria a coisa mais diminuta que um neófito mestre na academia poderia expressar, posto que uma conquista desta natureza, por hipótese nenhuma poderia ser de natureza ímpar (se é que existe conquistas que não sejam plurais!).

Acima de tudo e todos, agradeço a Deus, pelo privilégio de servi-lo, conhecê-lo e existir com profundo significado existencial por toda eternidade obtido através do Jesus ressurreto que reina, governa e tem projetos em todas as coisas. A Ele a glória pelos séculos dos séculos.

Nestes um ano e quatro meses que passei pelo curso de Ciências das Religiões da UFPB, várias pessoas foram sustentáculos para que eu pudesse, em meio a todos os afazeres da vida, dedicar parte do tempo para o estudo. A primeira pessoa muito importante foi minha esposa Raquel que além das várias atividades que desenvolve como, esposa, mãe, profissional e dona de casa, por várias vezes fez o papel de pai, indo brincar com meu filho, me dando a oportunidade de ficar mais a vontade nos estudos, além de encarar o desafio de ficar três meses longe do marido para que eu pudesse desenvolver a pesquisa em São Paulo. Louvo a Deus pela valorosa auxiliadora que me concedeu. literalmente encontrei um bem e alcancei benevolência de Deus (Pv 18:22).

Agradeço ao meu filho Davi que por vários momentos, com suas diversas e criativas brincadeiras, próprias de um menino de quatro anos, se constituiu em uma fonte riquíssima de distração, dando-me a oportunidade de descansar a mente para continuar na maratona. (Como foi bom chegar em casa cansado da Universidade, às vezes 10:30h da noite e encontrá-lo acordado se escondendo rindo debaixo de um lençol para que eu o encontrasse!).

Agradeço a minha mãe Jairene, mulher que tem apoiado toda minha jornada acadêmica que começou no maternal, por sua presença no mestrado incentivando-me com versículos bíblicos e orações. Ao meu sogro Walter e sogra Carmélia, que sempre se mostraram solícitos a enfrentarem desafios em nosso favor (que Deus retribua a vocês a

energia despendida com Davi durante estes 3 meses!). Ao Pr. Gilberto e esposa Wanete pela amizade, companhia preciosa e acolhida nos finais de semana durante o tempo que estive em São Paulo.

Ao Prof. Fabrício Possebon pelo compromisso com a orientação da dissertação, profissionalismo, incentivo acadêmico, apoio com na publicação do livro Planejamento Estratégico Participativo para Igrejas, pela presença e prontidão em ajudar-me no tempo em que estive na UMESP, dando-me a certeza da preocupação do departamento com seus alunos em São Paulo.

A prof. Eunice Gomes que se fez presente em toda a jornada do mestrado, incentivando, orientando, torcendo, lutando e apontando caminhos. A prof. Maria Lúcia pelo apoio e ajuda como co-orientara da dissertação. Ao departamento de Ciências das Religiões da UFPB, representado pela pessoa da prof. Neide Miele, por ter acreditado em nossa pesquisa e assumido o compromisso de investir nela.

Ao prof. Paulo Nogueira pelo acolhimento, respeito, fraternidade e simplicidade em lidar com os alunos, que começaram pela internet (quando eu ainda estava em João Pessoa, enviando-me material para pesquisa e indicação bibliográfica) e se estenderam durante o tempo em que estive na UMESP, me recebendo em escritório, envolvendo-me em grupo de pesquisa, sala de aula, congressos, ou mesmo dialogando na informalidade de uma esfirharia. Aos irmãos e irmãs da IEAM (Igreja Evangélica apostólica Maanaim) e integrantes do UNIPAC que me ajudaram em oração. A todos vocês dedico este trabalho.

RESUMO

A pesquisa se constituiu em uma busca por resgatar a compreensão da epistemologia angelológica presente no cristianismo primitivo. Uma vez que a Bíblia faz menção do livro de Enoque, buscou-se harmonizar os relatos de modo que alguns textos bíblicos pudessem ser percebidos com mais clareza. No livro de Judas, por exemplo, encontra-se uma profecia atribuída a Enoque, porém, tal profecia não está presente na Bíblia, o que, naturalmente, suscita a seguinte questão: De onde Judas extraiu esta profecia? A profecia encontra-se presente no Livro de Enoque mais precisamente no Livro dos Vigilantes. A leitura do Livro dos Vigilantes introduz o leitor em um mundo bem diferente que discorre sobre queda de anjos, gigantes, dilúvio, demônios e visões. Tais relatos, presente em Enoque, completam narrativas bíblicas concedendo-lhes harmonia. Na tentativa de conhecer a influência de Enoque no judaísmo, buscou-se verificar citações do livro presente em escritos judaicos, bem como citações feitas por líderes do cristianismo primitivo. Nos dois casos verificou-se ampla utilização do Livro dos Vigilantes corroborando para a constatação de que o escrito foi muito influente no pensamento angelológico do judaísmo e cristianismo primitivo.

Palavras Chaves: Enoque, Cristianismo Primitivo, Angelologia.

ABSTRACT

The research constitutes a quest to rescue the understanding of epistemology angelology present in early Christianity. Since the Bible makes mention of the book of Enoch, we sought to harmonize the accounts so that some biblical texts could be seen more clearly. In the book of Jude, for example, there is a prophecy attributed to Enoch, however, this prophecy is not found in the Bible, which begs the question: Where Judas taken this prophecy? The prophecy is present in the Book of Enoch, more precisely in the Book of Watchers. Reading the Book of Watchers introduces the reader in an interesting world that discusses about the fall of angels, giants, flood, demons and visions. Such reports, present in Enoch, complete biblical narratives giving them a very interesting harmony. In an attempt to know the influence of Enoch in Judaism, allowed us to find quotes from the book present in Jewish writings, and quotes made by the leaders of early Christianity. In both cases there was extensive use of the Book of Watchers corroborating the finding that the book was a significant influence on the thought of Judaism and Christianity angelology primitive.

Keywords: Enoch, early Christianity, Angelology.

LISTA DE SIGLAS

C.R	Ciência(s) da(s) Religião(ões)
PPGCR	Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UMESP	Universidade Metodista de São Paulo

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Transmissão de conhecimento angelical.....	31
Tabela 2: Documentos de Qumran.....	40
Tabela 3:Títulos dos anjos.....	53
Tabela 4: Nomes do Diabo 1.....	60
Tabela 5: Nomes do Diabo 2.....	61
Tabela 6: Comportamento dos demônios.....	62
Tabela 7: Crenças angelológicas de Pais da Igreja.....	66
Tabela 8: Funções dos Anjos.....	67
Tabela 9: Quedas Angelicais.....	80

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Uma contribuição teológica para a(s) C.R.....	12
1.2 Informações técnicas da pesquisa.....	18
2 ENOQUE: O LIVRO DOS VIGILANTES	21
2.1 Introdução.....	21
2.2 Uma representação escatológica.....	26
2.3 História sobre a descida dos anjos e pecado.....	28
2.3.1 Presença da narrativa dos Vigilantes em escritos judaicos.....	36
2.4 Enoque e a petição dos Vigilantes.....	40
2.5 Primeira jornada de Enoque.....	42
2.6 Segunda jornada de Enoque.....	43
2.7 Resumo conclusivo do capítulo.....	50
3 O DISCURSO ANGELOLÓGICO CRISTÃO NA HISTÓRIA	52
3.1 Introdução.....	52
3.2 Angelologia na Idade Contemporânea.....	52
3.2.1 Terminologia, origem e natureza dos anjos.....	53
3.2.2 Nomes, atividade e capacidade dos anjos.....	55
3.2.3 Anjos da guarda.....	57
3.2.4 Território dos anjos.....	57
3.2.5 O Anjo do Senhor e o Príncipe do Exército do Senhor.....	58
3.2.6 Relacionamento com os anjos.....	59
3.2.7 História e atividades demônios.....	59
3.3 Angelologia na Idade Moderna.....	63
3.4 Angelologia na Idade Média.....	63
3.5 Angelologia no Cristianismo Primitivo.....	65
3.5.1 Justino o Mártir	68
3.5.2 Atenágoras.....	69
3.5.3 Irineu.....	70
3.5.4 Tertuliano.....	71
3.5.4.1 O véu e o pensamento angelológico primitivo.....	72
3.5.5. Clemente de Alexandria.....	76
3.5.6 Julius Africanus.....	77
3.5.7 Cipriano de Cartago.....	77
3.5.8. Lactantius.....	78
3.5.8.1 Queda dos Anjos.....	79
3.6 Resumo conclusivo do capítulo.....	81
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85

1 INTRODUÇÃO

1.1 Uma contribuição teológica para a(s) C.R

Um dos grandes ideais do iluminismo do sec. XVII era fazer com que os homens substituíssem fé por razão, significando substituir Deus pelo homem, gerando o deslocamento da visão teocêntrica para a antropocêntrica. Acreditava-se que com grandes descobertas científicas viria a extinção de crenças religiosas. A forma em que seus idealizadores buscaram difundir suas idéias provocava a sensação que parecia que se tinha chagado o fim da era “homo religioso” e que iniciara o momento do “homo esclarecidos” assumir o seu lugar. O fato é que quanto mais o tempo passa percebe-se que tais idéias eram utópicas, e que pensar a laicidade do homem e religião significa incorrer no erro de inferiorizar a essência humana.

Recentemente, em dezembro de 2010, a revista Veja lançou um exemplar com uma matéria especial que tratava sobre a crença dos anjos na história cristã.¹ A edição revelou que pensamentos religiosos, e crenças espirituais, continuam em alta no imaginário de milhões de brasileiros, fazendo parte da vida tanto de cientistas como de analfabetos, anunciando que angelologia é um dos temas que encabeçam a lista de interesse do momento.

A matéria traça uma escala de evolução angelical mostrando, de um modo resumido, como os mesmos foram percebidos na história. Inclui, ainda, um comentário sobre hierarquia angelical. O artigo também cita o livro de Enoque, afirmando que entre os anos 200 a.C. e 200 d.C, os anjos assumem um papel central na literatura apocalíptica como se dá na literatura de Enoque.

Esta matéria acentuou o interesse do investigador, que já vinha desenvolvendo suas pesquisas sobre o Livro de Enoque no Mestrado de Ciências das Religiões, ao mesmo tempo em que foi uma espécie de confirmação revelando que a pesquisa constituía-se em matéria de relevância social.

Outro fato que corrobora ainda mais para o fortalecimento do argumento do interesse social no que tange a questões angelológicas, é o uso que a mídia televisiva está fazendo das imagens de anjos para apresentar produtos em comerciais. Neste ano uma marca de desodorante fez uso da figura de anjos (no comercial em questão anjas) para apresentar o poder de atração que o seu produto exerce.²

¹ A capa da revista chama-se: O Anjo é POP: A história e as razões da moderna devoção aos eternos mensageiros de Deus, cultuados por cristãos, judeus e muçumanos.

² O seu pacto celestial espatifando as suas auréolas celestiais no chão. O comercial é bem moderno, cheio de efeitos especiais, mas o enredo está vinculado a crenças milenares. O vídeo pode ser assistido no seguinte endereço eletrônico: <http://www.youtube.com/watch?v=ewtMfOLFYHI>

O comercial mostra um rapaz que está a usar a nova fragrância do desodorante e, de repente, anjas, sete no total, começam a cair do céu sobre a terra, mais especificamente na Itália. Elas caminham em direção ao rapaz, rendem-se a tentação da fragrância do desodorante e quebram suas auréolas. O gesto sugere que elas estão abdicando de sua natureza angélica para assumir uma natureza humana. O comercial é bem moderno em seus efeitos mais a idéia é bem enoqueana.

Uma breve leitura de Enoque revela ao leitor a ênfase angelológica presente no escrito, ao mesmo tempo que leva-o a mergulhar em um cenário no mínimo curioso. É algo parecido como ir ao zoológico para ver leões, elefantes e pássaros, mas ao chegar também se encontrassem dinossauros, tiranossauros e pteranodontes.

Há algum tempo li trechos da versão inglesa de Enoque intitulada “The Book of Enoch” (uma tradução do livro pseudepígrafe de Enoch, feita no ano de 1917 por Charles R. H.) que despertou minha atenção acerca de crenças judaicas e cristãs até então desconhecidas para mim. Por essa mesma época fiz a leitura do livro Nephilin de Caio Fábio. Posteriormente, tive contato com a versão do livro traduzida para o português pela Mercury o que aprofundou a minha percepção sobre o conteúdo do mesmo, bem como despertou a minha curiosidade acerca da influência que o mesmo exerceu.

Ingressei no mestrado de Ciências das Religiões da UFPB (Universidade Federal da Paraíba), tendo como proposta investigar o livro de Enoque na tentativa de conhecer a influência que o mesmo exerceu no judaísmo e cristianismo em épocas antigas, principalmente no Cristiano primitivo. Outro fator que aguçou o meu interesse na pesquisa foram os registros contidos na Bíblia que fazem referência explícita ao livro e seu conteúdo.

Como pesquisador da área teológica e religiosa, inquietou-me o fato de observarmos na Bíblia citações ao livro de I Enoque, como ocorre nos livros de Judas e II Pedro, e ao mesmo tempo existir uma escassez na literatura das ciências das religiões, e teológica, brasileira, de escritos que tratem desta obra com mais especificidade, haja em vista, sua possível influencia para formação epistemológica de escritores neotestamentário, o que certamente aprofundaria a compreensão de duas grandes tradições religiosas: cristianismo e judaísmo.

Dentre as escolas existentes ou áreas parceiras às Ciências das Religiões, tais como sociologia, filosofia, antropologia, psicologia, selecionamos a teologia uma vez que a dissertação buscou abordar assuntos relacionados as religiões judaica e cristã, temas esses que

interessam, também, a teologia e, por isso mesmo, podemos utilizá-la como ferramenta elucidativa, posto que ela atua desenvolvendo a temática.

De acordo com o sociólogo Antônio Gouvêa Mendonça, a teologia pode ser inserida na área da C.R. desde que se posicione como uma ciência que busca se organizar a partir de um objeto definido, com um método próprio e esteja disposta a colocar a fé entre parênteses. (MENDONÇA,1997, p.52)

Passemos agora a registrar algumas contribuições que achamos pertinentes ressaltar, que são reais e têm incentivado, direta ou indiretamente, o progresso da(s) ciência(s) da(s) religião(ões) tanto no contexto brasileiro como internacional, além do fato de que promovem os pontos de interseção entre estas duas áreas do saber científico-religioso.

A convivência entre a Teologia e a Ciência da Religião é cabível por dois principais fatores: ambas possuem várias áreas de interesse em comum e podem prestar auxílio mútuo. Teixeira (2008, p.310) diz que teólogos e cientistas da C.R (ciência(s) da(s) religião(ões)) se debruçam sobre a dimensão positiva ou empírica da religião, sobre as crenças e doutrinas de igrejas, sem contar que elas necessitam manter uma interação contínua com áreas como história, antropologia, sociologia, geografia, arqueologia, na busca de aprimorar o seu olhar e dar continuidade a sua produção científica.

Para Gisel (*apud* TEIXEIRA, 2008), existem três focos de interesse partilhados tanto pela teologia como ciências da religião: a referência ao absoluto (que para teologia é o transcendente e para ciência da religião é o sagrado), a referência ao símbolo, ao ritual, aos lugares de pertença, tradição e experiência. Porém, o teólogo deve se direcionar a estes focos buscando significação cultural e social abstendo-se do dogmatismo.

É justamente porque em alguns momentos percorrem caminhos diferentes frente ao objeto, que elas podem prestar contribuições mútuas. Por exemplo, a reflexão teológica, do ponto de vista dogmático, não deve ser de toda excluída pelas ciências das religiões. Ela tem contribuições importantes a dar quando o olhar correto é desenvolvido. O cientista da religião não deve absorver a reflexão dogmática como método de investigação mas como objeto.

Ao cientista das religiões não cabe estudar outras religiões do ponto de vista teológico, mas quando estuda a religião que concebeu a teologia, ela (a teologia) se torna imprescindível para aprofundar sua análise sobre a religião. Ou seja, quando ele estuda o cristianismo o conhecimento de sua teologia lhe será fundamental para não incorrer no desenvolvimento de uma pesquisa reducionista. Neste sentido a teologia auxilia o olhar da C.R. em relação ao cristianismo.

Eduardo Gross (2008) presta um excelente contribuição para o entendimento do papel do teólogo em meio a(s) C.R. Em seu ensaio “considerações sobre a teologia entre os estudos da religião” é possível visualizar claramente alguns papéis que os teólogos podem desempenhar com progresso na academia.

Antes de tratar sobre as atividades dos teólogos, Gross (2008, p.325) faz uma diferenciação do que seja teologia e teologia cristã. Esta separação foi embasada no uso da palavra “teologia” feita por Platão na Grécia antiga. O termo aparece em sua obra a República referindo-se a narrativas míticas sobre deuses, contadas por poetas especialmente Homero e Hesíodo. Com isso, Gross quer dizer que os poetas eram tidos como teólogos na sua cultura cerca 400 anos a.C.

Esta análise do termo teologia tem como intenção deslocar o eixo do entendimento do que seja teologia, a fim de ampliar o horizonte dos teólogos, mostrando que é possível fazer teologia sem necessariamente pensar em cristianismo, ao mesmo tempo trazendo a tona o universo de teologias e tradições confessionais a serem estudadas, como por exemplo, a teologia judaica e islâmica.

Uma vez admitida à teologia como área que contribui para o desenvolvimento da(s) C.R., conforme proposto por Gross (tanto é que a mesma está presente em algumas universidades como teologia da religião), passaremos agora para o momento de registrar algumas contribuições que a teologia tem prestado a(s) C.R.

A primeira acontece sempre quando ela exerce um discurso neutro (isento de dogmatismo) acerca do universo dos mitos, ritos e símbolos, bem como examina as tradições teológicas passadas, resgatando elementos representativos que ampliam o conhecimento das mais variadas religiões.(GROSS, 2008, p.329)

A segunda é manifesta todas as vezes que a teologia busca trazer a tona valores universais presentes nas tradições religiosas, bem como as reivindicações distintas das tradições, que por sua vez serão conflitantes quando tratam de ética e de verdade. Porém, se faz necessário que cada tradição particular seja compreendida nos seus próprios termos. (GROSS, 2008, p.333)

Por serem especialistas em determinadas tradições, algumas delas desconhecidas pela C.R., alguns teólogos se constituem em pontes culturais, posto que conhecem linguagem e aspectos antropológicos de alguns grupos. Eles atuam como lingüistas que estudam o dialeto de determinadas povos, conhecendo até mesmo a linguagem ritual ou religiosa dos mesmos.

Por exemplo, quando pensamos em um teólogo que atuou como missionário por muitos anos em uma determinada tribo indígena na selva amazônica, ao regressar ao seu país ele traz consigo um bagagem de conhecimentos que o torna capaz de analisar determinadas religiões e tradições a fundo.

Após o contato transcultural, além do conhecimento da língua (que muitas vezes é aprendida através dos próprios nativos) a sua visão antropológica se torna especializada sobre aquele povo. A realidade é que muitas religiões são conhecidas e estudadas pioneiramente por teólogos o que, independente do seu objetivo missionário, os tornam fontes seguras para o desenvolvimento do campo das Ciências das Religiões, bem como antropologia e da sociologia.

Ao cientista da religião, quando consulta a pesquisa desenvolvida por um teólogo, cabe o trabalho de coletar e traduzir as informações pertinentes a sua área de atuação. O que desejamos enfatizar é que um teólogo, que atuou como missionário, ou que atua, é uma ferramenta importante que pode prestar um bom serviço a(s) C.R., auxiliando no desenvolvimento de pesquisas pioneiras.

Uma terceira contribuição para a(s) C.R. está ligada a clarificação das terminologias utilizadas pelas várias tradições religiosas. Uma utilidade bastante elementar desta clarificação é a análise do grau de correção do discurso sobre uma dada tradição. O manejo da terminologia desta tradição por especialistas de outras disciplinas pode incorrer em superficialidades ou incorreções. Neste caso ele (o teólogo) desempenharia uma função crítico-construtiva. (GROSS, 2008, p.335)

Outra contribuição é na área apologética, em relação aos opositores da metafísica. Muitos daqueles que se declaram não religiosos, sobre tudo os ateus presentes nas academias, gostam de inferiorizar crenças espirituais como se fossem produto da falta de razão ou conhecimento científico presente nos indivíduos. Neste sentido os teólogos (que não sejam ateus) podem prestar uma análise do ponto de vista metafísico. (GROSS, 2008, p.340)

A quinta contribuição pode ser verificada na área da hermenêutica, que é a mediadora entre o texto sagrado e a vivência do mesmo. O conhecimento desta ciência concede ao teólogo a capacidade de analisar manifestações religiosas de diversos grupos, que possuem o mesmo texto sagrado, identificando a raiz do comportamento na interpretação que os indivíduos estão dando ao texto, bem como o seu desdobramento na história, muitas vezes o habilitando a prever certos comportamentos sociais.

Por exemplo, o teólogo quando estuda os movimentos oriundos da reforma protestantes, de grupos pentecostais e neo-pentecostais, é capaz de identificar, na fonte, no caso em apreço a Bíblia (que é o livro comum a todos eles), os textos em que cada movimento busca respaldar seus pensamentos, discursos e condutas fruto do tipo de hermenêutica que desenvolveram frente ao texto sagrado.

Uma última contribuição seria no âmbito da história do pensamento religioso. Por serem sistematizados e transformados em escritos, os dogmas de algumas tradições podem ser perfeitamente analisados. Tal conhecimento é matéria pertinente ao teólogo, uma vez que, faz parte de sua formação. Ao pensar como o dogma atuou na vida dos indivíduos em épocas passadas, o teólogo contribui para o entendimento da vivência antropológica e sociológica na história.

Além de todos estes fatores, é fato que o campo da(s) C.R. é metodologicamente aberto. Sua proposta é pluridisciplinar, o que certamente não pode excluir a teologia, principalmente em uma época onde a interdisciplinaridade é um dos principais pré-requisitos para os cientistas principalmente aqueles envolvidos no estudo das ciências humanas.

Partindo dos pressupostos supracitados, consideramos que a Teologia e a(s) C.R. podem conviver como parceiras no meio acadêmico quando ela (a teologia) é percebida segundo a ótica que aqui foi exposta. Foi baseado nesta convicção que o presente trabalho foi desenvolvido e se destina a ser uma contribuição para ambas as áreas.

A presente dissertação quando estudada sob a ótica do cientista da religião servirá como matéria para aguçar a compreensão da religião cristã e judaica na história. Poderá auxiliar na produção de uma análise comparativa da vivência religiosa do judeus e cristão na história. Quando o olhar for teológico ele aprofundará o entendimento sobre algumas crenças dogmáticas que alimentavam a fé dos seguidores do judaísmo e cristianismo no seus primórdios, podendo servir para os cristãos, ou mesmo judeus, da atualidade.

O outro objetivo do pesquisador consiste em oferecer ao PPGCR (Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões) da UFPB, uma contribuição que ajude os teólogos que estão ingressando no curso a se situarem melhor. É fato empírico que vários dos interessados no curso, seja para a graduação ou pós, são alunos de teologia ou teólogos que alimentam uma expectativa ingênua de fazer um curso de teologia na Federal. Quando ingressam sofrem um choque diante da proposta acadêmica.

Frente a esta realidade, a leitura deste trabalho poderá ajudá-los, na medida em que situa o espaço da teologia no meio da(s) C.R. delimitando sua área de atuação, impondo-lhe

limites, bem como, oferecendo-lhes um modelo de trabalho que poderá ser aceito como contribuição legítima ao departamento. Além de auxiliar os teólogos neófitos, na medida em que ajuda-os-á a não se sentirem soltos, ou vítimas, achando que estão sendo atacados, centrando-os no meio acadêmico e conscientizando-os que podem desenvolver um papel relevante para a(s) C.R. Assim, desejamos que esta dissertação possa, de algum modo, prestar alguma contribuição para teólogos que ingressam nas Ciências das Religiões, seja na graduação, mestrado e futuramente no doutorado.

1.3 Informações técnicas da pesquisa

A pesquisa orientou-se pelo método exploratório e bibliográfico e teve como objetivo geral: resgatar compreensões de crenças angelológicas do cristianismo primitivo através do estudo de I Enoque e desenvolver um estudo histórico-teológico, com o fim de obter percepções das mudanças inerentes às crenças angelológicas no decorrer do tempo.

O trabalho buscou resgatar o livro de Enoque, mais precisamente o livro dos Vigilantes, que trata de uma forma mais direta de questões referentes a anjos, posto que o mesmo fora de um valor inestimável para os teólogos do cristianismo primitivo. Assim, tivemos como objetivos específicos da dissertação:

- Estudar as crenças angelológicas presentes em I Enoque (principalmente no livro dos Vigilantes);
- Pesquisar as crenças angelológicas na história com vistas a verificar se houveram mutações e distanciamento das crenças angelológicas primitivas;
- Entender melhor o texto bíblico no que tange a angelologia, interpretando-o a luz de compreensões obtidas em Enoque.

A pesquisa orientou-se pelo método qualitativo que é basicamente aquele que busca entender um fenômeno em profundidade. Diferente da quantitativa que se utiliza de estatísticas, regras e outras generalizações, a qualitativa trabalha com descrições, interpretações e comparações. Ela possui um caráter mais aberto e portanto menos controlável, concedendo ao pesquisador mais subjetividade na análise. (GIL, 1999)

As pesquisas qualitativas envolvem a observação intensa e de longo tempo num ambiente natural, o registro preciso e detalhado do que acontece no ambiente, a interpretação e análise de dados utilizando descrições e narrativas. Elas podem ser etnográfica, naturalista, interpretativa, fenomenológica, pesquisa-participante e pesquisa ação. No caso da presente pesquisa o caminho foi o da interpretativa de narrativas. (GIL, 1999)

Como foi dito, a caracterização da pesquisa é fruto da utilização de dois métodos: bibliográfico e exploratório. A pesquisa bibliográfica procura auxiliar na compreensão de um problema a partir de referências publicadas em documentos. Ela caracteriza-se pela leitura, análise e interpretação de livros e artigos visando o conhecimento das diferentes contribuições científicas disponíveis sobre o tema. Busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado sobre determinado assunto, tema ou problema. (CERVO E BERVIAN, 1983, p. 55)

O método exploratório, por sua vez, busca maiores informações sobre o assunto investigado. Tem como características principais a busca por familiarizar-se ou obter nova percepção do fenômeno e descobrir novas idéias ou as relações existentes entre os elementos componentes do fenômeno. Sua metodologia é bastante flexível para analisar diversos aspectos do problema ou situação. É recomendado quando detecta-se poucos conhecimentos sobre o problema a ser estudado. (RICHARDSON, 1989)

Além da utilização dos métodos bibliográfico e exploratório, a pesquisa também se valeu da intertextualidade. Como a própria palavra sugere, intertextualidade é a relação entre textos. Segundo Kristeva (1974, p.64) todo o texto se constrói como mosaico de citações, significando que ele é a absorção e transformação de um outro texto. Ou seja, escrever é sempre reescrever, não difere de citar. A citação, é leitura e escrita, une o ato de leitura ao de escrita. Ler ou escrever é realizar um ato de citação. Nesse sentido verificamos que passagens bíblicas foram fruto da escrita presente em I Enoque. (COMPAGNON, 1996, p.31).

A pesquisa do livro proporcionou ao pesquisador uma percepção mais profunda do pensamento apostólico como, por exemplo, o de Judas (meio-irmão de Jesus) que cita Enoque. Além de levar o pesquisador a adentrar em um cenário bem diferente do vivenciado pelos cristãos na atualidade. Pensamos sobre a vida dos cristãos em uma época na qual tinha-se abertura para lidar com outros escritos do judaísmo, sem a censura de achar que se estava bebendo de algo impuro aos olhos de Deus.

A presente investigação nos levou a crer que poderíamos estar lidando com idéias criadas pelo próprio Cristo, posto que ele convivia com o escrito de I Enoque e nunca o censurou, pelo contrário, observamos seus discípulos citando-o, o que nos leva a pensar que ele não tinha nenhum problema em lidar com conceitos do livro, e ao que tudo indica fez utilização de idéias contidas no mesmo.

Questionamentos como: Por que a Bíblia cita o livro de Enoque? Como este livro era tratado pelos primeiros cristãos? Como os judeus enxergavam Enoque? Qual a influência que

este livro exerceu na formação do pensamento judaico-cristão? Qual a visão cosmogônica dos primeiros cristãos? Promoveram a inquietação do pesquisador levando-o ao interesse pela investigação.

A presente investigação busca, em primeiro lugar, satisfazer um interesse natural do pesquisador enquanto estudante do judaísmo e cristianismo desde 1999 (o que o torna motivado em relação ao trabalho) sempre na busca de aprofundar o olhar sobre estas religiões. Em segundo lugar, visa proporcionar, ao curso de Ciências das Religiões, uma contribuição no sentido de aguçar o olhar para o estudo das referidas religiões.

O primeiro capítulo da dissertação é uma abordagem direta ao livro de Enoque, buscando fazer uma intertextualidade do escrito com textos bíblicos. No segundo capítulo abordamos a angelologia de uma forma histórica, com a proposta de verificar mudanças ocorridas nas fases históricas. Para tanto, buscamos fazer um retorno partindo da história contemporânea em direção a história do cristianismo primitivo que é o foco deste trabalho. Ao final de cada capítulo buscamos fazer uma breve conclusão dando ênfase aos principais assuntos abordado no mesmo.

2 ENOQUE: O LIVRO DOS VIGILANTES

2.1 Introdução

Segundo Possebon (2008) o mito se caracteriza como um relato ou uma história sagrada que si diz ter ocorrido nos tempos primordiais, no início das coisas, relato este que faz sentido para um determinado povo e é capaz de influenciar, ou mesmo direcionar o seu comportamento social.

Para Mircea Eliade (2000, pg 12):

o mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada em perspectivas múltiplas e complementares...o mito conta uma história sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos começos...o mito conta graças aos feitos dos seres sobrenaturais, uma realidade que passou a existir, quer seja uma realidade total, o Cosmos, quer apenas um fragmento, uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, é sempre portanto uma narração de uma criação, descreve-se como uma coisa foi produzida, como começou a existir.

Mircea Eliade (2000, pg 13) continua abordando o mito dizendo que:

o mito é considerado como uma história sagrada, e portanto uma história verdadeira, porque se refere sempre a realidades. O mito cosmogónico é verdadeiro porque a existência do mundo está aí para o provar, o mito da origem da morte é também verdadeiro porque a mortalidade do homem prova-o...e pelo fato de o mito relatar as gestas dos seres sobrenaturais e manifestações dos seus poderes sagrados, ele torna-se o modelo exemplar de todas as atividades humanas significativas.

Dentro desta perspectiva descartamos a definição popular de mito expressa como uma estória ou invenção humana destituída de racionalismo e cientificismo, antes o posicionamos como história religiosa. O mito se reporta a algo profundo que envolve o entendimento que seres humanos têm da realidade a sua volta, inclusive de situações percebidas como espirituais.

Partimos do prisma que para o grupo que dele faz ou fez uso, possui um significado especial, pois, retrata uma experiência real geradora de sensações e percepções, que intervêm na maneira como o indivíduo, ou coletividade, passou a analisar a realidade dando lugar a formulação de crenças. Ou seja, o mito, ou história religiosa, é algo tão verídico, para o grupo, que é capaz de reger por completo a vida de sociedades ao ponto de indivíduos doarem ou darem suas vidas por suas crenças.

É consenso científico que todas as religiões reconhecem alguma espécie de mundo espiritual. Suas mitologias falam de deuses, semi-deuses, gênios, heróis, etc. Foi especialmente entre os persas que a doutrina dos anjos se desenvolveu. Vários críticos especialistas afirmam que os judeus derivaram a sua angelologia dos persas, mas segundo

Berkhof (2001, p. 133) “esta teoria não foi comprovada e, para dizer o mínimo, é muito duvidosa.” Segundo Berkhof é possível extrair do livro de Gêneses (livro dos princípios) a crença na existência de anjos. “Alguns grandes especialistas, que fizeram estudos específicos do assunto, chegaram a conclusão de que a angelologia persa derivou da que era comum entre os hebreus.” (BERKHOF, 2001, p.133)

Independente de quem seja o mérito no que se refere a origem angelológica (persas ou judeus) o trabalho buscou resgatar o conjuntos de crenças que nortearam a visão dos primeiros cristãos no que tange a percepção da história do mundo em seus primórdios, ou seja, a cosmogonia do cristianismo primitivo, que, diga-se de passagem, era a reprodução exata da cosmogonia judaica da época (excetuando-se a dos saduceus). As crenças aqui estudadas se concentraram, principalmente, naquelas que envolvem questões angelicais e, portanto, também envolvem as percepções espirituais que os mesmos tinham.

Collins (2010. P.75), afirma que Enoque provavelmente foi escrito entre os século I e II a.C. O livro foi originalmente escrito em hebraico (capítulos 1-5 e 37-108) e aramaico (cap. 6-36). O texto original perdeu-se como é comum em escritos desta época. Porém, existem traduções diversas como a grega, etíope, latina, alemã, inglesa e portuguesa.

O livro de I Enoque foi preservado totalmente na versão etíope e possui aproximadamente 49 manuscritos. O interesse na publicação da obra iniciou-se no séc. XIX. A primeira edição do texto etíope foi realizada por R. Laurence em 1839, em seguida surge uma edição crítica realizada em 1851 por A. Dillmann e na seqüência, 1902, outra edição crítica surge fruto do trabalho de J. T. Milik. Em 1906 R. H. Charles apresentou a sua versão do livro de Enoque. No ano de 1978 Michael Knibb lança uma edição etíope se valendo de textos aramaicos editados por J. T. Milk. (TERRA, 2010, p.8)

Segundo Terra (2010, p.8), também existem textos de I Enoque em grego. A versão grega esta presente em 4 textos: 1) Codex Panapolitanus descoberto em 1886 em Panápolis (Egito); 2) Codex Vaticanus, achado em 1809 e publicado por Card A. Mai em 1844; 3) Fragmentos conservados na Chronography de G. Syncellus; 4) Papiro Cherter Beatty-Michigan, um códice do séc IV.

Em aramaico existem apenas fragmentos encontrados entre os textos das cavernas de Qumran, próximo ao Mar Morto. A datação destes, apontam para o terceiro século a.C. percebendo-se que o Livro dos Vigilantes já circulava em língua aramaica desde esta época. Na década de 70, J. T. Milik editou os fragmentos aramaicos encontrado em Qumran. Para ele

as mais antigas partes(ou livros) presentes em I Enoque (Livro dos Vigilantes e Livro Astronômico) são do período pré-macabaico. (REED, 2005, p.3)

Para os judeus do passado o livro era tido como obra de Enoque, porém, para a atual manuscritologia ele se enquadra na categoria de pseudepígrafes, que literalmente significa autoria fictícia ou livro atribuído falsamente a alguém. James H. Charlesworth, usou cinco critérios para identificar os pseudepígrafes: o livro tem que ser judeu, ou judeu cristão, pelo menos parcialmente, mas de preferência totalmente; deve ser datado entre 200 a.C e 200 d.C; precisa alegar ser inspirado; tem de estar relacionado ao antigo testamento na forma ou no conteúdo; o ideal é que seja atribuído a um personagem do antigo testamento. (DOCKERY, 2001, p.570)

Não se sabe ao certo o significado do nome Enoque. Algumas idéias são: treinado, iniciado, consagrado e mestre. Segundo a tradição judaica foi Enoque o iniciador de algumas das ciências como escrita, aritmética e astronomia. Ao que parece, tais informações devem ser percebidas apenas como folclóricas. (ANDRADE, 2002, P. 148)

É importante salientar que Enoque não é um único livro mas uma coletânea de 5 livros intitulados: Livro dos Vigilantes (1-36), Similitudes (37-71), Livro Astronômico (72-82), Livro dos Sonhos (83-90) e Epístola de Enoque (91-108). Dentro da Epístola de Enoque também existe o Apocalipse das Semanas (91:11-17; 93:1-10) que é tratado como uma seção independente.

O presente trabalho irá se concentrar no livro dos Vigilantes que foi responsável em despertar o interesse do investigador para buscar aprofundamento da compreensão do Judaísmo e do Cristianismo em épocas primitivas. Textos bíblicos como, por exemplo, Judas versículo 14 que diz: “Quanto a estes foi que também profetizou Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: eis que veio o Senhor entre suas santas miríades” aguçaram a curiosidade do investigador, posto que é uma citação direta do Livro dos Vigilantes.

O início do segundo século a.C. até o fim do segundo d.C é considerado, pelos historiadores, o período áureo da apocalíptica nos círculos judaicos. Isto tem base nas diversas obras e trechos apocalípticos escritos nesta época, a maioria extrabíblico. Vários desses trechos foram vinculados a grupos separatistas como por exemplo a comunidade de Qumran, famosa, principalmente, pelos manuscritos do Mar Morto. (DOCKERY, 2001, p.834)

Para Dockery (2001, p.834), em termos gerais, pode-se afirmar que a apocalíptica floresceu em épocas de dominação estrangeira, principiando com o exílio babilônico. Para ele, a era dos macabeus e da perseguição aos cristãos pelo império Romano, serviram de contexto

histórico semelhante. Logo após a segunda revolta judaica contra Roma em 135 d.C., ela entra em declínio e acaba desaparecendo depois do quarto século.

Segundo Dockery (2001, p. 834), apesar de possuírem diferenças significativas, existem várias características literárias comuns aos textos apocalípticos, bem como pode-se verificar um certo padrão relativamente uniforme no que tange ao pensamento teológico. Uma das principais características é que todas as obras apocalípticas recebem o nome de personagens bíblicos importantes. Outra característica é que estes textos são repletos de visões e simbolismos. É comum encontrarem-se, revelações, sonhos, visões, previsões do futuro, narrativa ou interpretações de anjos. Os escritores apocalípticos quando escrevem sobre o futuro não se referem a ele de uma maneira vaga, mas o descreve dentro de um contexto teológico apontando para a vinda do Messias, que irá irromper na história e libertar o seu povo da opressão vivida neste mundo concedendo-lhes justiça e felicidade eterna.

Também lhes são comuns a descrição de cenas dualísticas: Deus contra Satanás, céu e inferno, justos e ímpios, anjos e demônios. Outras fortes marcas presentes na apocalíptica são as descrições de guerras espirituais e do caráter soberano, justo e amoroso de Deus sobre a história, o incentivo a uma vida consagrada, a exortação a perseverança na fidelidade a Deus diante de grandes desafios, a apresentação do tempo do fim como uma época de muito sofrimento. De uma forma determinista pode-se perceber que a história caminha para o triunfo final de Deus. (DOCKERY, 2001, p.835)

De acordo com a maioria dos teóricos, I Enoque está situado na categoria de literatura apocalíptica, pois como foi anteriormente descrito, é marcado por símbolos, visões, expectativa messiânica, julgamento e recompensas divinas. Uma breve leitura de alguns de seus capítulos, já revela tal caráter. Existem várias cenas proféticas referentes ao fim, e a inauguração de uma nova ordem celeste onde tudo se fará novo e a paz reinará após Deus exercer seu juízo.

Porém, existem divergências no que tange a origem das crenças descritas em I Enoque, principalmente as presentes no Livro dos Vigilantes. Este debate provoca o seguinte questionamento: será que as crenças presentes no Livro dos Vigilantes são fruto da era apocalíptica ou o que aconteceu naquele momento foi um reavivamento de uma crença antiga dado as circunstâncias históricas do momento, despertando o interesse de escribas e comunidades pela tradição enoqueana? Ao que parece, elas são bem anteriores a era apocalíptica.

O livro de I Enoque possui uma íntima ligação com o livro Gêneses, especialmente com a narrativa de Gn 6:1-4. Esta relação nos leva a outra pergunta: quem surgiu primeiro? Ou quem se apóia em quem? Existem teóricos que defendem que Enoque é de autoria mais antiga e outros defendem Gêneses como livro mais antigo.

Para Milik (1970, p.31), o livro de I Enoque é mais antigo que o texto bíblico. Nos anos de 1990, Sacchi(1990, p.178) esclareceu que Gn 6:1-4 é um simples sumário de uma obra maior, a longa história é encontrada em I Enoque 6-11. Em 1993, P. R. Davies também seguindo o mesmo caminho, afirmou que o texto de Gêneses pressupõe o conhecimento de Enoque.(KVANVIG, 2003, p.278)

A outra posição, que afirma ser Gêneses mais antigo que I Enoque, parte do pré-suposto que a narrativa de Gêneses é a porta de entrada para a formulação da história de Enoque. Alexandre (1972, p.60) disse que o texto de I Enoque 6-11 é um elaborado midrax de Gn 6:1-4.

Segundo Kvanving (2004, p.180) em um artigo mais recente, esta relação não é tão simplificada como propõe a maioria dos pesquisadores modernos quando afirmam ser Gêneses mais antigo que I Enoque. Para ele tanto Gêneses como Enoque estão se referindo a uma tradição ainda mais antiga do que eles, anterior ao que nós conhecemos. Ou seja, para Kvanving nem Gêneses depende de I Enoque nem I Enoque de Gêneses, supostamente, ambos se apóiam em outra fonte que é desconhecida.

Segundo Terra (2010, p.13) uma das propostas de divisão do Livro dos Vigilantes é a que divide o livro em três partes: Introdução (Capítulos 1-5); História dos Vigilantes (6-16) e Viagens de Enoque (17-36). Vanderkam (1984) divide o livre em cinco partes. Para ele a divisão mais didática é a que se segue:

- 1 – 5: Uma repreensão escatológica
- 6 – 11: História sobre a descida dos anjos e pecado
- 12 – 16: Enoque e a petição dos Vigilantes
- 17 – 19: Primeira jornada de Enoque
- 20 – 36: Segunda jornada de Enoque

O presente capítulo tomou esta divisão como base pois o autor entende que ela é mais didática para o propósito do trabalho. Assim, dividimos o restante do capítulo em cinco sessões. Não tivemos a pretensão de abordar detalhadamente cada capítulo do Livro dos Vigilantes, mas fazer comentários daqueles que julgamos mais apropriados para o desenvolvimento da pesquisa.

2.2 Uma representação escatológica

O Livro dos Vigilantes, logo em seu início, apresenta uma profecia onde Deus irá realizar um julgamento. Ela fala de um dilúvio que virá como um ato de juízo de Deus sobre o mundo corrompido. “A terra será submersa e todas as coisas que habitam sobre ela perecerão, ora todos os seres serão julgados até mesmo os justos.” (I Enoque 1:6b)³

O texto bíblico mais antigo referente a Enoque encontra-se em Gn 5:21-24:

Enoque viveu sessenta e cinco anos e gerou a Metusalém. Andou Enoque com Deus; e, depois que gerou a Metusalém, viveu trezentos anos; e teve filhos e filhas. Todos os dias de Enoque foram trezentos e sessenta e cinco anos. Andou Enoque com Deus e já não era, porque Deus o tomou para si.⁴

A narrativa apresenta Enoque como um homem consagrado, dedicado a Deus, que decidiu em sua geração andar com Ele. Enoque é percebido pelos cristãos e judeus como um homem exemplar, modelo no que tange a devoção ao Criador. Por ser tão dedicado a Deus, a tradição judaica afirma, respaldado neste texto, que ele não experimentou a morte. Dentre os personagens bíblicos é dito que, apenas, Enoque e Elias chegaram a desfrutar deste tipo de experiência.

Em períodos posteriores, grupos judaicos desenvolveram literaturas em torno da pessoa de Enoque. Geralmente Enoque é retratado como uma criatura que possui um status superior ao humano, tornando-se uma espécie de mediador e intercessor entre Deus e os anjos como o Livro dos Vigilantes apresenta.

Ainda em seu início o livro narra uma rebelião protagonizada por seres angelicais, os chamados vigilantes (aqueles que vigiam) ou anjos. Esta rebelião provoca mudanças drásticas na Terra que culminou com uma catástrofe diluviana como fruto do juízo de Deus a fim de exterminar a maldade da terra e punir a desobediência. A seguir passaremos a examinar fragmentos textuais do Livro dos Vigilantes para obtermos uma compreensão mais precisa do livro.

Eis as palavras de Enoque, com as quais ele abençoou os eleitos e os justos, os quais devem existir nos tempos da tribulação, rejeitando toda iniquidade e mundanismo. Enoque, um homem justo, o qual estava com Deus, respondeu e falou com Deus enquanto seus olhos estavam abertos, e enquanto via uma santa visão dos céus. Isto os anjos me mostraram. (I Enoque 1:1)

3 Esta e a maioria das citações bíblicas foram extraídas da versão Revista e Atualizada de João Ferreira de Almeida.

4 As citações do livro de I Enoque presentes no trabalho foram extraídas do livro *The Book of Enoch*, de R.H. Charles (1917), Tradução nossa com base na tradução de Márcio Pugliesi e Norberto de Paula Lima .

A narrativa segue falando de tempos de tribulação que seriam fruto da “iniquidade e mundanismo”. Enoque recebe uma visão onde é dito que ele teve seus olhos abertos dando a idéia de que ele enxergou algo não comum. A visão foi intermediada por anjos que apresentaram a ele circunstâncias que se dariam em um futuro próximo a sua época.

Em I Enoque 1:9, encontramos o texto que é citado por Judas no Novo Testamento: “E eis! Ele vem com milhares de seus santos para fazer juízo contra todos, e destruir todos os ímpios e para condenar toda a carne, de todas as obras de sua impiedade que impiamente cometeram, e de todas as duras palavras que ímpios pecadores disseram contra ele”. Judas ao citar o fragmento da obra de I Enoque interpreta-o como uma referência à volta de Cristo:

Quanto a estes foi que também profetizou Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que vem o Senhor entre suas santas miríades, para exercer juízo contra todos e para fazer convictos todos os ímpios, acerca de todas as obras ímpias que impiamente praticaram e acerca de todas as palavras insolentes que ímpios pecadores proferiram contra ele. (Jd 14,15)

A crença na vinda do Senhor, ou do Messias com seus anjos, não é de origem neotestamentária. Provavelmente, quando Jesus falou da sua vinda junto aos seus anjos (ou santos anjos), ele estava fazendo um inferência ao texto de I Enoque capítulo 2 a semelhança de Judas. Os textos se encontram nos evangelhos sinóticos (grifos do autor):

Porque o Filho do Homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos, e, então, retribuirá a cada um conforme as suas obras. (Mt 16:27)

Quando vier o Filho do Homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então, se assentará no trono da sua glória; (Mt 25:31)

Porque qualquer que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do Homem se envergonhará dele, **quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos.** (Mc 8:38)

Porque qualquer que de mim e das minhas palavras se envergonhar, dele se envergonhará o Filho do Homem, **quando vier na sua glória e na do Pai e dos santos anjos.** (Lc 9:26)

Os textos assemelham-se muito ao de I Enoque, só que no lugar do termo “Ele” usado em Enoque e “Senhor” usado por Judas, o título nos evangelhos é “Filho do Homem”. Os relatos são muito próximos e contém a mesmo pensamento: o Senhor vindo com seus anjos para exercer juízo ou retribuir a cada um conforme as suas obras. Se o texto dos evangelhos for assim interpretado podemos dizer que o livro de Enoque está mais presente no Novo Testamento do que se pensava.

No capítulo 2 verso 1 está escrito: “Todos os que estão nos céus sabem o que transcorre lá. Eles sabem que as luminárias celestes não mudam seus caminhos; que cada uma nasce e se põe regularmente, cada uma a seu próprio tempo, sem transgredir os mandamentos que receberam.” O fragmento aponta para a consciência dos anjos sobre a organização das coisas estabelecidas por Deus, dando a entender que aqueles que se propõem a alterar o curso proposto por Deus não serão tidos como inocentes.

2.3 História sobre a descida dos anjos e pecado

Esta seção trás o relato da rebelião dos vigilantes que se sentiram atraídos pela beleza das mulheres e desejosos em se tornarem pais. Anjos, de alto escalão, quedados pela beleza feminina, se reúnem com seus liderados para decidir sobre o seu destino. A reunião gera pactos angelicais, que, por sua vez, levou a uma prática inédita: relacionamento conjugal entre anjos e humanos. Esta união gerou gigantes, também conhecidos como nephilins, além da transmissão de conhecimentos ocultos aos homens. A situação também trouxe pesadas conseqüências para o mundo.

Um dos principais textos da obra, que trás o cerne de todo este enredo, é o capítulo seis:

- 1 Quando os filhos dos homens se multiplicaram naqueles dias, nasceram-lhe filhas, elegantes e belas.
- 2 E quando os anjos, os filhos dos céus, viram-nas, enamoraram-se delas, dizendo uns para os outros: Vinde, selecionemos para nós mesmos esposas da progênie dos homens, e geremos filhos.
- 3 Então seu líder Samyaza disse-lhes: Eu temo que talvez possais indispor-vos na realização deste empreendimento;
- 4 E que só eu sofrerei por tão grave crime.
- 5 Mas eles responderam-lhe e disseram: Nós todos juramos;
- 6 (e amarraram-se por mútuos juramentos), que nós não mudaremos nossa intenção mas executamos nosso empreendimento projetado.
- 7 Então eles juraram todos juntos, e todos se amarraram (ou uniram) por mútuo juramento. Todo seu número era duzentos, os quais descendiam de Ardis, o qual é o topo do monte Armon.
- 8 Aquele monte portanto foi chamado Armon(ou Hermom), porque eles tinham jurado sobre ele, e amarraram-se por mútuo juramento.
- 9 Estes são os nomes de seus chefes: Samyaza, que era o seu líder, Urakabameel, Akibeel, Tamiel, Ramuel, Danel, Azkeel, Saraknyal, Asael, Armers, Batraal, Anane, Zavebe, Samsaveel, Ertael, Turel, Yomyael, Arazyal. Estes eram os prefeitos dos duzentos anjos, e os restantes estavam todos com eles.
- 10 Então eles tomaram esposas, cada um escolhendo por si mesmo; as quais eles começaram a abordar, e com as quais eles coabitaram, ensinando-lhes sortilégios, encantamentos, e a divisão de raízes e árvores.
- 11 E as mulheres conceberam e geraram gigantes.
- 12 Cujas estatura era de trezentos cúbitos. Estes devoravam tudo o que o labor dos homens produzia e tornou-se impossível alimentá-los;

13 Então eles voltaram-se contra os homens, a fim de devorá-los;
 14 E começaram a ferir pássaros, animais, répteis e peixes, para comer sua carne, um depois do outro, e para beber seu sangue.
 15 Então a terra reprovou os injustos.

A narrativa do Livro dos Vigilantes apresenta os filhos dos céus como sendo anjos. Tal proposta também pode ser deduzida na Bíblia no relato de Gn 6.2: “vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, tomaram para si mulheres, as que, entre todas, mais lhes agradaram.” Na modernidade, a maioria dos teólogos afirmam que os filhos de Deus é uma referência aos descendentes de Sete, a linhagem que Deus teria escolhido a fim de gerar o povo judeu, a nação eleita. Então, quando se caminha por esta interpretação, a idéia que se estabelece é que o povo de Deus (descendentes de Sete) desobedeceu sua ordem ao se contaminar com outros povos.

Porém, esta compreensão está mais distante da realidade proposta no texto bíblico. A própria Bíblia apresenta os filhos de Deus como sendo uma referência a anjos e não a homens. No livro de Jó 1:6 encontramos um relato referente aos anjos que se apresentam diante de Deus, como quem vai prestar relatórios ou receber ordens dEle. O texto diz: “Num dia em que os **filhos de Deus** vieram apresentar-se perante o SENHOR, veio também Satanás entre eles.” Outra referência se encontra em Jó 2:1: “Num dia em que os **filhos de Deus** vieram apresentar-se perante o SENHOR, veio também Satanás entre eles apresentar-se perante o SENHOR.” (grifos do autor)

Ainda no livro de Jó encontramos um diálogo entre Deus e Jó. Neste diálogo o personagem Jó é questionado sobre sua origem quando Deus estava fundando a Terra e os anjos cantavam. O episódio se encontra no capítulo 38:4-7:

Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra? Dize-mo, se tens entendimento. Quem lhe pôs as medidas, se é que o sabes? Ou quem estendeu sobre ela o cordel? Sobre que estão fundadas as suas bases ou quem lhe assentou a pedra angular, quando as estrelas da alva, juntas, alegremente cantavam, e rejubilavam todos os **filhos de Deus**? (grifos do autor)

Através dos próprios textos bíblicos podemos chegar a conclusão que o termo “filho de Deus” ou “filhos dos céus” também pode ser uma referência direta a anjos. Assim, em se tratando de Gn 6:2, a crença era que anjos escolheram, dentre as filhas dos homens, esposas para si, abdicando de seu estado original. É importante perceber, no texto de Enoque, que o interesse dos anjos pelas filhas dos homens não se restringia a questões sexuais, eles desejaram compor uma família e selar o matrimônio com filhos. “Vinde, selecionemos para nós mesmos esposas da progênie dos homens, e geremos filhos.” (Enoque 6:2)

O principal responsável em incitar a rebelião angelical foi um sentinela chamado Samyaza, que a princípio temeu tomar esta decisão sozinho. “Eu temo que talvez possais indispor-vos na realização deste empreendimento” (1 Enoque 6:3). A narrativa também mostra a consciência que os anjos possuíam sobre o assunto. Samyaza diz: “e que só eu sofrerei por tão grave crime”. Eles tinham consciência que tal atitude iria causar-lhes sofrimento e que, também, era um grande erro, mas, mesmo diante da consciência, estavam dispostos a lidar com as conseqüências.

Após terem firmado o pacto, “mútuo juramento”, vão a diante em seu empreendimento e tomam mulheres, as que acharam mais belas dentre todas. O texto de Enoque diz que foram cerca de 200 anjos e 18 “prefeitos” (os chefes principais). A narrativa aponta para o lugar do pacto como sendo o monte Hermom. Talvez seja por causa desta crença que este monte esteja bem presente no imaginário judaico.

Se por um lado a beleza das mulheres encantaram estes anjos, por outro eles foram responsáveis em ensinar feitiçaria para as mulheres. “Ensinando-lhes sortilégios, encantamentos, e a divisão de raízes e árvores” (I Enoque 6:10). Segundo I Enoque, os vigilantes foram responsáveis em disseminar conhecimentos e práticas que deveriam ser oculta aos humanos.

O resultado da relação “anjo-humana” foi a geração de uma raça híbrida de gigantes (nephilins). O relato de Gn 6 nos dá a idéia de que mesmo antes da queda dos anjos (entenda-se queda como perda da qualidade original) já existiam gigantes na terra. Porém, os gigantes fruto desta nova relação eram seres mui valentes: “Ora, naquele tempo havia gigantes na terra; e também depois, quando os filhos de Deus possuíram as filhas dos homens, as quais lhes deram filhos; estes foram valentes, varões de renome, na antiguidade.” (Gn 6:4)

O texto de 1 Enoque diz que os gigantes tinham 300 cúbitos (ou côvados) de estatura. Se esta medida estiver correta isso equivale a cerca de 150 metros (1 cúbito equivale a 0,50m) mas, ao que parece, houve um erro na compilação do manuscrito. O Relato bíblico nos traz a história de um gigante chamado Golias. No texto de 1 Sm 17:4 é dito que ele tinha 6 côvados de altura e um palmo. Se tomarmos esta narrativa como exemplo, o entendimento do que seria a altura de um gigante para os judeus era o que beirava os 3 metros de altura.

Se não foi um erro na compilação, então, provavelmente, o escriba tenha se utilizado de uma hipérbole com o fim de criar uma imagem espantosa na mente de seus leitores, uma vez que estes seres são apresentados como insaciáveis “Estes devoravam tudo o que o labor dos homens produzia e tornou-se impossível alimentá-los”. (1 Enoque 6:12)

Como a quantidade de alimento se tornou escassa, os nephilins passaram a buscar outras fontes alimentícias para se manterem. Além de começarem a matar pássaros, animais, répteis e peixes, também passaram a se alimentar de sangue e devorar humanos. Excetuando-se a situação de canibalismo poderíamos nos perguntar, qual o problema em comer pássaros, animais, répteis e peixes, posto que é algo tão comum para humanidade há milênios? Por que o escrito busca destacar este comportamento? Para termos uma melhor noção sobre o assunto se faz necessário examinar a passagem bíblica de Gn 9:1-5:

Abençoou Deus a Noé e a seus filhos e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra. Pavor e medo de vós virão sobre todos os animais da terra e sobre todas as aves dos céus; tudo o que se move sobre a terra e todos os peixes do mar nas vossas mãos serão entregues. Tudo o que se move e vive ser-vos-á para alimento; como vos dei a erva verde, tudo vos dou agora. Carne, porém, com sua vida, isto é, com seu sangue, não comereis. Certamente, requererei o vosso sangue, o sangue da vossa vida; de todo animal o requererei, como também da mão do homem, sim, da mão do próximo de cada um requererei a vida do homem.

De acordo com esta narrativa na era pré-diluviana, era proibido ao homem se alimentar de carne, bem como de sangue. Os homens eram vegetarianos e, ao que parece, o texto bíblico aponta para o vegetarianismo de animais também. Quando Noé sai da arca é dito que Deus faz uma aliança com ele e nesta aliança é liberado a Noé e seus descendentes o ato de se apropriarem de carne de animais para sua subsistência. Deus diz que “Tudo o que se move e vive ser-vos-á para alimento; como vos dei a erva verde, tudo vos dou **agora**.” (grifo do autor).

O momento em que os seres humanos passaram a ter o consentimento de Deus para se tornarem carnívoros, segundo a crença judaico-cristã antiga, foi no pós-dilúvio. Assim, o Livro dos Vigilantes fala das ações dos gigantes como perversa, pois, Deus ainda não havia concedido o aval para o uso proteína animal. Ao que parece o texto bíblico aponta para o início da cadeia alimentar só no período pós-diluviano, porém o beber sangue continuou proibido segundo o texto de Gêneses.

Um dos anjos que recebe destaque no livro de 1 Enoque é Azazel, um dos chefes dos vigilantes. À ele é atribuída a responsabilidade de ensinar a arte de fabricar armas de guerra e utensílios para embelezamento, além da violência que foi ampliada a fornicação aumentou no planeta Terra.

Azazel ensinou os homens a fazerem espadas, facas, escudos, couraças, espelhos e a manufatura de braceletes e ornamentos, o uso de pinturas, o embelezamento das sobrancelhas, o uso de todo tipo selecionado de pedras valiosas, e toda sorte de corantes, para que o mundo fosse alterado. A impiedade foi aumentada, a fornicação multiplicada; e eles transgrediram e corromperam todos os seus caminhos. (1 Enoque 7:1-2)

O capítulo 7 ainda nos apresenta uma lista de outros anjos e as práticas que eles foram responsáveis em introduzir entre os humanos: “Amazarak ensinou todos os sortilégios, e divisores de raízes: Armers ensinou a solução de sortilégios; Barkayal ensinou os observadores das estrelas, Akibeel ensinou sinais; Tamiel ensinou astronomia; e Asaradel ensinou o movimento da lua” (1 Enoque 7:3-8). O resultado foi “que as almas daqueles que estão mortos clamam e queixam-se até ao portão do céu.” (1 Enoque 8:10,11)

O prof. Paulo Nogueira produziu um inventário que classifica os ensinamentos que os humanos receberam dos Sentinelas. Nogueira (2006, p.145-155) aponta o nome do Sentinela e o seu respectivo ensino:

Tabela 1: Transmissão de conhecimento angelical

Azazel	A metalúrgica (para fabricar as armas) e a cosmética
Amerazak	Magia (Encantamentos e raízes)
Armaros	Como anular encantamentos
Asradel	O ciclo lunar
Baraquiél	Os astrólogos
Kokabiel	Os signos
Tamiel	Astrologia

Fonte: O Mito dos Vigilantes: apocalípticos em crise com a cultura helenista

A narrativa de Enoque segue falando da revolta dos Sentinelas que permaneceram fiéis a Deus, procurando-O para apontar os erros praticados pelos sentinelas caídos, bem como interceder pelos seres humanos, pedindo para que se execute justiça e juízo sobre os anjos desertores que estavam destruindo a terra com sua prole:

Então Miguel e Gabriel, Radael, Suryal, e Uriel, olharam abaixo desde os céus, e viram a quantidade de sangue que era derramada na terra, e toda a iniquidade que era praticada sobre ela, e disseram um ao outro; Esta é a voz de seus clamores; A terra desprovida de seus filhos tem clamado, mesmo até os portões do céu. E agora a ti, ó Santo dos céus, as almas dos homens queixam-se, dizendo: Obtém justiça para conosco com o Altíssimo. Então eles disseram ao seu Senhor, o Rei: Tu és Senhor dos senhores, Deus dos deuses, Rei dos reis. O trono de Tua glória é para sempre e sempre, e para sempre seja Teu nome santificado e glorificado. (Enoque 8:1-3)

Miguel e os seus companheiros apontam Azazel e Samyaza como os principais agentes de maldades na terra, posto que são eles quem estavam difundido ensinamentos iníquos por toda parte, além de estar revelando segredos celestes aos homens:

Viste o que Azazel fez, como ele tem ensinado toda espécie de iniquidade sobre a terra, e tem aberto ao mundo todas as coisas secretas que são feitas nos céus. Samyaza também tem ensinado sortilégios, para quem Tu deste autoridade sobre aqueles que estão associados Contigo. Eles tem ido juntos às filhas dos homens, têm-se deitado com elas; têm-se contaminado. (Enoque 8:5,6)

Na Bíblia de Jerusalém encontramos um texto que refere-se a Azazel que se encontra em Levítico 16:8. O texto diz: “E Arão lançará sortes um pelo Senhor e a outra por Azazel (ou bode emissário)”. Alguns sustentam que o bode representa Cristo mas tal posição não possui base sólida. Segundo A. E. Cundall, a maioria dos eruditos diz ser Azazel o líder dos espíritos maus do deserto.⁵

Em Enoque 9:6-9,12 encontramos uma passagem que identifica o porque da ligação de Azazel com o deserto.

Depois o Senhor disse a Rafael: Amarra a Azazel, mãos e pés; lança-o na escuridão; e abrindo o deserto que está em Dudael, lança-o nele. Arremessa sobre ele pedras agudas, cobrindo-o com escuridão; Lá ele permanecerá para sempre; cobre sua face, para que ele não possa ver a luz. E no grande dia do julgamento lança-o ao fogo... Toda a a terra tem se corrompido pelos efeitos dos ensinamentos de Azazel. A ele, portanto, se atribui todo crime.

Na crença judaica antiga o deserto era o lugar de punição de Deus para Azazel por causa de todas as condutas perversas desenvolvidas por ele. Segundo o judaísmo Azazel foi aprisionamento na escuridão do deserto e lá ficaria até o dia do juízo. O deserto sempre fora percebido como lugar de sofrimento, angústia e dor no imaginário de vários povos.

Mas por que a figura de Azazel aparece no relato de Levítico se o livro de Enoque é datado entre os séculos próximos da era cristã? As prováveis resposta são que os judeus conheciam a tradição oral de Enoque, ou que o livro de 1 Enoque é mais antigo do que se pensa. Independente de qual seja o caso, aceitando-se a constatação de que o Azazel de Levítico é o mesmo Azazel de I Enoque, o relato do texto de Levítico 16 trará maior credibilidade ao escrito de Enoque, posto que em um judaísmo mais antigo pode-se encontrar vestígios da crença relatada em 1 Enoque, corroborando para o argumento de que I Enoque é mais antigo do que o texto bíblico.

Na hipótese de aceitarmos o Azazel de Levítico como sendo o Azazel de I Enoque, caberia uma outra indagação: Qual o sentido do bode emissário? Por que ele solto em oferecimento à Azazel?

Anualmente, era realizada uma cerimônia de purificação da nação de Israel o chamado “Dia da Expição” (Lv 23:27 e 28). Uma das partes do cerimonial era o momento em que sortes eram lançadas sobre dois bodes. Um seria sacrificado e o outro (bode emissário) seria solto no deserto à Azazel (Lv 16:8-16). Neste dia acontecia uma sacrifício em favor da família de Arão (Lv 16:11-14); era realizada a cerimônia de expiação pelo Santuário (Lv 16:15-19);

⁵ The Zondevon Pictorial Encyclopedia of the Bible, vol. 1, p. 426).

e um sacrifício específico pelo sumo sacerdote e pelo povo ocorria através do oferecimento de holocaustos após o bode emissário ser solto vivo no deserto (Lv 16:23-25)

Mas por que um bode era sacrificado e outro solto? Enquanto que o sacrifício do cordeiro era em favor dos sacerdotes, o do bode, escolhido por sortes, era em favor do povo de Deus. O bode solto indicava que para Azazel e os outros sentinelas não existia expiação e funcionava como uma espécie de “caminhão de lixo espiritual” que estava levando as contaminações espirituais da nação para do “depósito de lixo” que era o deserto (para os judeus lugar de habitação de demônios e prisão de Azazel), tipificando a limpeza espiritual da nação pelos pecados cometidos durante o ano. “Assim, aquele bode levará sobre si todas as iniquidades deles para terra solitária” (Lv 16:22)

Após o relato dos anjos Miguel, Gabriel, Radael, Suryal e Uriel de todas as maldades que estavam acontecendo na Terra, Deus resolve limpar a terra com um dilúvio. “Então o Altíssimo, o Grande e Santo falou... Então explicou-lhe a consumação que está preste a acontecer; pois toda a terra perecerá; as águas do dilúvio virão sobre toda a terra, e todas as que estão nela serão destruídos” (1 Enoque 9: 1,4)

O personagem Enoque é apresentado no texto como um homem que foi chamado por Deus para anunciar profeticamente a sentença contra vigilantes. Ao que parece, a própria idéia de Deus chamar um homem para exortar aqueles que um dia foram anjos cheio de glória, já carrega em si uma conotação de humilhação para os Sentinelas.

E o Senhor me disse: Enoque, escreva da retidão, vai e dize às Sentinelas dos céus que desertaram o alto céu e seu santo e eterno estado, os quais foram contaminados com mulheres. E fizeram como os filhos dos homens fazem, tomando para si esposas, e os quais têm sido grandemente corrompidos na terra; Que na terra eles nunca obterão paz e remissão de pecados. (1 Enoque 12:5-7)

Enoque primeiramente pronuncia uma sentença contra Azazel e em seguida a todos os outros Vigilantes:

Enoque partiu e disse a Azazel: Não mais terá paz em ti. Uma grande sentença há contra ti. **Ele te amarrará**; Socorro, misericórdia e súplica não estarão contigo por causa da opressão que tens ensinado; E por causa de todo ato de blasfêmia, tirania e pecado que tens descoberto aos filhos dos homens. Então partindo dele, falei a eles todos juntos; E eles todos ficaram apavorados, e tremeram. (1 Enoque 13:1-5)

Outro texto que narra a prisão dos Sentinelas é 1 Enoque 9:15:

O Senhor disse a Miguel: Vai e anuncia seus próprios crimes a Samyaza, e aos outros que estão com ele, os quais têm se associado às mulheres para que se contaminem com toda sua impureza. E quando todos os seus filhos forem mortos, quando eles virem a perdição dos seus bem amados, **amarra-os por setenta gerações debaixo da terra.** (grifo do autor)

No Novo Testamento, encontramos passagens que referem-se a espíritos em prisão. Os textos encontram-se nas cartas escritas por Pedro e narram a punição dada aos Sentinelas e a descida de Jesus ao Hades para pregar aos espíritos em prisão. Ao que tudo indica são passagens que fazem conexão com o livro dos Vigilantes. O texto de II Pe 2: 4-5 diz:

Ora, se Deus não poupou anjos quando pecaram, antes, precipitando-os no inferno, os entregou a abismos de trevas, reservando-os para juízo; e não poupou o mundo antigo, mas preservou a Noé, pregador da justiça, e mais sete pessoas, quando fez vir o dilúvio sobre o mundo de ímpios.

O fragmento nos mostra a conhecimento que Pedro tinha sobre o pecado de anjos e sua punição em forma de aprisionamento. Pedro diz ter sido no inferno (hades) que eles foram aprisionados, a mesma idéia presente em I Enoque 9:15 que fala que os vigilantes foram amarrados “debaixo da terra”, antes que o dilúvio viesse sobre ela.

No texto de I Pe 3:18-20 encontramos o discurso de Pedro sobre a descida de Jesus ao hades:

Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito, no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão, os quais, noutro tempo, foram desobedientes quando a longanimidade de Deus aguardava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca, na qual poucos, a saber, oito pessoas, foram salvos, através da água.

Pedro, mais uma vez, está fazendo alusão aos vigilantes que foram aprisionados em trevas e, portanto, estariam sem contato com nada, como relata I Enoque. Mas qual o por quê da descida de Jesus a este lugar para pregar? Certamente que Pedro não estava se referindo a um tipo de pregação para salvação, consolo ou edificação dos vigilantes, mas a testificação de sua vitória. A idéia que Pedro está querendo passar é que à todas as criaturas foi anunciada a vitória de Jesus. Às que estão no céu testemunharam, às que estão na Terra testemunharam e também às aprisionadas em trevas. Em todos os níveis foi anunciado o triunfo de Jesus.

Quando fazemos a leitura do texto de Gn 6:5-7, um questionamento natural que surge da leitura é: por que Moisés não falou da destruição dos gigantes no relato? Fala-se da destruição do homem, do animal, dos reptéis, das aves do céus, mas não se fala nada da destruição de gigantes maus que estavam cometendo perversidades na Terra. O texto diz:

Viu o SENHOR que a maldade do homem se havia multiplicado na terra e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração; então, se arrependeu o SENHOR de ter feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração. Disse o SENHOR: Farei desaparecer da face da terra o homem que criei, o homem e o animal, os répteis e as aves dos céus; porque me arrependo de os haver feito. (Gn 6:5-7)

Em nenhum momento encontramos referência a destruição do mundo por causa de Nephilins. A resposta é que o dilúvio não era para destruir os gigantes, uma vez que eles já

estavam destruídos. Ou seja, o juízo de Deus já tinha vindo sobre eles. No texto de 1 Enoque encontramos referências que falam da destruição dos Nephilins e por ela podemos concluir que eles iriam perecer através de uma guerra “nephilamita”. Em 1 Enoque 12:4-5, está escrito: “De agora em diante, nunca ascendereis ao céu; Ele o disse que na terra Ele vos amarrará, tanto tempo quanto o mundo existir. Mas antes destas coisas tu verás a destruição dos vossos bem-amados filhos(os nephilins); não os possuireis, mas eles cairão diante de vós **pela espada**” (parênteses e grifo do autor).

1 Enoque diz que Deus também envia Gabriel para destruir os filhos dos Sentinelas. Ele é responsável em fazê-los guerrear uns contra os outros. A morte dos filhos dos sentinelas, que causaria dor paterna aos Vigilantes, fora decretada como sentença do Criador para punir os pecados dos Sentinelas. (grifos do autor)

A seguir o Senhor disse a Gabriel: Vai aos maus, aos réprobos, aos filhos da fornicção; e destrói os filhos da fornicção, a descendência das Sentinelas de entre os homens; traga-os e **excita-os uns contra os outros. Faça-os perecer por mútua matança**; pois o prolongamento de dias não será deles. Eles rogarão a ti, mas seus pais não obterão seus desejos com respeito a eles; pois eles esperaram por vida eterna. (1 Enoque 9:13-14)

Pode-se deduzir o mesmo em relação ao fato de Gêneses 6 não ter relatado o dilúvio como juízo divino para punir os Sentinelas, posto que a sentença também fora diferente, ou seja, eles iriam presenciar a morte dos seus filhos (os nephilins) o que se deu antes do dilúvio, na guerra “nephiliana”, e, em seguida, seriam aprisionados de baixo da Terra. Miguel foi o responsável em transmitir a sentença a Samyaza e aos seus companheiros:

Depois o Senhor falou a Miguel: Vai e anuncia o castigo a Samyaza, e aos outros que estão com ele, os quais têm se associado às mulheres para que se contaminem com toda sua impureza. E quando todos os seus filhos forem mortos, quando eles virem a perdição dos seus bem amados, amarra-os por setenta gerações debaixo da terra, mesmo até o dia do julgamento, e da consumação, até o julgamento, cujo efeito que dura para sempre, seja completado. Então eles serão levados para as mais baixas profundezas do fogo em tormentos; lá eles serão encerrados em confinamento para sempre. (1 Enoque 9:15-17)

2.3.1 Presença da narrativa dos Vigilantes em escritos judaicos

Existe uma vasta literatura judaica que faz alusão a narrativa dos Vigilantes. Nesta seção faremos menção de vários textos com o objetivo de ilustrar a presença marcante de Enoque no judaísmo intertestamentário. Um primeiro livro chama-se “O livro dos Jubileus”, considerado uma produção do II a.C., possui várias reminiscências do relato enoquiano, a seguir veremos alguns fragmentos da obra:

E quando as filhas dos homens se multiplicaram sobre a face da terra, esposas se tornaram para eles, porque os anjos do Senhor viram, em certa era dos dias daquele Jubileus, que eram boas para olhar. E eles tomaram mulheres para eles mesmos de acordo com a escolha de cada um (Jub 5:1)⁷

Devido a fornicção dos Vigilantes a qual, à parte das suas obrigações, praticaram com as filhas dos homens e tomaram para eles esposas de todas que escolhiam assim começou a impureza. Eles conceberam filhos... Gigantes mataram... e o homem seus vizinho... Pecaram contra os animais da terra. (Jub 7:21-24)

No Testamento dos Doze Patriarcas (cerca do séc. II a.C.), mais precisamente no testamento de Rubens 5:4-5 está escrito:⁸

De outra forma uma mulher nunca poderia subjugar um homem. Fugi da prostituta, meus filhos! Proibi vossas mulheres e vossas filhas de enfeitarem a cabeça e o rosto! Pois toda mulher que recorre a esses ardis atrai sobre si o castigo eterno. Foi dessa maneira que elas também enfeitiçaram os Guardiões antes do dilúvio. Eles olhavam-nas constantemente, e assim conceberam o desejo por elas.

No testamento de Naftali (presente no testamento dos Doze Patriarcas), lemos que Naftali ordena os seus filhos a não mudarem a ordem da lei de Deus, segundo fizeram os vigilantes, e usa como exemplo o Sol, a Lua e as estrelas que não mudam sua ordem:

“Mas vós meus filhos não sejam como falarei:... Da mesma forma os Vigilantes outrora subverteram a ordem da natureza;... Por essa culpa o Senhor ordenou que a terra ficasse sem habitante ou fruto.” (Test. de Naf. 3:5)⁹

Os Oráculos Sibilinos, livro que acredita-se ser de origem judaica datado a partir do segundo século a.C. também descreve imagens que estão em convergência com o Livro dos Vigilantes:

Estes estavam preocupados com atos justos, nobre atividade, orgulhosa honra e sabedoria inteligente. Eles tinham práticas habilidosas de todo tipo, descobriam invenções para suas necessidades. Um descobriu como cultivar a terra com arado, outro carpintaria, outro se ocupava com a navegação, outro astronomia e adivinhação pelos pássaros, outros medicina, novamente outro mágica. Cada um se ocupava com aquilo que lhes interessava. Vigilantes empreendedores, os quais receberam este apelo porque eles tinham uma mente inquieta. Eles eram poderosos, de grande estatura, mas, apesar disso, eles foram para a pavorosa casa do Tártaro, presos por correntes inquebráveis, para retribuir-lhes, o Geena do terrível, altíssimo, eterno fogo. (Ora. Sib. I:89-103)¹⁰

Um importante documento que trás a memória o relato dos Vigilantes é Documento de Damasco (CD) datado do séc. II a.C. Ele faz uma citação direta a história dos Vigilantes:

7 Fonte do texto: WINTERMUT. O. S. Jubilees. A New Translation and Introduction. In: CHARLESWORTH, James H. The Old Testament Pseudepigrapha. Vol II. Tradução para o português: Kenner Terra

8 Fonte do texto: KEE, H.C. Testaments of the Twelve Patriarchs. A New Translation and Introduction. In: The Old Testament Pseudepigrapha. Vol II. Tradução para o português: Kenner Terra

9 VANDERKAM, James C. Enoch, a Man for All Generations. P.147

10 Fonte do Texto: COLLINS, John J. Sibylline Oracles. A New Translation and Introduction. In: CHARLESWORTH, James H. The Old Testament Pseudepigrapha. Vol II. Tradução para o português: Kenner Terra

Agora pois filhos meus, escutai-me e eu abrirei vossos olhos para que vejais e compreendais as obras de Deus, para que escolhais aquilo que vos compraz e rejeiteis o que odeia, para que caminheis perfeitamente por todos os seus caminhos e não vos deixeis arrastar pelos pensamentos da inclinação culpável e dos olhos luxuriosos. Pois muitos se extraviaram por estas coisas; heróis valorosos sucumbiram por sua causa desde tempos antigos até agora. Por ter caminhado na obstinação de seus corações os Vigilantes dos céus caíram; por ela se enredaram, pois não observaram os preceitos de Deus. O mesmo que caíram seus filhos cuja a altura era como a dos cedros e cujos corpos eram como montanhas. Toda carne que havia na terra seca pereceu e foi como que não houvera existido, por ter feito seus caprichos e não ter observado os preceitos de seu criador até que sua ira se acendeu contra eles. (CD-A, Col. II: 14-21)¹¹

O documento “Período da Criação” possui o seguinte conteúdo referente a narrativa dos Vigilantes:

Interpretação sobre Azazel e os Anjos que foram as filhas dos homens e geraram delas gigantes. E sobre Azazel que os extraviou no erro para amar a iniquidade e para fazê-los herdar a maldade todos os seus períodos, para a destruição pelo zelo dos juízos e o juízo do conselho de... (4Q180 Frag. 1:1-10)¹²

Na seqüência trazemos o livro de 2 Baruc: A destruição de Jerusalém em 587 a.C. é datada por este apocalipse como a ocasião de seu escrito, porém segundo o Apocalipse siríaco de Baruc, aponta para uma redação posterior a queda do templo em 70 d.C. O texto em apreço se encontra em 2 Baruc 56:7-10:

O que poderia, porém, ser mais tenebroso e hediondo que estas coisas? Esse é o princípio das águas negras que você viu, e dessas águas negras novamente a escuridão nasceu, e uma escuridão muito escura se originou. E para aquela que já era um perigo para si foi também um perigo para os anjos. Porque eles foram criados naquele tempo com livre arbítrio. E alguns deles desceram e se misturaram com mulheres. Naquele tempo os que agiram desta maneira foram atormentados em prisões. Contudo o restante da multidão dos anjos, inumeráveis, contiveram-se. E os que viviam sobre a terra pereceram juntamente por meio das águas do dilúvio.¹³

No Livro de II Enoque, existe um relato, dependente de I Enoque, que traz também a presença da crença dos Vigilantes, porém, com uma mudança de nomes em alguns personagens. Os vigilantes são chamados de Grigori e o líder dos anjos na rebelião de Satanael:

Por que estão tão tristes e seus rostos tão compungidos e suas bocas taciturnas e por que não há serviço neste céu? E me responderam os dois varões: Estes são os Grigori que se apostataram do Senhor – Duzentos miríades no total – juntamente com o seu príncipe Satanael, e os que seguiram seus passos se encontram agora acorrentados numa esfera negra no segundo céu. Estes são os que desceram do trono do Senhor para terra, um lugar chamado Hermón, onde fizeram a promessa em cima do monte Hermón, manchando a terra com suas transgressões. As filhas dos homens cometeram muitas abominações em todas as

11 COLLINS, J. J. Seers, Sibyls and Sages in Hellenistic-Roman Judaism. p. 291.

12 GARCÍA MARTÍNEZ, Florentino e TIGCHELAAR, Eibert J. C. The Dead Sea Scrolls Study Edition. Vol.1. Leiden/Boston/Kön/Grand Rapids/ Cambridge, Brill/Eerdmanns, 2000. Tradução para o português: Kenner Terra.

13 KLIJN, A. F. J. 2 (Syriac Apocalypse of) Baruch... p. 641

épocas deste século, violando as leis, misturando-se com eles e gerando os grandes gigantes, os monstros e a grande iniquidade. E por esta razão o Senhor os condenou em um grande juízo, enquanto eles choram por seus irmãos e esperam sua confusão no grande dia do Senhor. Então disse aos Grigori: Eu vi seus irmãos e suas obras, seus tormentos e suas orações; eu roguei também por eles, mas Deus os condenou a estarem debaixo da terra até o fim da terra e do céu para sempre. (2 Enoque 7:4-10)¹⁴

O Livro dos Sonhos (um dos cinco livros presentes em I Enoque) trás uma referência a narrativa dos Vigilantes. Neste livro a história do mundo é dividida em três partes que podem ser assim agrupadas: Da criação ao juízo diluviano (I Enoque 85-88), 58); A era pós-diluviana (I Enoque 89); e o julgamento final e seus desdobramentos (I Enoque 90).

No escrito é notório o uso da figura dos animais e de estrelas para representar os personagens da trama. Segundo Araújo (2009, p.13), os Vigilantes são apresentados como estrelas decaídas, os seres humanos como gado (bezerra ou vaca: mulheres e touros:homens ou vigilantes caídos) e os gigantes como sendo camelos, elefantas e asnos.

O livro descreve que a primeira estrela a cair foi Azazel. Na sequência outras estrelas (anjos ou Vigilantes) o seguem e junto com ele tornam-se touros que procuram as bezerras, gerando camelos, elefantas e asnos (gigantes). Esta nova espécie torna-se fonte de medo e terror para a humanidade que é consumida antes de devorarem uns aos outros. A seguir Enoque é levado aos céus onde poderá testemunhar o julgamento e o destino dos Vigilantes, dos gigantes e da humanidade.

Os documentos achados em Qumran são de grande importância para respaldar a influência do Livro dos Vigilantes no pensamento judaico e cristão da época. Percebe-se que a influência de Enoque em Qumran é evidente pela grande quantidade de escritos que os qumranitas utilizaram provenientes de I Enoque. (ARAÚJO, 2009, p17)

Segundo Nickelsburg (2001, p.77) a grande proliferação de textos relacionados ao escrito de I Enoque, em parte, é fruto da apreciação e autoridade que este texto possuía sobre os membros da comunidade de Qumran, provando ser Enoque uma narrativa de grande influências neste período histórico.

Desejamos concluir esta seção apresentando uma tabela com 4 trechos de três documentos encontrados em Qumran (foram descobertos 21 manuscritos) que fazem menção à história dos Vigilantes: (MARTINEZ, 1995)

14 OTERO, A. Santos. Livro de Los Secretos de Henoc (Henoc estavo)... p. 169. Na tradução do OTP o texto está referenciado em 18:1-7. Cf. ANDERSEN, F.I.2 (Slavonic Apocalypse of) Enoch...p. 131-132. Tradução para o português: Kenner Terra.

Tabela 2: Documentos de Qumran

4Q180 Frag. 1,7-10:	“Interpretação de sobre Azazel e os anjos que foram às filhas de homem e geraram gigantes. E sobre Azazel que os extraviou no erro para amar a iniquidade e para fazê-los herdar a maldade todos os seus períodos”
1QapGn Col.II,1-2: 1QapGn Col.II,12-17:	“Eis que então pensei em meu coração que a concepção era obra dos vigilantes, e a gravidez dos Santos, e pertencia aos Gigantes. “Quando percebeu Bitenos, minha mulher, que se havia mudado meu semblante, então ela reprimiu sua ira, falando-me e dizendo-me: Oh meu senhor e irmão... eu te juro pelo Grande Santo, pelo Rei dos céus... que de ti vem esta semente, de ti vem esta gravidez, de ti vem a semente deste fruto, e não de nenhum estrangeiro, nem Vigilante...”
1Q23 frag. 8:1-14:	“Cópia da segunda tabuinha da epístola escrita pela mão de Enoque, o escriba distinto e santo, a Shemiaza e a todos os seus companheiros... elas e seus filhos e as mulheres de seus filhos por vossa prostituição na terra. Suceder-vos-á... e vos acusa a vós pelas obras e vossos filhos a corrupção com a qual tendes corrompido... até a vinda de Rafael. Eis que haverá destruição... os que há nos desertos e os que há nos mares.”

2.4 Enoque e a petição dos Vigilantes

Sabedores da sentença que pesava sobre eles, os Sentinelas buscaram cativar Enoque para que ele intercedesse diante de Deus por suas vidas:

E ficaram aterrorizados e tomados de tremor: E suplicaram para que eu escrevesse por eles um memorial de súplica, para que pudessem obter perdão; e que eu fizesse um memorial de suas orações ascendendo diante do Deus do céu; porque eles, por si mesmos, desde então não podiam dirigir-se a Ele, nem levantar seus olhos aos céus por causa da infame ofensa com a qual eles foram julgados. (I Enoque 13:5-6)

Enoque compadecido escreve as petições(orações) dos Vigilantes buscando conquistar o perdão de Deus: “Então eu escrevi um memorial de suas orações e súplicas,

por seus espíritos, por tudo o que eles haviam feito, e pelo assunto de sua solicitação, para que eles obtivessem remissão e descanso” (I Enoque 13:7). Porém, o pedido não foi atendido:

E compreendi com o coração. Da mesma forma que o Senhor havia criado e dado aos homens o poder de compreender a palavra de entendimento, assim criou, e deu a mim o poder de reprovar os Sentinelas, a geração dos céus. E escrevi sua petição; e na minha visão foi-me mostrado que seu pedido não lhes será atendido enquanto o mundo perdurar. Julgamento passou sobre vós: vosso pedido não vos será atendido. De agora em diante, nunca ascendereis ao céu; Ele o disse que na terra Ele vos amarrará, tanto tempo quanto o mundo existir. (I Enoque 14:2-4)

Na seqüência da narrativa Deus manda Enoque levar um recado para os Sentinelas, reprovando a baixeza do seu comportamento em pedir socorro a um humano, quando eles eram quem deveriam rogar pelos homens: “Então dirigindo-se a mim, falou-me da seguinte forma: Ouve, não se atemorize, justo Enoque, tu escriba da retidão: aproxima-te para cá, e ouve a minha voz. Vai, dize às Sentinelas do céu, a quem te enviei para rogar por eles; tu deves rogar pelos homens, e não os homens por ti.” (I Enoque 15:1)

É interessante que, logo a seguir, Deus permite que os sentinelas possam casar com as mulheres mas a permissão é dada em tom de reprovação, como se fossem os últimos instantes de alegria reservados aqueles que resolveram abdicar de um estado sublime, para viver a limitação existencial em rebeldia consciente ao Criador. Os Sentinelas, que eram santos, possuidores de eternidade e moravam em um sublime céu, resolveram se envolver com mortais, corrompendo a qualidade celeste de sua natureza, aceitando viver um projeto inferior de existência sujeitos a severas punições:

Por que abandonastes o sublime e santo céu, o qual permanece para sempre; para tornar-vos impuros com as mulheres; vos corrompestes com as filhas dos homens; tomastes para ti esposas; agistes igual aos filhos da terra, e gerastes uma ímpia descendência. Sois espirituais, santos, e possuidores de uma vida que é eterna; vos contaminastes com mulheres, procriastes em sangue carnal; cobiçastes o sangue de homens; e fizestes como aqueles *que são* carne e sangue fazem. Estes, contudo, morrem e perecem. Portanto, de agora em diante Eu dou-vos esposas, para que possais coabitar com elas; para que filhos nasçam delas; e que isto seja negociado sobre a terra. Mas desde o princípio fostes feitos espirituais, possuindo uma vida que é eterna, e não sujeito à morte para sempre. Portanto, eu não fiz esposas para vós, porque, sendo espirituais, vossa habitação está no céu. (I Enoque 15:2-7)

O texto de Enoque também apresenta um relato interessante sobre os Nephilins. É dito que a morte dos gigantes liberaria seus espíritos malignos, cheios de maldade, que teriam sua morada na terra, posto que dela procederam, existindo em oposição aos seres humanos:

Os gigantes que têm nascido de espírito e de carne, serão chamados sobre a terra de maus espíritos, e sua morada será na Tera. Maus espíritos procederão de sua carne, porque eles foram criados de cima; dos santos Sentinelas foi seu princípio e a sua primeira fundação. Maus espíritos eles serão sobre a terra, e de espíritos da maldade eles serão chamados. A habitação dos espíritos do céu será no céu, mas sobre a terra estará a habitação dos espíritos terrestres, os quais são nascidos na terra. Os espíritos dos gigantes serão semelhantes às nuvens, os quais oprimem, corrompem, caem, contendem e confundem sobre a terra. Eles causarão lamentação. Nenhuma comida eles comerão; e terão sede; eles se esconderão e não se levantarão contra os filhos dos homens, e contra as mulheres. Pois eles virão durante os dias da matança e da destruição. E quanto à morte dos gigantes, onde quer que seus espíritos se apartem de seus corpos; e sua carne será destruída antes do julgamento. (I Enoque 15:9-16:1)

No texto bíblico encontramos várias referências aos espíritos malignos. De acordo com a Bíblia estes seres também possuem a capacidade de habitar corpos, como veremos em alguns relatos onde é dito que Jesus expulsou espíritos malignos de pessoas. Em Lucas 7:21 está registrado: “Naquela mesma hora, curou Jesus muitos de moléstias, e de flagelos, e de espíritos malignos; e deu vista a muitos cegos.”

Terra (2010, p.49) partindo do estudo da passagem de I Enoque 15, elaborou uma seqüência de características que seriam pertencentes aos espíritos maus ou demônios:

- 1 – são desencarnados;
- 2 - geram problemas aos homens;
- 3 – são possuidores de uma natureza impura;
- 4 – são espíritos;
- 5 – são responsáveis por vários males;
- 6 – são grandes e fortes;
- 7 – violentos;
- 8 – estão relacionados;
- 9 – vagam sobre a terra;
- 10 – são muitos.

A partir de Lucas 8:2 podemos inferir que quando a Bíblia fala de espírito maligno referindo-se a demônios. O que nos leva a concluir, baseado em I Enoque, que os demônios são os espíritos dos gigantes ou nephilins desencarnados: “e também algumas mulheres que haviam sido curadas de **espíritos malignos** e de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete **demônios**.” (grifo do autor)

2.5 Primeira jornada de Enoque

No capítulo 17 a narrativa descreve Enoque dando início a uma jornada guiado por anjos, que o levam a um lugar onde os que nele estavam podiam assumir outras formas: “me levaram a um lugar que onde os que estão são como fogo abrasador, e quando querem, se aparecem como anjos” (I Enoque 17:1). Nesta primeira jornada ele vê os anjos que se casaram com as mulheres e levaram os homens a adorarem demônios.

No Novo Testamento encontramos um texto paulino onde ele está a criticar falsos apóstolos. Seu argumento aponta para a metamorfose do diabo: “os tais são falsos apóstolos, obreiros fraudulentos, transformando-se em apóstolos de Cristo. E não é de admirar, porque o próprio Satanás se transforma em anjo de luz” (II Co 11:13-14). Possivelmente, ao falar que o Diabo pode se transformar em anjo de luz, Paulo esteja fazendo referência ao Livro dos Vigilantes.

No texto de Enoque 18:16 encontramos uma referência ao ano secreto apontando para o dia do juízo, onde as estrelas (anjos) que estão amarradas serão julgados por seus crimes. “As estrelas que rolam sobre fogo são aquelas que transgrediram o mandamento de Deus antes que seu tempo chegasse; pois elas não vieram em sua própria estação. Portanto, Ele ofendeu-se com elas, e amarrou-as até o período da consumação dos seus crimes **no ano secreto**” (1 Enoque 18:16). Este pode ser um texto que está por trás da fala de Jesus quando fala da sua vinda secreta: “Mas a respeito daquele dia e hora(do seu retorno) ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai.” (Mt 24:36) (parênteses do autor)

Em 1 Enoque encontramos uma referência que atribui aos Vigilantes o ensino da adoração a outros deuses. Estes deuses são tidos como demônios e apontam para anjos caídos: “Assumindo muitas formas fizeram com que os homens se desviassem e errassem; assim eles sacrificaram aos demônios como aos deuses. Pois no grande dia haverá um julgamento, no qual eles serão julgados, até que sejam consumidos” (1 Enoque 19:2)

No novo testamento, existe o registro do apóstolo Paulo afirmando que os cristãos irão julgar os anjos. O texto se encontra em I Co 6:3 e diz: “Não sabeis que havemos de julgar os próprios anjos? Quanto mais as coisas desta vida”. Tomando como base o texto de I Enoque supracitado, podemos levantar a hipótese de que ele está se referindo aos anjos caídos e que o motivo pelo qual os cristãos irão julgar seres angelicais, segundo o seu pensamento, é por causa que eles foram responsáveis em trazer graves problemas aos humanos.

2.6 Segunda jornada de Enoque

Após uma descrição, no capítulo 20, de sentinelas fieis a Deus, o capítulo 21 trás o prolongamento da viagem de Enoque, que alguns denominaram de segunda jornada de Enoque. Na seqüência ele vai até o caos, que é descrito como um “lugar deserto e terrível”. Seu companheiro neste momento é o Sentinela Uriel. Naquele lugar, encontravam-se anjos que tinham pecado contra Deus e por isso tinham sido aprisionados por toda eternidade. Nos capítulos 22 a 27 Enoque é levado a vários lugares. Ele vê montes esplendorosos, árvores aromáticas e um vale maldito.

Os capítulos seguintes apresentam Enoque conhecendo mais árvores aromáticas e encontrando a árvore do conhecimento que está localizada no paraíso montanhoso de Deus. Depois de passar pelo paraíso, ele ver enormes bestas e faz uma comparação a aves. Ele percorre norte, leste e sul e retorna ao leste. O texto finaliza-se com uma doxologia, onde o nome do Senhor é reverenciado.

Segundo o Livro dos Vigilantes, a rebelião contra Deus não é efetuada por todos os Sentinelas. O texto apresenta um grupo que está empenhado em servir a Deus e descreve as funções distintas de cada um. É considerável percebermos a classificação das funções, pois, elas apontam para a crença presente no imaginário dos judeus e, posteriormente, dos cristãos sobre a organização dos anjos (parênteses do autor):

Os nomes dos anjos Sentinelas são: Uriel, um dos santos anjos, o qual preside sobre o clamor e o terror. Rafael, um dos santos anjos, o qual preside sobre os espíritos dos homens. Raguel, um dos santos anjos, o qual inflige punição ao mundo e às luminárias(ou estrelas, referência a anjos caídos). Miguel, um dos santos anjos, o qual, presidindo sobre a virtude humana, comanda as ações. Sarakiel, um dos santos anjos, o qual preside sobre os espíritos dos filhos dos homens que transgridem. Gabriel, um dos santos anjos, o qual preside sobre a Serpente, sobre o paraíso e sobre querubins. (I Enoque 20)

Uma idéia que podemos conjecturar à partir do texto é que os Sentinelas que permaneceram fieis a Deus dominam sobre anjos caídos (luminárias ou estrelas), sobre os querubins (espécie de anjos) e sobre a Serpente que é um símbolo de Satanás o líder dos demônios caídos. A narrativa bíblica trás alguns textos que falam de exército e estrelas como que se referindo a anjos.

Segundo Grudem (1999, p.323) o texto de Neemias 9:6, quando fala de “exércitos”, está se referindo a anjos. O texto diz: “Só tu és Senhor, tu fizeste o céu, o céu dos céus e todo os seu exército, a terra e tudo quando nela há, os mares e tudo quanto há neles; e tu os preservas a todos com vida, e o exército dos céus te adora”. O texto bíblico, também, fala de estrelas cantando: “quando as estrelas da alva, juntas, alegremente cantavam, e rejubilavam todos os filhos de Deus” (Jó 38:7). Comparando estes textos, percebe-se que a palavra

“exército” e “estrela” podem ser tomadas como sinônimo e que, alegoricamente, como interpretam teólogos, estão simbolizando anjos.

No texto de I Enoque, as luminárias, apontando para anjos caídos, são afligidas por um Sentinela chamado Raguel. Além desta percepção, verifica-se no texto que os sentinelas possuem autoridade sobre a “serpente”. É dito que Gabriel “preside sobre a serpente” (I Enoque 20:7)

A Bíblia projeta a serpente como sendo uma referência a Satanás: “Mas a serpente, mais sagaz que todos os animais selváticos que o SENHOR Deus tinha feito, disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?” (Gn 3:1). Em Apocalipse encontramos na hermenêutica joanina o entendimento do que seria esta serpente: “E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos.” (Ap 12:9).

I Enoque também aponta para Gabriel dominando os querubins. Na Bíblia encontramos alguns relatos referentes a querubins. O primeiro se encontram em Gn 3:24: “E, expulso o homem, colocou querubins ao oriente do jardim do Éden e o refulgir de uma espada que se revolvia, para guardar o caminho da árvore da vida”. O texto bíblico diz que o propósito dos querubins era impedir o acesso a árvore da vida, o que concederia vida eterna aos homens. Eles, também, estavam em cima do propiciatório da arca:

Farás dois querubins de ouro; de ouro batido os farás, nas duas extremidades do propiciatório; um querubim, na extremidade de uma parte, e o outro, na extremidade da outra parte; de uma só peça com o propiciatório fareis os querubins nas duas extremidades dele. Os querubins estenderão as asas por cima, cobrindo com elas o propiciatório; estarão eles de faces voltadas uma para a outra, olhando para o propiciatório. (Ex 25:18-20)

O propósito do propiciatório era proporcionar uma espaço sagrado onde Deus iria se manifestar para se comunicar com o Sumo Sacerdote: “Ali, virei a ti e, de cima do propiciatório, do meio dos dois querubins que estão sobre a arca do Testemunho, falarei contigo acerca de tudo o que eu te ordenar para os filhos de Israel.” (Ex 25:22)

Além do propiciatório, existiam cortinas no tabernáculo que tinham estampas de anjos gravadas em seu tecido: “Farás o tabernáculo, que terá dez cortinas, de linho retorcido, estofado azul, púrpura e carmesim; com querubins, as farás de obra de artista” (Ex 26:1). Também no véu, que separava o Santo Lugar dos Santo dos Santos, existia gravuras de querubins: “Farás também um véu de estofado azul, e púrpura, e carmesim, e linho fino retorcido; com querubins, o farás de obra de artista.”

Porém, qual o sentido da criação dos querubins de ouro e das cortinas com querubins gravados? Provavelmente era uma espécie de projeção daquilo que era entendido como Céu,

ou seja, a idéia de que existia um lugar onde Deus estava entronizado, cercado de anjos que se inclinavam diante de sua presença. “Mandou, pois, o povo trazer de Siló a arca do SENHOR dos Exércitos, entronizado entre os querubins; os dois filhos de Eli, Hofni e Finéias, estavam ali com a arca da Aliança de Deus.” (I Sm 4:4)

A história dos Vigilantes continua e no capítulo 21 lemos o episódio que marca o início daquela que é considerada a segunda viagem de Enoque. Segundo este relato Enoque está acompanhado de santos anjos (Sentinelas) que o levam para vários lugares. Na medida em que conhece estes lugares Enoque faz pergunta e recebe respostas dos Sentinelas:

Percorri um longo percurso para alcançar um lugar no qual nada estava completo. E lá eu não vi nem as tremendas manufaturas do um céu exaltado, nem de uma terra estabelecida, mas um lugar desolado, preparado e terrível. Lá também **vi sete estrelas do céu amarradas juntas**, semelhantes a grandes montanhas, e semelhante ao fogo fervente. Eu exclamei: Por que espécie de crime elas foram amarradas, e por que foram removidas de seu lugar? Então Uriel, um dos santos anjos que estava comigo, e o qual conduzia-me, respondeu: Enoque, por que perguntas; por que arrazoas consigo mesmo, e ansiosamente indagas? Estas são aquelas **estrelas que transgrediram o mandamento do altíssimo Deus**; e estão aqui amarradas, até que o número infinito dos dias dos seus crimes esteja completo. Dali eu passei depois para um outro lugar terrível; Onde eu vi a operação de um grande fogo flamejante e resplandecente, no meio do qual havia uma divisão. Colunas de fogo lutando juntas para o fim do abismo, e profunda era sua descida. Mas sua medida e magnitude eu não fui capaz de descobrir, nem pude perceber sua origem. Então exclamei: Quão terrível é este lugar, e quão difícil explorá-lo! Uriel, um dos santos anjos que estava comigo, respondeu e disse: Enoque, por que estás alarmado e maravilhado com este terrível lugar, à vista deste lugar de sofrimento? Isto, disse ele, é a **prisão dos anjos**; e aqui eles serão mantidos para sempre. (grifos do autor)

É interessante notarmos a relação entre estrelas e anjos, pois, o mesmo acontece no texto bíblico de apocalipse. O autor em um primeiro momento utiliza-se da figura das estrelas e no final revela o seu significado. Este estilo de escrita é comum nos escritos apocalípticos. Um exemplo desta forma de escrita se encontra em Ap 1:12-20. João narra que viu sete estrelas e sete candeeiros e no final do relato a interpretação é dada:

Voltei-me para ver quem falava comigo e, voltado, vi **sete candeeiros** de ouro e, no meio dos candeeiros, um semelhante a filho de homem, com vestes tálares e cingido, à altura do peito, com uma cinta de ouro. A sua cabeça e cabelos eram brancos como alva lã, como neve; os olhos, como chama de fogo; os pés, semelhantes ao bronze polido, como que refinado numa fornalha; a voz, como voz de muitas águas. **Tinha na mão direita sete estrelas**, e da boca saía-lhe uma afiada espada de dois gumes. O seu rosto brilhava como o sol na sua força. Quando o vi, caí a seus pés como morto. Porém ele pôs sobre mim a mão direita, dizendo: Não temas; eu sou o primeiro e o último e aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do inferno. Escreve, pois, as coisas que viste, e as que são, e as que hão de acontecer depois destas. Quanto ao mistério das sete estrelas que viste na minha mão direita e aos **sete candeeiros de ouro, as sete estrelas são os anjos das sete igrejas, e os sete candeeiros são as sete igrejas**.

Na seqüência Enoque é transportado para um lugar deleitoso onde os espíritos ou almas dos justos estão aguardando o dia do julgamento e clamando por vingança. O relato,

também, diz que há separação entre as almas dos justos e injustos. Os injustos ao morrerem ficam aguardando em sofrimento o dia do grande julgamento onde sofrerão eternamente:

Dali eu fui para outro lugar, onde vi do lado ocidental uma grande e elevada montanha, uma forte rocha, e quatro lugares deleitosos. Internamente ele era profundo, espaçoso e plano: ele era profundo e escuro à vista. Então Rafael, um dos santos anjos que estava comigo, respondeu e disse: Estes são os lugares deleitosos onde os espíritos, as almas dos mortos, serão reunidos; para eles ele foi formado e aqui serão reunidas todas as almas dos filhos dos homens. Estes lugares, nos quais habitam, eles ocuparão até o dia do julgamento, e até seu período escolhido. Seu período escolhido será longo, mesmo até o grande julgamento. E vi os espíritos dos filhos dos homens que estão mortos; e suas vozes rompem o céu, enquanto eles são acusados. Então inquiri de Rafael, o anjo que estava comigo, e disse: Que espírito é aquele, a voz do qual alcança o céu, e acusa? Ele respondeu, dizendo: Este é o espírito de Abel o qual foi morto por Caim seu irmão; o qual acusará aquele irmão, até que sua semente seja destruída da face da terra; Até que sua semente desapareça da semente da raça humana. Naquele tempo portanto eu inquiri a respeito dele, e a respeito do julgamento geral, dizendo: Por que um está separado ou outro? Ele respondeu: Três *separações* foram feitas entre os espíritos dos mortos, e assim os espíritos dos justos foram separados, Nomeadamente, *por* uma fenda na terra, *por* água, e *por* luz acima dela. E da mesma maneira os pecadores são separados quando morrem, e são sepultados na terra; julgamento não os surpreenderá em seu tempo de vida. Aqui suas almas estão separadas. Além disso, abundante é seu sofrimento até o tempo do grande julgamento, o castigo, e o tormento daqueles que eternamente execraram, cujas almas são munidas e amarradas lá para sempre. E assim tem sido desde o princípio do mundo. Assim, existe uma separação entre as almas daqueles que proferem reclamações, e daqueles que vigiam pela sua destruição, para sua matança no dia dos pecadores. Um receptáculo deste tipo foi formado para as almas dos injustos, e dos pecadores; daqueles que cometeram crime, e se associaram aos ímpios, com os quais eles se assemelham. Suas almas não serão aniquiladas naquele dia de julgamento, nem se levantarão deste lugar. Então eu bendisse a Deus. (I Enoque 21:1-14)

Ainda em Apocalipse encontramos uma passagem que lembra o capítulo 21 de Enoque. Na passagem as almas dos que foram mortos injustamente, por causa do testemunho do evangelho, estão a clamar a Deus por vingança e lhes é dito para aguardarem mais um pouco até que o número de mártires fosse completado:

Quando ele abriu o quinto selo, vi, debaixo do altar, as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentavam. Clamaram em grande voz, dizendo: Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas, nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra? Então, a cada um deles foi dada uma vestidura branca, e lhes disseram que repousassem ainda por pouco tempo, até que também se completasse o número dos seus conservos e seus irmãos que iam ser mortos como igualmente eles foram. (Ap 6:9-11)

Nos evangelhos existem relatos que também apontam para o capítulo 21 de Enoque. Um exemplo se encontra no evangelho de Lucas capítulo 16:19-29, onde está registrado a parábola do rico e do Lázaro que é atribuída a Jesus. Este texto dá a idéia que após a morte existe uma separação entre os servos de Deus (na parábola o mendigo) e os ímpios (descrito na parábola como sendo o rico). Logo após a morte o mendigo vai para o lugar de leite e o rico para o lugar de tormento. O pensamento é muito semelhante ao do livro dos vigilantes: separação entre justos e injustos e punição dos injustos.

Ora, havia certo homem rico que se vestia de púrpura e de linho finíssimo e que, todos os dias, se regalava esplendidamente. Havia também certo mendigo, chamado Lázaro, coberto de chagas, que jazia à porta daquele; e desejava alimentar-se das migalhas que caíam da mesa do rico; e até os cães vinham lambê-lo as úlceras. Aconteceu morrer o mendigo e ser levado pelos anjos para o seio de Abraão; morreu também o rico e foi sepultado. No inferno, estando em tormentos, levantou os olhos e viu ao longe a Abraão e Lázaro no seu seio. Então, clamando, disse: Pai Abraão, tem misericórdia de mim! E manda a Lázaro que molhe em água a ponta do dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama. Disse, porém, Abraão: Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro igualmente, os males; agora, porém, aqui, ele está consolado; tu, em tormentos. E, além de tudo, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que querem passar daqui para vós outros não podem, nem os de lá passar para nós.

Após uma breve conversa com o Sentinela Raguel, Enoque vê montanhas, uma ao Centro (provavelmente uma referência a Jerusalém) sempre resplandecente, de pedras brilhantes e uma árvore de um cheiro agradável, mais cheirosa do que todas as outras, cuja folha não murchavam nem a sua flor, o seu fruto era belo e delicioso e continuamente exalava um perfume agradabilíssimo. Enoque pergunta sobre a árvore e Miguel responde que é uma árvore especial (ao que parece é a árvore da vida) que será dada ao eleito (uma suposta referência ao messias) e dela poderão usufruir os santos.

Dali fui para outro lugar, e vi uma montanha de fogo que resplandecia de dia e de noite. Fui em direção a ela e percebi sete esplêndidas montanhas, as quais eram diferentes umas das outras. Suas pedras eram brilhantes e belas; todas eram brilhantes e esplêndidas à vista e formosa era sua superfície. Três *montanhas* estavam em direção ao leste, consolidadas e fortalecidas por estarem colocadas uma sobre a outra; três estavam em direção ao sul, consolidadas de maneira similar. Três eram igualmente vales profundos, os quais não se acercavam uma da outra. A sétima montanha estava no meio delas. Em comprimento elas todas se assemelhavam ao assento de um trono, e árvores odoríferas rodeavam-nas. Entre estas havia uma árvore de um odor incessante; nem daquelas que estavam no Éden, havia lá alguma, de todas as árvores de fragrância, que cheirava como esta. Suas folhas, suas flores, nunca ficam murchas, e seu fruto era belo. Seu fruto assemelhava-se ao cacho da palmeira. Eu exclamei: Vê! Esta árvore é vistosa de aspecto, agradável em suas folhas, e o aspecto de seus frutos é delicioso à vista. Então Miguel, um dos santos anjos que estava comigo, e *um* dos que presidem sobre elas, respondeu, E disse: Enoque, por que inquires a respeito do odor desta árvore? *Por que* estás inquisitivo para sabê-lo? Então eu, Enoque, respondi-lhe, e disse: Concernente a tudo eu estou desejoso de instrução, mas particularmente com respeito a esta árvore. Ele respondeu-me dizendo: A montanha que tu vês, o prolongamento da qual assemelha-se ao assento do Senhor, será o assento no qual se assentará o Santo e grande Senhor da glória, o eterno Rei, quando Ele virá e descerá para visitar a terra com bondade. E aquela árvore de agradável aroma, não de um odor carnal; lá ninguém terá poder para tocá-la até o tempo do grande julgamento. Quando todos serão punidos e consumidos para sempre; isto será conferido sobre os justos e humildes. O fruto da *árvore* será dado ao eleito. Pois em direção ao norte, vida será plantada no santo lugar, em direção à habitação do eterno Rei. Então eles se regozijarão grandemente e exultarão no Santo. O doce odor entrará em seus ossos; e eles viverão uma longa vida na terra como seus antepassados; em seus dias não haverá tristeza, angústia, aborrecimento e nem punição os afligirá. E eu abençoei o Senhor da glória, o eterno Rei, porque ele preparou *esta árvore* para os santos, formou-a, e declarou que Ele a daria para eles. (I Enoque 24)

Em apocalipse encontramos mais dois textos que, colocado em paralelo com Enoque 24, apresentam várias semelhanças. Os textos dizem:

Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram. E aquele que está assentado no trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E acrescentou: Escreve, porque estas palavras são fiéis e verdadeiras. (Ap 21:3-5)

Então, me mostrou o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro. No meio da sua praça, de uma e outra margem do rio, está a árvore da vida, que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a cura dos povos. Nunca mais haverá qualquer maldição. Nela, estará o trono de Deus e do Cordeiro. Os seus servos o servirão, contemplarão a sua face, e na sua frente está o nome dele. Então, já não haverá noite, nem precisam eles de luz de candeia, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e reinarão pelos séculos dos séculos. (Ap 22:1-5)

Quando comparados, fica notória a idéia de paz eterna, ambos os textos falam de uma árvore sagrada que abençoa aqueles que dela fazem uso. Eles usufruem do fruto, de luz contínua, de paz eterna, da ausência de dor e morte, de alegria eterna, da presença de um rei junto aos seus escolhidos que são os santos, os vencedores.

O capítulo 25 é uma continuação da descrição da árvore e do paraíso que Enoque esta visitando e da santa montanha. Enoque também vê um vale amaldiçoado. Ao questionar sobre o local, Uriel lhe diz que é o espaço destinado àqueles que viveram em rebeldia ao Criador:

Espantado perguntei: O que significa esta terra abençoada, e todas estas altas árvores, e o vale amaldiçoado entre elas? Então Uriel, um dos santos anjos que estava comigo, respondeu: Este vale é o amaldiçoado dos amaldiçoados para sempre. Aqui serão reunidos todos os que pronunciaram com suas bocas linguagem imprópria contra Deus, e falaram rudes coisas da Sua glória. Aqui eles serão reunidos. Aqui será seu território. (I Enoque 26:1-2)

Uma descrição aproximada é encontrada em apocalipse em Ap 21:8: “Quanto, porém, aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos impuros, aos feiticeiros, aos idólatras e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte.”

Enoque continua a sua excursão “terraquio-celeste” e vai a vales, desertos, montanhas. Ele chega a um lugar com “vales de água que nunca param” (I Enoque 29:1). Em apocalipse podemos encontrar outra passagem de conteúdo semelhante:

Então, me mostrou o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro. No meio da sua praça, de uma e outra margem do rio, está a árvore da vida,

que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a cura dos povos. (Ap 22:1-2)

Após ver árvores e montanhas ele enxerga uma árvore diferente. O Sentinela Rafael diz que aquela era a árvore do conhecimento do bem e do mal:

Seu perfume era agradável e sua aparência era tanto agradável quanto elegante. A árvore do conhecimento também estava ali, do qual se alguém comesse, tornava-se dotado de grande sabedoria. Ela era semelhante às espécies da tamareira, dando frutos semelhantes à uva extremamente fina, e sua fragrância estendia-se a considerável distância. Eu exclamei: Que bela é esta árvore e quão deleitável é sua aparência! Então o santo Rafael, um anjo que estava comigo, respondeu e disse: Esta é a árvore do conhecimento, da qual vosso antigo pai e vossa mãe comeram, os quais foram antes de ti e que obtendo conhecimento, seus olhos sendo abertos, e descobrindo que estavam nus, foram expulsos do jardim. (I Enoque 31:3-5)

As palavras finais de Enoque são de gratidão a Deus por todas as suas obras, e por ter tido o privilégio de receber as revelações do Senhor:

Quando as vi, levantei minha voz e louvei ao Senhor que Senhor da glória que tinha feito estes grandes e esplêndidos sinais, para que eles pudessem mostrar a magnificência de suas obras aos anjos e às almas dos homens, e para que estes pudessem glorificar todas as suas obras e operações, pudessem ver os efeitos do seu poder; pudessem glorificar o grande labor de suas mãos e abençoá-lo para sempre. (I Enoque 35:3)

2.7 Resumo conclusivo do capítulo

O Livro dos Vigilantes apresenta a história da corrupção angelical, que gerou a corrupção humana, provocando a ira de Deus sobre anjos, homens, animais e nephilins. Os principais tópicos presentes no livro são:

1. Rebelião angélica;
2. Casamento de Anjos com mulheres;
3. Geração de uma raça híbrida de gigantes;
4. Transmissão de conhecimentos ocultos aos humanos;
5. Intensificação da maldade sobre a terra gerada pelos gigantes;
6. Intercessão dos anjos em pro dos homens;
7. Enoque é chamado por Deus para receber uma mensagem de juízo e comunicá-la aos vigilantes;

8. A sentença constava de três punições: Os sentinelas sofreriam com a morte dos seus filhos gigantes e seriam amarrados; Os filhos gigantes iriam guerrear entre si e morrerem; Os humanos seriam punidos com o juízo do dilúvio;
9. O Sentinelas pedem para Enoque interceder por Eles diante de Deus;
10. Enoque escreve a petição dos Vigilantes;
11. Deus rejeita o pedido dos Sentinelas;
12. Os filhos do Gigantes se transformariam em espíritos malignos após a morte;
13. Enoque viaja junto a anjos onde recebeu visões tanto de lugares de tormento como do paraíso eterno.

O presente capítulo abordou, de uma forma intertextual, a relação do Livro dos Vigilantes com a Bíblia. Verificamos que o texto de I Enoque tem bastante semelhanças com o texto Bíblico. Algumas delas são:

1. Tanto o texto bíblico como o dos Vigilantes falam de um dilúvio como expressão do juízo de Deus;
2. A Bíblia, assim como o Livro dos Vigilantes, falam de Enoque em uma perspectiva positiva;
3. Ambos os livros falam da corrupção angélica;
4. Os livros falam de juízo de Deus para anjos e humanos;
5. Os textos falam do paraíso eterno.

Além das semelhanças encontradas, existem relações explícitas e implícitas entre o texto bíblico e o Livro dos Vigilantes. Abaixo destacamos algumas:

1. O livro de Enoque é citado na Bíblia por Judas;
2. Pedro usa Enoque para falar do aprisionamento dos Anjos;
3. Há prováveis citações de Enoque na fala de Jesus;
4. O bode emissário oferecido à Azazel tem ligações com a narrativa dos Vigilantes.

Buscando constatar a abrangência do uso do Livro dos Vigilantes por parte dos judeus, verificamos que a narrativa está presente em vários escritos judaicos como:

1. Jubileus;

2. Testamento dos 12 Patriarcas;
3. Oráculos Sibilinos;
4. Documento de Damasco;
5. 2 Baruc;
6. 2 Enoque;
7. Escritos de Qumran.

3 O DISCURSO ANGELOLÓGICO CRISTÃO NA HISTÓRIA

3.1 Introdução

O presente capítulo se propõe a apresentar a visão histórica e atual do cristianismo no que se refere a doutrina dos anjos. Damos mais ênfase à história contemporânea e antiga, posto que, a primeira refere-se ao nosso momento, ao hoje, a realidade do pensamento angelológico na atualidade, e a segundo ao momento primitivo da crença que é o seu marco.

Abordamos o assunto de uma maneira decrescente, ou seja, iniciamos a pesquisa partindo da atualidade em direção ao passado das crenças angelológicas. O ponto de partida para compreensão é a interpretação dos cristãos feita por vários teólogos na atualidade, culminando com a interpretação que os Pais da Igreja possuíam. Neste capítulo procuramos suscitar o maior número possível de crenças, com a finalidade de obter uma visão mais precisa das mudanças. O capítulo aborda assuntos como: origem dos anjos, características dos anjos, atividades dos anjos, suas capacidades, queda de anjos, características dos demônios, o uso do véu no contexto paulino, o uso do livro de Enoque no cristianismo primitivo.

3.2 Angelologia na Idade Contemporânea

O período histórico denominado Idade Contemporânea tem seu início com a Revolução Francesa e vai até os nossos dias. Até o presente, a teologia geralmente considera os anjos como espíritos puros, incorpóreos, porém, existem aqueles que defendem a idéia de que os anjos possuem algum tipo especial de corpo. (BERKHOF, 2001, p. 132)

Segundo Berkhof (2001, p. 132), teólogos como Swedenborg, sustentavam que todos os anjos eram originalmente homens e existiam em forma corporal. Sua posição no mundo angélico depende de sua vida neste mundo. É uma espécie de teoria da reencarnação

invertida. Tal pensamento gera o entendimento de que os anjos são criação posterior aos homens, uma vez que é necessário um ser humano morrer para que exista um anjo.

Neste momento histórico, também entrou em cena a negação da crença na existência de anjos. O racionalismo no século XVIII influenciou vários teólogos e gerou uma nova teologia que é conhecida como teologia liberal que rompe com o ortodoxismo. A crença foi explicada como um produto da acomodação de teólogos que não estavam dispostos a serem mais racionais no seu pensamento. Segundo Berkhof (2001, p. 132), alguns teólogos da modernidade consideram que o importante é reter o simbolismo presente na crença, que segundo eles, aponta para o cuidado protetor de Deus.

Porém, mesmo com a influência do racionalismo na teologia, a crença na existência literal de anjos continua dominando o pensamento da maioria dos teóricos da teologia. A seguir discutiremos, com mais profundidade, embasado em teólogos renomados, várias crenças angelológicas cridas pela maioria dos cristãos na atualidade.

3.2.1 Terminologia, origem e natureza dos anjos

A principal palavra referente a anjo em hebraico é *mal'ach* (מַלְאָךְ), no latim é *angelus* e no grego *ággelos* (ἄγγελος), em todos os casos seu significado essencial é “mensageiro”. Quando o termo é empregado pode estar tanto se referindo a mensageiros humanos quanto a seres angelicais. Para os teólogos cristãos, a palavra aponta para a função primordial dos mesmos que é comunicar mensagens divinas aos seres humanos. (ERICKSON, 1997, p.194).

Segundo Erickson (1997, p.194) os anjos também são chamados na Bíblia de “santos” e “vigilantes”. Quando o tratamento é coletivo são chamados de “conselho”, “assembléia”, “filhos de Deus”, “exército” ou “exércitos”, “milícia celestial”, “espíritos”, “principados”, “poderes”, “tronos”, “domínio” e “soberanias”. Outro termo utilizado é “arcanjo”, indicando um tipo especial de anjo. A seguir apresentaremos uma tabela contendo as principais terminologias bíblicas referentes a anjos com suas respectivas referências:

Tabela 3:Títulos dos anjos

Filhos de Deus	Jó 1.6; 2.1; Sl 29.1; 89.6
Espíritos	Hb 1.14
Santos	Zc 14.5 Lc 9.26
Vigilantes	Dn 4.13, 17
Querubins	Gn 3.24; Sl 18.10; Ex 25.22

Serafins	Is 6.2-7
Estrelas da alva	Jó 38.7
Legiões celestes	Sl 148.2
Seres viventes	Ez 1.5-14; Ap 4.6-8
Anciãos	Ap 4.4

Fonte da Tabela: Autor

Grudem (1999, p.323) diz que os anjos não existem desde de sempre, eles integram o universo criado por Deus. Ele cita o texto de Neemias 9:6 interpretando a palavra “exércitos” como anjos para referenciar sua afirmação. O texto diz: “Só tu és Senhor, tu fizeste o céu, o céu dos céus e todo os seu exército, a terra e tudo quando nela há, os mares e tudo quanto há neles; e tu os preservas a todos com vida, e o exército dos céus te adora”.

Outro texto bíblico citado pelo teólogo, enfatizado a criação dos seres angelicais, é Colossenses 1:16: “Pois nele (Cristo), foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele.” (GRUDEM, 1999, p.323)

Myer Pearlman (2006, p.67) escreve:

Os anjos são criaturas, isto é, seres criados. Foram feitos do nada pelo poder de Deus. Não conhecemos a época exata de sua criação, porém sabemos que antes que aparecesse o homem, já eles existiam havia muito tempo, e que a rebelião daqueles sob Satanás se havia registrado, deixando duas classes — os anjos bons e os anjos maus.

É consenso, entre a maioria dos teólogos, que os anjos são seres espirituais, etéreos, que foram criados para servirem a Deus. Esta afirmação indica a inferioridade dos mesmo em relação a Deus, enfatizando o dever de obedecerem ao seu Criador. Os judeus e cristão a tempo vem ensinando que estes seres são imateriais ou espirituais. (ERICKSON, 1997, p.194).

Erickson (1997, p.195) diz que existe um enorme quantidade de anjos. As vezes se fala na Bíblia de “miríades” outras vezes de “milhares de milhares”, “incontáveis hostes de anjos”, “milhões de milhões”. Mas não se deve considerar qualquer número desses como exatos, dado ao seu caráter simbólico, antes entendê-los como indicações que apontam para uma gigantesca quantidade deles.

Satanás também é tido como um ser angélico, porém, um que se rebelou contra Deus, tornando-se criatura caída. A palavra Satanás que em hebraico é Satã () e no grego Diábolos (διάβολος) significa adversário ou acusador. A idéia é de alguém que é hostil e se satisfaz em acusar, descrevendo um ser que é opositor a vontade de Deus. Ele é o líder dos demônios. Para os gregos a palavra demônio significava fonte ódio. Estes seres também são percebidos como anjos que foram expulsos do céu ao se juntarem a Satanás na rebelião contra Deus. São criaturas sobrenaturais subservientes a Satanás. (SPROUL, 2006, p.37)

Grudem (1999, p.326) diz que os anjos devem ter sido criados antes do sétimo dia da criação. Ele pontua sua posição no texto de Gn 2:1 que diz: “Assim pois foram acabados os céus e a terra e todo o seu exército (anjos)” e, então, ao sétimo dia Deus descansou. Outro texto usado por ele é Ex 20:11: “Em seis dias, fez o Senhor os céus (incluindo os seres celestes) e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia descansou”.

Grudem defende a tese que os anjos foram criados no primeiro dia. Ele justifica sua suposição interpretando o texto de Gn 1:1-2 da seguinte forma:

“Talvez haja uma sugestão de criação de seres angélicos já no primeiro dia, pois lemos que ‘No princípio, criou Deus os céus e a terra’ e imediatamente depois lemos que: A terra, porém, estava sem forma e vazia, sem menção dos céus nesse segundo versículo. Isso sugere, quem sabe, que o estado inabitável da terra esteja em contraste com os céus, onde, talvez, Deus já criara seres angélicos e lhes atribuíram diversas funções e hierarquias. Esta idéia fica mais plausível quando lemos que “as estrelas da alva, juntas, alegremente cantavam e rejubilavam todos os filhos de Deus quando Deus assentou a “pedra angular” da terra e fundou as suas “bases” para formá-la ou criá-la (Jó 38:6-7).

Pearlman (2006, p.67) diz que eles são criaturas imortais. A sua afirmação está pautada no texto bíblico de Lucas 20:34-36 em que Jesus explica aos saduceus que os servos de Deus, ressuscitados, serão como os anjos no sentido de que não podem mais morrer:

Então, lhes acrescentou Jesus: Os filhos deste mundo casam-se e dão-se em casamento; mas os que são havidos por dignos de alcançar a era vindoura e a ressurreição dentre os mortos não casam, nem se dão em casamento. Pois não podem mais morrer, porque são iguais aos anjos e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição.

Os seres angélicos, também, são apresentados na narrativa bíblica como varões. Todas as descrições dos mesmos o apresentam como sendo seres do sexo masculino. Os nomes que lhe são atribuídos são masculinos, suas materializações sempre foram descritas como que sendo de homens. Porém não se pode dizer que são homens uma vez que são seres espirituais. (PEARLMAN, 2006, p. 68)

3.2.2 Nomes, atividade e capacidade dos anjos

Apesar de várias vezes se falar de anjos nos livros bíblicos, pouco se fala acerca de seus nomes. Um primeiro que encontramos é Miguel. Está registrado no livro de Daniel 10:13, onde se diz que ele é “um dos primeiros príncipes”, um arcanjo (Jd 9). Outro é o Gabriel. De quem é dito ser um anjo que assiste diante de Deus (Lc 1:19). Um terceiro e último nome é Rafael que aparece no livro de Tobias no cânon católico.

Os anjos são reconhecidos como seres pessoais, dotados de inteligência, vontade e moral. Também possuem a capacidade de interagir com humanos. Erickson (1997, p.195) descreve a atividade dos anjos da seguinte maneira: “Os anjos bons louvam continuamente a Deus, comunicam-nos sua mensagem, ministram aos servos de Deus, executam julgamento sobre os inimigos de Deus e participarão da segunda vinda de Cristo.”

Eles possuem conhecimento sobre humano, mas este conhecimento não é ilimitado. São detentores de grande conhecimento mas não de onisciência, possuem um grande poder sobre-humano mas não onipotência. Este grande poder tem sua origem em Deus e os anjos continuam dependendo de sua boa vontade para exercê-lo. A esfera de atuação dos mesmos está restrita aos limites por Deus determinado, posto que são seres finitos. A mesma idéia também se aplica aos anjos maus. (ERICKSON, 1997, p.195).

Grudem (1999, p.326) também defende a idéia de que os anjos e demônios são criaturas mais poderosas que os humanos, porém tal condição é temporal. Ou seja, os servos de Deus um dia gozarão de um estado superior aos dos anjos. Esta elevação acontecerá por ocasião do advento de Jesus Cristo.

Algumas das atividades angelicais enumeradas por Erickson são: os anjos louvam continuamente a Deus; revelam e comunicam a mensagem de Deus aos humanos; atuam a favor dos servos de Deus protegendo-os; estão envolvidos em batalhas espirituais a favor do povo de Deus contras os anjos caídos; se alegram quando pecadores se rendem ao senhorio de Jesus; servem o povo de Deus em suas necessidades; são expectadores da vida dos servos de Deus; estão presentes na igreja; transportam os servos de Deus para um lugar de descanso quando morrem; executam julgamento contra os inimigos de Deus; estarão envolvidos na segundo vinda de Cristo; no dia do júízo separarão o povo de Deus dentre toda a raça humana.(ERICKSON, 1997, p.196).

Para Grudem (1999, p.327), os anjos revelam a grandeza do amor e dos desígnios de Deus para seu povo, pois uma de suas funções é cuidar da família de Deus na terra. Eles também lembram que o mundo invisível é real e são exemplo para humanos posto que estão

o tempo todo a obedecer a Deus. Também alertam para o perigo da desobediência pois uma parte deles serão punidos eternamente por causa da desobediência.

Grudem propõe que os cristãos devem viver todos os dias conscientes da presença dos anjos. Eles estão presentes quando se cultua a Deus, mas também estão o tempo todo a observar a nossa obediência a Deus, ou seja, não existe pecado secreto. Se as ações dos cristãos não ofendem ninguém, provavelmente estão ofendendo os anjos que anseiam em ver o nome de Deus sendo honrado através de atitudes corretas. (GRUDEM, 1999, p.331)

Há livros bíblicos que falam de suas aparições. Esta capacidade é chamada de materialização. Um dos episódios bíblicos que afirma tal transformação encontra-se em Gêneses capítulo 18, onde dois anjos acompanham Deus em um encontro com Abraão. A narrativa mostra que os mesmo, enquanto desenvolve um diálogo com Abraão, se alimentam antes de seguirem viagem.

Cristãos acreditam que, ainda nos dias de hoje, eles podem aparecer quando são enviados por Deus para transmitirem alguma mensagem. A Bíblia registra que os servos de Deus devem ser hospitaleiros, pois, podem receber anjos em suas casas: “Não negligencieis a hospitalidade, pois alguns, praticando-a, sem o saber acolheram anjos” (Hb 13:2). Também aponta para a possibilidade da aparição de seres caídos em forma de anjos de luz: “E não é de admirar, porque o próprio Satanás se transforma em anjo de luz.” (II Co 11:14)

3.2.3 Anjos da guarda

A crença na existência de anjos e no papel que exercem como protetores dos cristãos sempre foi comum entre os adeptos do cristianismo. Hoje, a maioria dos teólogos rejeitam a idéia da existência de anjos que responsabilizam-se, exclusivamente, por determinado indivíduo ou determinado grupo de indivíduo, crença popularmente conhecida como anjo da guarda. Atualmente é comum encontrar idéias que fazem apologia a proteção individual dos anjos. Grudem (1999, p. 325) diz:

Mas algumas pessoas foram além dessa idéia de proteção geral e perguntaram se Deus não concede um anjo da guarda para cada pessoa do mundo, ou pelo menos para cada cristão... Não parece haver portanto fundamento convincente para a idéia de anjos da guarda individuais no texto das Escrituras.

A crença na existência de anjos com responsabilidades individuais fazia parte do pensamento popular dos judeus na época de Jesus. Tal pensamento foi transferido para o cristianismo. Dois textos bíblicos são citados para defender este pensamento. O primeiro

encontra-se em Mateus 18 versículo 10. Jesus disse: “Vede não desprezeis a qualquer destes pequeninos; porque eu vos afirmo que os seus anjos nos céus, vêm incessantemente a face de meu Pai celeste.” O outro texto é Atos 12:15. Quando a criada, Rode, disse aos outros na casa que Pedro estava junto ao portão, disseram: “É seu anjo”. (MACLEAN, 1916, p.60)

3.2.4 Território dos anjos

Segundo Myer Pearlman (2006, p.69) não se deve pensar que eles são seres soltos no espaço. Ele defende o pensamento de que existem anjos que são responsáveis por territórios específicos, como sendo anjos das nações. Seu pensamento é que cada nação tem seu anjo protetor, o qual se interessa pelo bem-estar dela.

Outra crença é que, da mesma forma que existem anjos bons que atuam em determinadas regiões, também existem anjos maus que estão responsáveis por regiões específicas. Um dos textos bíblicos usados para apoiar esta reflexão é Daniel 10:13: “Mas o príncipe do reino da Pérsia me resistiu por vinte e um dias; porém Miguel, um dos primeiros príncipes, veio para ajudar-me, e eu obtive vitória sobre os reis da Pérsia.” A interpretação geral é que o “príncipe” (provavelmente aquele que lidera um principado de anjos) se refere a um anjo caído, que estava dificultando o regresso dos judeus do cativo.

A narrativa bíblica de Daniel 9, mostra que Daniel estava orando pelo retorno de seu povo do cativo babilônico. Após três semanas, um anjo apareceu e deu-lhe como satisfação da demora, o fato de que o príncipe, ou anjo da Pérsia, ter se oposto ao retorno dos judeus. Porém, Miguel, o príncipe da nação hebraica, pelejou contra ele e contra o príncipe da grécia (Dn. 10:21.). Para os cristãos, esta pelaja, é entendida como guerra espiritual, e tem influências diretas no plano material. A palavra do Novo Testamento “principados” pode referir-se a esses príncipes angélicos das nações; e o termo é usado tanto para os anjos bons como para os maus. (PEARLMAN, 2006, p.69)

3.2.5 O Anjo do Senhor e o Príncipe do Exército do Senhor

No Antigo Testamento encontram-se várias passagens falando do anjo do Senhor. A afirmação teológica comum é que se trata de aparições de Jesus, ou seja, teofanias. Sempre que o artigo “o” aparece antes de anjo, formando a frase “o anjo do Senhor” a interpretação da maioria dos teólogos é que se refere a Deus, mais precisamente a pessoa de Jesus Cristo. (GRUDEM, 1999, p.326)

Quando o anjo do Senhor aparecia a declaração daqueles que o viam era de alguém que tinha contemplado o próprio Deus. O texto de Gêneses 31:11,13, registra a seguinte declaração do Anjo do Senhor à Jacó em sonho: “Eu sou o Deus de Betel, onde ungieste uma coluna, onde me fizestes um voto.” Outro texto que afirma este pensamento é Êxodo 3:2,6, referente ao episódio em que o Anjo do Senhor aparece a Moisés em uma sarça: “Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó.”

Neste diálogo chega um momento em que Moisés pergunta como ele tem que responder ao povo quando eles perguntarem sobre o nome daquele que o enviou. Então o anjo do Senhor diz: “assim dirás aos filhos de Israel: Eu Sou (uma referência a Deus) me enviou a vós outros” (Ex 3:14). No Novo Testamento encontra-se uma narrativa em que Jesus dialogava com os líderes do templo e afirmou que o “Eu Sou” presente nas escrituras judaicas, era ele: “Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade eu vos digo: antes que Abraão existisse, EU SOU. Então, pegaram em pedras para atirarem nele; mas Jesus se ocultou e saiu do templo”(Jo 8:58,59). Com base nesta conexão se entende que o Anjo do Senhor é a pessoa de Jesus Cristo.

Outra percepção de Jesus no Velho testamento é na forma de Príncipe do Exército do Senhor. No texto de Josué 5:13-15, lemos que Josué adorou o Príncipe do Exército do Senhor. Nenhum anjo permitia ser adorado nos relatos bíblicos. Quando isso acontece os teólogos dizem que se trata de uma manifestação de Deus, atribuindo esta manifestação a Jesus:

Estando Josué ao pé de Jericó, levantou os olhos e olhou; eis que se achava em pé diante dele um homem que trazia na mão uma espada nua; chegou-se Josué a ele e disse-lhe: És tu dos nossos ou dos nossos adversários? Respondeu ele: Não; sou príncipe do exército do SENHOR e acabo de chegar. Então, Josué se prostrou com o rosto em terra, e o adorou, e disse-lhe: Que diz meu senhor ao seu servo? Respondeu o príncipe do exército do SENHOR a Josué: Descalça as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é santo. E fez Josué assim.

3.2.6 Relacionamento com os anjos

Fundamentado em textos bíblicos como, por exemplo, apocalipse 19:10, que apresenta a recusa de um anjo em receber adoração do apóstolo João, grande parte dos teólogos, na história e atualidade, se posiciona contrária a busca por se desenvolver uma relação pessoal, em um sentido de invocá-los, cultuá-los ou orar a anjos.

O texto diz: “Prostrei-me ante os seus pés para adorá-lo. Ele, porém, me disse: Vê, não faças isso; sou conservo teu e dos teus irmãos que mantêm o testemunho de Jesus; adora a Deus. Pois o testemunho de Jesus é o espírito da profecia.” A bíblia trás um relato da prática de se cultuar a anjos que os cristãos de colossos começaram a desenvolver (Cl 2:18), porém, o

comportamento foi recriminado pelo apóstolo Paulo: “Ninguém se faça árbitro contra vós outros pretextando humildade e culto a anjos”.

3.2.7 História e atividades dos demônios

A visão popular do diabo, na contemporaneidade, é a de um monstro possuindo chifres, pés de cabra, e de aparência horrível. Esta percepção é fruto da caricatura que os teólogos desenvolveram principalmente na idade média. De acordo com a Bíblia, Satanás era originalmente um anjo de luz, o mais glorioso dos anjos. Mas ele, orgulhosamente, aspirou ser “como o Altíssimo” e caiu do seu estado de glória. (PEARLMAN, 2006, p.72)

Existe um grande número de teólogos, nos dias de hoje, que ensinam sobre a queda de Satanás fundamentando-se em dois textos: Isaías 14 e Ezequiel 28. O profeta Ezequiel mencionando o orgulho de duas grandes potências de sua época, Babilônia e Tiro, para ilustrar a queda de Satanás. Seu pensamento é que tais nações cairiam por causa do orgulho a semelhança do Diabo. Segundo Pearlman (2006, 72), alguns reis da Babilônia e Tiro reivindicaram adoração como seres divinos, o que seria uma blasfêmia contra Deus.

A narrativa de Ezequiel 14 proseguiu descrevendo a queda do anjo rebelde que disse: “Eu serei igual a Deus.” Se Deus castigou a postura orgulhosa desse anjo, de tão alta categoria, como deixar de julgar a qualquer rei que se atreva a usurpar o seu lugar? Será que eles ficariam impunes? Certamente que não. Como castigo por sua maldade, Satanás foi lançado fora do céu, juntamente com um grupo de anjos, a terça parte deles, que ele havia alistado em sua rebelião. (PEARLMAN, 2006, p.73)

Segundo (Pearlman, 2006), o líder principal dos demônios é apresentado por diversos nomes na Bíblia. Alguns deles e seus significados são:

Tabela 4: Nomes do Diabo 1

Satanás	literalmente significa "adversário" e descreve seus intentos maliciosos e persistentes de obstruir os propósitos de Deus.
Diabo	Diabo significa literalmente "caluniador". Ele é aquele que busca caluniar tanto a Deus como os homens.
Apollyon" (grego) e "Abaddon" (hebraico)	Destruidor. Aponta para o ódio contra o Criador e suas obras e seu desejo de destruí-las. Bem como para o intento de destruir a

	vida dos homens.
Serpente	Aponta para sua sagacidade.
Tentador	Indica seu intento malicioso de atrair os seres humanos para ciladas.
Príncipe e deus deste mundo	sugere sua influência sobre a sociedade organizada fora ou à parte da influência da vontade de Deus.

Fonte da Tabela: Autor

Outros títulos que ele possui podem ser encontrados nas seguintes referências bíblicas de acordo com a próxima tabela:

Tabela 5: Nomes do Diabo 2

Diabo	I Pe 5.8
Tentador	Mt 4.3; I Ts 3.5
Belzebu (senhor das moscas)	Mt 12.24
Inimigo	Mt 13.39
Maligno	Mt 13.19
Adversário	I Pe 5.8
O grande dragão	Ap 12.9
Serpente	Ap 12.9
Sedutor	Ap 12.9
Satanás	Ap 12.9
Pai da mentira	Jo 8.44
Homicida	Jo 8.44
Pecador	I Jo 3.8
Príncipe deste mundo	Jo 12.31
Príncipe da potestade do ar	Ef 2.2
Deus deste século	II Co 4.4
O anjo do abismo	Ap 9.11
Destruidor	Ap 9.11

Fonte da Tabela: Autor

Satanás e os demônios são apresentados pela teologia como seres que buscam atrapalhar os planos dos servos de Deus (I Ts 2:18); se opõe a pregação do evangelho (Mt

13:19); domina, cega e engana (Lc 22:3; 2 Co 4:4; 1 Tm 3:7); aflige (Jo 1:12); tenta (1 Ts 3:5). Ele é descrito como presunçoso (Mt 4:4, 5); orgulhoso (1 Tm. 3:6); poderoso (Ef 2:2); maligno (Jo 2:4); astuto (Gn 3:1; 2 Co 11:3); enganador (Ef 6:11); feroz e cruel (1 Pd 5:8). (PEARLMAN, 2006, p.75)

Mas qual o por quê de tanto ódio? Segundo Pearlman (2006, p.75):

Ele aborrece a imagem de Deus presente em nós. Odeia até mesmo a natureza humana que possuímos, com a qual se revestiu o Filho de Deus. Odeia a glória externa de Deus, para a promoção da qual o povo de Deus foi criado. Odeia a felicidade eterna reservada para os servos de Deus, porque ele mesmo a perdeu para sempre. Ele tem ódio do povo de Deus por mil razões e de nós tem inveja. Assim disse um antigo escriba judeu: Pela inveja do diabo veio a morte ao mundo: e os que o seguem estão a seu lado.

Conforme Pearlman (2006, p.75), ao mesmo tempo que os cristãos reconhecem que Satanás e os demônios são fortes, também entendem que ele é limitado e inferior a Deus. A crença é que para que estes seres possam fazer qualquer ação prejudicial, em relação aos servos de Deus, é necessário ter a permissão do próprio Deus e se Deus permite que acontecimentos sombrios se tornem realidade é porque tem projetos mais elevados que estão fora do alcance, até mesmo, de Satanás. O exemplo usado para respaldar a crença é a vida do personagem bíblico Jó, que perdeu sua família, bens e foi acometido de uma grave doença.

Os cristãos acreditam que existem várias atividades relacionadas a ação destes seres. A seguir foram catalogadas algumas daquelas que são consideradas principais, tomando como base a Bíblia:

Tabela 6: Comportamento dos demônios

Armar ciladas	I Tm 3.7
Infligir doenças	Mc 9.17, Mc 9.25, Mt 12.22, Lc 9.39
Tenta os seres humanos	Gn 3.1-6
Causar dor e sofrimento	At 10.38
Matar	Hb 2.14
Colocar maus propósitos no coração	Jo 13.2; At 5.3
Possuir pessoas que não sirvam a Deus	Jo 13.27
Colocar falsos servos entre o povo de Deus	Mt 13.39
Afligir os servos de Deus	Ap 2.10; Lc 22.31 (Am 9.9)
Impedir a realização de planos	1Ts 2.18
Acusar os servos	Ap 12.10

Fonte da Tabela: Autor

Para os cristão, a derrota dos demônios já é uma realidade que aconteceu por ocasião do sacrifício de Cristo Jesus. O apóstolo Paulo referindo-se a esta crença escreveu: “E, despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz.” (Cl 2.15). Contudo os cristão creiam assim, eles entendem que estão em guerra contra inimigos derrotados que não se rendem e continuam a atacar, pois são seres “patrióticos”.

Uma das expectativas dos cristãos é o dia do juízo final. Na crença cristã, este será um momento em que Satanás e seus demônios serão punidos eternamente. Porém, enquanto este dia não chega, os cristãos buscam lutar contra estes seres espirituais conduzindo suas vidas conforme o ensino de Cristo em Mc 14:38: “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação”, praticando o ensino Paulino contido em Ef 6:10-18:

Quanto ao mais, sede fortalecidos no Senhor e na força do seu poder. Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo; porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes. Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis. Estai, pois, firmes, cingindo-vos com a verdade e vestindo-vos da couraça da justiça. Calçai os pés com a preparação do evangelho da paz; abraçando sempre o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do Maligno. Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus; com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos

3.3 Angelologia na Idade Moderna

A tradição histórica estabelece o início da idade Moderna no ano de 1453, quando ocorreu a tomada Constantinopla pelos turcos otomanos e o seu fim no ano 1789 com o advento da revolução francesa. Neste período, mas precisamente em 1516, aconteceu a reforma protestante que é um marco na história do cristianismo. Conquanto a reforma tenha revisto várias doutrinas cristãs, principalmente na área soteriológica, em relação a angelologia a crença é bem próxima da angelologia contemporânea, não havendo nenhuma mudança significativa, podendo-se dizer que a angelologia contemporânea expandiu a angelologia da idade moderna.

Os teólogos, deste período, defendiam que os anjos possuem ministérios e que Satanás, junto com demônios, estava agindo no mundo no sentido de prejudicar os seres humanos, porém, estavam debaixo do controle divino, ou seja, as vezes, agiam em sentido de cumprir propósitos divinos, não podendo ultrapassar limites impostos per Deus. (BERKHOF, 2001, p. 132)

Eles eram percebidos como seres espirituais puros, mas alguns também defendiam a idéia de que possuíam corpos etéreos. Quanto a obra que os anjos bons realizavam, a crença geral era que os anjos trabalham no sentido de atender os herdeiros da salvação. Em relação a crença em anjos da guarda não havia acordo geral. Alguns defendiam esta idéia, outros eram contra e existiam aqueles que não se pronunciavam sobre este assunto.

3.4 Angelologia na Idade Média

A Idade Média foi um momento histórico onde houve uma forte ênfase em questões de cunho angelológico e demonológico. A arte, produzida na época, é uma prova substancial dos ideais que permeavam neste período histórico. Existem diversos quadros, gravuras e esculturas onde estão retratados figuras de anjos e demônios, sempre apresentados em uma perspectiva dualista.

O principal nome deste período é Tomás de Aquino. Nascido em 1225, se tornou frade dominicano e foi levado a estudar em Paris. Seu pensamento foi fortemente influenciado por Aristóteles, o que levou Aquino a buscar demonstrar que a fé cristã é defensável, plausível e inteligível. Ficou conhecido como “doutor angélico” pelo fato de ser um dos maiores expoentes da temática neste período. Morreu aos 49 anos, deixando um legado escrito que soma mais de cem volumes. (GRABMANN, 2006, p.2)

Tomás de Aquino, no princípio de seu estudo sobre os seres angélicos, foi contra a idéia de os anjos possuíam uma “matéria espiritual” o que causou polêmica levando-o a ser condenado a herege pelo Bispo de Paris, Étienne Tempier. Posteriormente, ele disse: “todos os seres criados são necessariamente contingentes e compostos.” Afirmou que os Anjos possuem matéria e forma, porém, como todas as criaturas, possuem uma composição anterior: essência e existência. Ambas estão ligadas. Embora os Anjos não possuam matéria, são compostos, ou seja, sua essência se distingue de seu ato de ser. (ALARCÓN, 2006, 301)

A crença de que anjos possuíam corpos etéreos foi sustentada por teólogos neste período. Mas, a opinião dominante era que eles eram seres incorpóreos. As aparições angelicais eram explicadas como sendo manifestações corpóreas temporárias que os anjos adotavam para poderem se revelar aos humanos. Nesta época, se discutiu bastante acerca de quando os anjos foram criados, predominando a posição de que foram criados ao mesmo tempo da criação do universo material.

Também se discutia se os anjos foram ou não criados em um estado de graça, sendo que a opinião da maioria dos teólogos era que foram criados em um estado de perfeição natural. Discussões sobre se os anjos podiam ocupar o mesmo lugar no espaço também era comum. A opinião, dominante, era que eles só podiam ocupar um lugar no espaço, porém, esta ocupação não se dava da mesma forma dos corpos materiais uma vez que os seres angelicais estão em outra dimensão (BERKHOF, 2001, p. 132)

Com quanto se acreditasse que o conhecimento que os anjos possuíam fosse limitado, todos criam que este conhecimento era infuso, ou seja, foram implantado por Deus no ato da criação dos mesmos. Alguns criam, como Tomás de Aquino, que tal conhecimento era apenas intuitivo, enquanto outros afirmavam que o conhecimentos dos anjos era discursivo e poderia ser ampliado na história. A idéia do anjo da guarda também se fortaleceu bastante na idade média.

3.5 Angelologia no Cristianismo Primitivo

Nesta fase da pesquisa, desejamos fazer uma discussão mais prolongada, posto que é neste momento histórico, que se encontra o cerne do nosso trabalho que busca, principalmente, resgatar o pensamento angelológico do cristianismo primitivo.

Tomando por base a periodização das épocas históricas da humanidade, a chamada Idade Antiga, ou Antiguidade é o período que se estende desde a invenção da escrita (por volta de 3.500 a.C) até a queda do império Romano do Ocidente (476 d.C). Porém, em se tratando da história do cristianismo o que nos interessa é período que vai do ano zero de nossa era até 476 d.C.

Um marco importante no cristianismo primitivo, no que se refere ao estudo angelológico, acontece no século IV. É neste momento que entra em cena na história a figura de Agostinho de Hipona (354 d.C), mas conhecido como Santo Agostinho. Este teólogo foi o principal responsável em afastar o livro de I Enoque do cenário teológico cristão ocidental, provocando, quase que totalmente, o seu esquecimento no decorrer da história. Conseqüentemente, mudanças nas crenças angelicais começaram a acontecer. É por isso que pouco se comentou sobre o escrito de I Enoque na Idade Média, Moderna e Contemporânea.

I Enoque foi um livro que marcou profundamente esta parte da história. Crenças como a queda dos anjos, raça híbrida presente na humanidade denominada Nephilins, dilúvio como juízo de Deus para punir homens, aprisionamento de anjos, conhecimento transmitidos por anjos a seres humanos, fizeram parte do imaginário dos cristãos neste período.

De acordo com Prophet (2002, p.70), em se tratando do judaísmo, foi o rabino Simeon Ben Yohai (120?-170? d.C) quem colocou os judeus contra o Livro de I Enoque. Teólogos, tomando como base o pensamento do rabino Yohai, iniciam um processo de apologia contra o escrito que teve, no século IV d.C., o seu expoente maior: Agostinho de Ipona.

Prophet (2002, p.70) também diz que vários, dos chamados Pais da Igreja, fizeram uso do escrito. Um exemplo é Justino Martir (100-165), que considerava o livro em estima. Também é interessante notar algumas crenças dos Pais referente aos anjos neste período histórico. O quadro a seguir foi elaborado tomando como base o livro “Anjos” de Aquino (2005), e nos fornece noções sobre o pensamento dos Pais acerca da angelologia:

Tabela 7: Crenças angelológicas de Pais da Igreja

Clemente de Roma (Século I d.C):	“Os Anjos se acham a serviço de Cristo e são superiores aos homens.”
Atenágoras (Século II d.C):	“Não somos ateus; cremos em Deus Pai, Filho e Espírito Santo, mas ensinamos também que existe uma multidão de Anjos servidores, ministros de Deus criador e ordenador do mundo nas coisas que aí se encontram e na sua ordem”
Irineu de Lyon (Século II d.C):	“Deus é criador do céu e da terra e de todo o mundo, e formador dos Anjos e dos homens. Só Ele é Pai, Deus criador, formador e moldador. Ele criou e formou ambas as coisas, tudo: o visível e o invisível, neste mundo e no céu.” “Por conseguinte, criou também os seres espirituais. O universo não foi criado nem formado pelos Anjos; Deus não necessitava deles para esse fim.” “Os Anjos são espirituais, não possuem carne.” “O pecado que cometeram teria sido a inveja dos homens, uma vez que Adão colocado como senhor da Terra, seria também senhor dos Anjos que estavam sobre a Terra.”
Clemente de Alexandria (Século II d.C):	“Aquele que crê, ora com os anjos, mesmo que ore sozinho. Porque, com ele se reúne o coro dos santos que ficam em sua companhia.”

Ambrósio (Século IV d.C):	<p>“No batismo, o sacerdote atua na missão de um Anjo.”</p> <p>“Deus não tinha necessidade dos Anjos, porém o homem deles tem necessidade. Enquanto os homens foram criados à imagem de Deus, os Anjos o foram segundo o ministério de Deus”</p> <p>“Todos aqueles que seguem a Cristo têm acesso aos Anjos.”</p>
----------------------------------	---

Fonte da Tabela: Autor

Segundo Berkhof (2001, p.131) sempre houve uma dicotomia na crença angelológica. Alguns anjos eram considerados bons, e outros maus. Os primeiros eram tidos em alta estima, como seres pessoais de elevada categoria, dotados de liberdade moral, engajados no jubiloso serviço de Deus, e empregados por Deus para atender ao bem-estar dos homens. Os segundos vistos como seres abomináveis dados a maldade contínua.

Para alguns dos primeiros Pais da Igreja, os anjos tinham corpos perfeitos e etéreos. As afirmações eram que os anjos foram criados bons, mas alguns abusaram da sua liberdade e caíram, apartando-se de Deus. Satanás, que era, originariamente, um anjo de classe eminente, era considerado o chefe deles.

Uma outra crença, forte, nesta época dizia respeito a anjos da guarda. Ou seja, pensava-se que existiam anjos específicos para cada igreja e anjos específicos para cada indivíduo que compunha a igreja. Além desta crença, calamidades de vários tipos tais como: doenças, acidente e perdas, muitas vezes eram atribuídas a ações de anjos maus. Também é possível observar o surgimento de uma hierarquia dos anjos, já neste momento, mais precisamente com Clemente de Alexandria no século II d.C.

Com o passar do tempo, conquanto alguns lhes atribuíssem excelentes corpos etéreos, houve crescentes incertezas sobre se eles possuíam algum tipo de corpo. Os anjos continuaram a serem considerados como espíritos bem-aventurados, superiores aos homens em conhecimento, e livres do desembaraço de grosseiros corpos materiais.

Segundo Berkhof (2001, p.131), Dionísio o Areopagita, um discípulo do apóstolo Paulo que aparece no livro de Atos 17:34, foi quem dividiu os anjos em três classes. A primeira, ou superior, era constituída de serafins, querubins e tronos, logo abaixo vêm os domínios e os poderes e, a terceira classe seria os principados, potestades, arcanjos e anjos. A tabela abaixo ilustra melhor sua divisão:

Tabela 8: Funções dos Anjos

Serafins (1ª classe)	Seres mais próximo de Deus, que cercam o trono e cantam: Santo, Santo, Santo.
Querubins (1ª classe)	No livro de Gêneses aparecem como guardiões, que impedem os homens de entrarem no paraíso.
Tronos (1ª classe)	Seres que teriam caído do céu com Satanás.
Domínios (2ª classe)	Seriam anjos antigos.
Poderes (2ª classe)	Sua função seria a de fazer milagres no mundo humano.
Principados (3ª classe)	Defensores de uma região, país ou continente.
Potestades (3ª classe)	Exército de anjos maus
Arcanjo (3ª classe)	Chefes de anjos
Anjos (3ª classe)	Categoria mais baixa e próxima dos homens

Fonte da Tabela: Autor

Os anjos da primeira categoria eram tidos como os que gozavam da mais estreita relação com Deus, os da segunda classe como iluminados pelos primeiros e os da terceira classe, como sendo iluminados pelos segundos. Esta classificação influenciou diversos teólogos na história. Agostinho argumentava que os anjos bons foram recompensados por sua obediência recebendo de Deus a capacidade de perseverar e portanto não poderiam cair do seu estado de graça. (BERKHOF, 2001, p. 131)

Após Agostinho, a crença na queda de Satanás como sendo causada pelo orgulho persistia, porém, uma nova exegese começou a ser difundida em relação ao texto de Gn 6:2: Os filhos de Deus como sendo os descendentes de Sete ganham espaço na doutrina da maioria dos teólogos e o escrito de I Enoque começou a ficar no esquecimento.

Antes de Agostinho vários líderes utilizaram o escrito de Enoque em suas homilias e ensinaram a vários cristãos sobre a crença enoqueana, que era bastante útil para alertar os cristãos contra a imoralidade, feitiçaria, idolatria, juízo de Deus, céu e inferno, sempre no propósito de promover um comportamento dentro parâmetros cristãos defendidos na época. A seguir passaremos a verificar referências ao livro de I Enoque, principalmente ao Livro dos Vigilantes, em escritos atribuídos aos líderes do cristianismo primitivo.

3.5.1 Justino o Mártir (II Século d.C)

Conhecedor de retórica, poesia e história, após a sua conversão ao cristianismo, Justino continua fazendo uso do seu conhecimento para escrever em pró da fé cristã. Escreveu duas apologias e a terceira obra é intitulada Diálogo com Trifão (Spinelli, 2002). A passagem a seguir, extraída da sua primeira apologia, aponta para o Livro dos Vigilantes quando diz que anjos fizeram aparições e violaram as mulheres. É perceptível que Justino, também, tinha influência do escrito. Ele está usando a história contida em I Enoque afirmando que aqueles que estavam perseguindo os cristãos, estavam fazendo através de influência demoníaca:

O que pode haver nisso? Nós fizemos profissão de não cometer nenhuma injustiça e não admitir essas ímpias opiniões. Vós, porém, não examinais nossos juízos, mas movidos de paixão irracional e aguilhoados por demônios perversos, nos castigais sem nenhum processo e sem sentir remorso algum por isso. **Digamos a verdade: antigamente alguns demônios perversos, fazendo suas aparições, violaram as mulheres, corromperam os jovens e mostraram espantelhos. Com isso ficaram apavorados aqueles que não julgavam pela razão as ações praticadas e assim, levados pelo medo e não sabendo que eram demônios maus, deram-lhe nomes de deuses e chamaram cada um com o nome que cada demônio havia posto em si memo.** Quando Sócrates, com raciocínio verdadeiro e investigando as coisas, tentou esclarecer tudo isso e afastar os homens dos demônios, estes conseguiram, por meio de homens que se comprazem na maldade que ele também fosse executado como ateu e ímpio, alegando que ele estava introduzindo novos demônios. Tentam fazer o mesmo contra nós. De fato por obra de Sócrates, não só entre os gregos se demonstrou pela razão a ação dos demônios, mas também, entre os bárbaros, pela razão em pessoa, que tomou forma, se fez homem e foi chamado Jesus Cristo. Pela fé que nele temos, não dizemos que os demônios que fizeram estas coisas são bons, mas demônios malvados e ímpios. Que não alcançam ou praticam ações semelhantes, nem mesmo aos homens que não aspiram à virtude. (1 Apol. 5:1-4)¹⁵ (grifos do autor)

Na sua segunda apologia, ele diz:

Tendo Deus feito o mundo inteiro, submetido as coisas terrestres aos homens e ordenando os elementos do céu, impondo-lhe também uma lei divina para o crescimento dos frutos e variações das estações – os quais também claramente ele fez pra os homens, entregou-o, assim como as coisas sob o céu, aos cuidados dos anjos que para isso designou. **Mas os anjos, violando esta ordem, deixaram-se vencer por seu amor pelas mulheres e geraram filhos, que são os chamados demônios. Além disso, mais adiante, escravizaram o gênero humano, algumas vezes por meio de sinais mágicos; outras por terrores e castigos que infligiam; outras ensinando-lhes a sacrificar e oferecer para eles incensos e libações de que necessitam, depois que se submeteram às paixões de seus desejos.** Finalmente, foram eles se semearam entre os homens assassínios, guerras, adultério, vícios e maldade de todo tipo. Daí, os poetas e narradores de mitos, não tendo idéia de que os anjos e os demônios, que eles nasceram, cometeram com homens e mulheres e fizeram em cidades e nações tudo o que lhes e escreveram, depois o atribuíram ao próprio Deus e aos filhos carnalmente nascidos dele e aos chamados seus irmãos, Poseidôn e Plutão. (2 Apol. 5:2-5)¹⁶ (grifos do autor)

Em outra passagem, Justino fala que estes seres desencarnado podiam possuir corpos mas que através do nome de Jesus eram expulsos:

“Jesus”. Em troca, nome de homem que tem a sua própria significação de “salvador”. Sim, com efeito, como já dissemos, o Verbo se fez homem por desígnio de Deus Pai e nasceu para a salvação dos que crêem e destruição dos demônios. Podeis comprová-lo por aquilo que, agora mesmo, está acontecendo diante de vossos olhos. De fato, em todo o mundo e

em vossa própria cidade imperial, muitos dos nossos, isto é, cristãos, conjurados pelo nome de Jesus Cristo, que foi crucificado sob Pôncio Pilatos, curaram e ainda agora continuam curando muitos endemoninhados que não puderam sê-lo por todos os outros exorcistas, encantadores e feiticeiros. E assim destroem e expulsam os demônios que possuem os homens” (II Apol. 6:4)¹⁷

3.5.2 Atenágoras (II Século d.C)

Ele foi um apologista cristão que escreveu em defesa da fé cristã ao imperador Marco Aurélio. Em seu escrito “Súplica pelos Cristãos”, ele combate as religiões que consideravam

15 Justino de Roma: i e ii apologias diálogo com Trifão. São Paulo: Paulus, 1995. p. 22-23

16 Justino de Roma:... 1995. p. 94-95

17 Justino de Roma:... 1995. P.95

pagãs e posiciona a fé cristã como legitimada (Champlin, 2002). Neste escrito ele também trás o pensamento enoquiano para falar do livre arbítrio dos anjos e de sua visão sobre o mundo espiritual:

De mesmo modo, porém, que os homens têm livre-arbítrio, podem optar pela virtude e pela maldade... assim também os anjos. Uns, que foram imediatamente criados livres por Deus, permaneceram naquilo que Deus os criara e ordenara; Outros se orgulharam tanto de sua natureza; como do império que exerciam, isto é, esse que é príncipe da matéria e das suas formas, e os outros encarregados desse primeiro firmamento - e deveis saber que não afirmamos nada sem testemunhas; expressamos apenas o que foi dito pelos profetas; estes por terem caído em desejo pelas vírgens e mostrando-se inferiores à carne; aquele (o chefe deles), por ter sido negligente e mal na administração que lhe fora confiada. Dos que tiveram relações com as vírgens nasceram gigantes. Não vos maravilhai se em parte os poetas também falaram dos gigantes, pois a sabedoria humana e a divina distam entre si assim como a verdade dista do verossímil. Uma é celeste e outra é terrena e, segundo o príncipe da matéria, “sabemos dizer muitas mentiras semelhantes à verdade”. Portanto, esses anjos caídos do céu, que rodam em torno do ar e da terra e que já não são capazes de subir ao supraceleste, e as almas dos gigantes são os demônios, que andam errantes ao redor do mundo e produzem movimentos semelhantes; os demônios às substâncias que receberam, os anjos aos desejos que sentiram. Quanto ao príncipe da matéria, como se pode ver pela experiência, ele governa e administra de modo contrário a vontade de Deus. (Sup. Pelos Cristãos 24-25)¹⁸

3.5.3 Irineu (II Século d.C)

Irineu foi um líder cristão que atuou provavelmente na província romana da Ásia menor. Uma de suas maiores preocupações foi combater o Gnosticismo. Sua principal obra é uma refutação ao Gnosticismo chamada “Sobre a detecção e refutação da chamada Gnosis”, também conhecida como "Contra Heresias" ou “Adversus Haereses” (Grant, 1997, p.6). Neste escrito, ele fala de Enoque como sendo um embaixador entre Deus e os anjos:

A prova de que o homem não era justificado por causa desta prática, mas que elas foram dadas ao povo como sinal, se encontra em Abraão, o qual, sem circuncisão e sem observância do sábado, “acreditou em Deus e lhe foi imputado a justiça e foi chamado amigo de Deus. Também Ló, mesmo sem circuncisão, foi tirado de Sodoma e salvo por Deus. Assim Noé, de quem Deus gostava, ainda que sendo incircunciso, recebeu as medidas do mundo do novo nascimento. E Enoque agradou a Deus mesmo sem circuncisão

e, sendo homem, foi embaixador junto aos anjos, foi levado, e permanece até hoje testemunha do justo juízo de Deus, pelo fato de que os anjos transgressores caíram no juízo de Deus e o homem que tinha agradado a Deus foi levado à salvação. (Contra Heresias livro 4 16.2)¹⁹

Irineu, também, diz que o motivo do dilúvio foi a desobediência dos homens que haviam entrado em aliança com anjos:

Único e idêntico é sempre o Verbo de Deus que aos que nele acreditam uma fonte de vida para a vida eterna, mas faz secar de repente a figueira estéril; que, nos tempos de Noé,

18 PADRES Apologistas: carta a Diogneto, Aristides de Atenas, Taciano, o Sírio, Atenágoras de Atenas, Teófilo de Antiquiam, Hérmiás, o filósofo. São Paulo: Paulus, 1995, p. 150-151.

19 IRINEU de Lião: i, ii, iii, iv, v livro. São Paulo: Paulus, 1995, p.411

com justiça, fez cair o dilúvio para exterminar a raça execrável dos homens de então, incapazes de produzir frutos para o Senhor, depois que os anjos rebeldes se misturaram com eles, para coibir seus pecados e salvar o arquétipo, a criação de Adão. (Contra Heresias livro 4, 36.4)²⁰

3.5.4 Tertuliano (II Século d.C)

Nascido em Cartago, situada na África, de estilo apologético e conservador, Tertuliano foi o primeiro a utilizar o termo trindade em suas obras (Barnes, 1985, p.58). Também pode-se verificar, em seu pensamento, uma influencia nítida do Livro dos Vigilantes. Ele a utiliza com a intenção, ou viés, pastoral.

Além disso, nós somos instruídos por nossos livros sagrados que certos anjos, os quais caíram por causa do próprio livre arbítrio. Lá cresceram em ninhada demoníaca ainda pior, condenada de Deus, junto com os autores de sua raça, e com aquele chefe que nos referimos anteriormente. No momento, porém, é suficiente relatar algumas de suas obras. O grande propósito deles é a ruína do gênero humano. Assim, desde o primeiro momento, a maldade espiritual buscou nossa destruição. (Apologeticum 22.3-4)²¹

Na próxima passagem, percebe-se, de forma mais incisiva, a forma marcante que a narrativa dos Vigilantes exerce em sua epistemologia:

Porque eles, por quem os instituíram são designados, à condenação, por pena de morte, esses anjos, com inteligência, que fugiram do céu em busca das filhas de homens; de forma que esta ignomínia também se prende à mulher. De uma época muito mais ignorante eles revelaram certas substâncias de material bem-ocultas, e várias artes científicas bem reveladas – se é verdade que eles tinham revelado o manejo da metalurgia, e tinham divulgado as propriedades naturais de ervas, e tinham promulgado os poderes do encanto, e tinham revelado toda arte misteriosa, até mesmo a interpretação das estrelas – e particularmente às mulheres, eles comunicaram corretamente a arte instrumental de ornamentação feminina, os brilhos de jóias como colares são combinados com diversas cores, e os braceletes de ouro, e produtos de tingimento com os quais a lã é colorida, e aquele pó negro, com o qual são feitos as pálpebras e cílios proeminentes. (De Cultu feminarum ii. 10,2-3)²²

Tertuliano também discorre sobre o uso do véu por parte das virgens quando estiverem orando. O seu argumento também flui da passagem dos vigilantes. É interessante notarmos que os vigilantes são chamados por ele de anjos. No texto também notamos que ele busca fazer apologia ao tipo de mulher que os anjos escolheram para si. Segundo Tertuliano,

20 IRINEU de Lião: i, ii, iii, iv, v livro. São Paulo: Paulus, 1995, p.492

21 Disponível em: <<http://www.earlychristianwritings.com/text/tertullian01.html>>, Tradução de Anderson Dias Araújo.

22 Disponível em: <<http://www.earlychristianwritings.com/text/tertullian27.html>>, Tradução de Anderson Dias Araújo.

as mulheres eram virgens. Ele está dando ênfase a este posicionamento, pois, na época existiam aqueles que acreditavam que os sentinelas, também haviam se relacionado com mulheres casadas.

Se for por causa daqueles anjos, com inteligência, a respeito de quem nós lemos que tendo caído da presença de Deus e do céu devido a concupiscência que sentiram pelas fêmeas – quem possa presumir que eles eram corpos já corrompidos, e relíquias de luxúria humana, a qual tais anjos ansiaram, assim, como senão tivessem sido inflamados por virgens, cuja jovialidade alega uma desculpa igualmente para luxúria humana? Assim usam livros sagrados e sugerem: “E ocorreu que”, diz, “quando o número de homens tinham começado a crescer sobre a terra, havia as filhas nascidas deles; mas os filhos de Deus, tendo enxergado as filhas de homens, que elas eram bonitas, tomou entre elas esposas entre todas que eles elegeram”. Aqui a palavra grega “mulheres” parece ter o significado de esposas, já que a menção é feita em relação a matrimônio. Quando então diz as “filhas de homens” pretende significar virgens que ainda seriam consideradas manifestadamente como pertencendo aos pais delas, pois se fossem mulheres casadas, pertenceriam aos seus maridos, considerando que poderia ter sido dito “esposas de homens” e semelhantemente não nomeando os anjos de adúlteros, mas maridos, enquanto eles tomaram as solteiras “filhas dos homens” sobre as quais foi dito acima que nasceram, assim também significando a sua virgindade: primeiro, “nascidas”, mas aqui casadas com anjos. Qualquer outra coisa que eu não sabia exceto que elas foram “nascidas” e subseqüentemente casaram. Uma face tão perigosa, então deveria ser coberta com véu, que lançou pedras de tropeço mesmo a um lugar tão longe como o céu: isto é, quando diante da presença de Deus, cujo poder detém para acusar por conduzirem os anjos de seu estado nativo, bem como devem se ruborizar perante os outros anjos; e devem reprimir aquela liberdade má de sua cabeça, uma liberdade que não deve ser exibida nem mesmo perante olhos humanos, isto é devem usar o véu. (De virg. Vel. 7,2-3)²³

3.5.4.1 O véu e o pensamento angelológico primitivo

Neste ponto, queremos suscitar a discussão sobre o uso do véu, posto que, foi um comportamento bem presente no cristianismo primitivo, como resultado das crenças angelológicas presente em I Enoque, além de ser um tema presente na contemporaneidade cristã, posto que, existem cristãos adeptos a esta prática.

Além do ensino do uso do véu, presente na doutrina de alguns Pais da Igreja, como temos percebido até o presente momento, também podemos verificar, no texto bíblico,

lampejos do costume de usar o véu em cultos cristãos. A passagem que aborda o uso do véu é I Co 11:3-16:

Quero, entretanto, que saibais ser Cristo o cabeça de todo homem, e o homem, o cabeça da mulher, e Deus, o cabeça de Cristo. Todo homem que ora ou profetiza, tendo a cabeça coberta, desonra a sua própria cabeça. **Toda mulher, porém, que ora ou profetiza com a cabeça sem véu desonra a sua própria cabeça**, porque é como se a tivesse rapada. Portanto, **se a mulher não usa véu, nesse caso, que rape o cabelo. Mas, se lhe é vergonhoso o tosquiar-se ou rapar-se, cumpre-lhe usar véu**. Porque, na verdade, o homem não deve cobrir a cabeça, por ser ele imagem e glória de Deus, mas a mulher é glória do homem. Porque o homem não foi feito da mulher, e sim a mulher, do homem.

23 Disponível em: <<http://www.earlychristianwritings.com/text/tertullian28.html>>, Tradução de Anderson Dias Araújo.

Porque também o homem não foi criado por causa da mulher, e sim a mulher, por causa do homem. **Portanto, deve a mulher, por causa dos anjos, trazer véu na cabeça, como sinal de autoridade**. No Senhor, todavia, nem a mulher é independente do homem, nem o homem, independente da mulher. Porque, como provém a mulher do homem, assim também o homem é nascido da mulher; e tudo vem de Deus. Julgai entre vós mesmos: é próprio que a mulher ore a Deus sem trazer o véu? Ou não vos ensina a própria natureza ser desonroso para o homem usar cabelo comprido? E que, tratando-se da mulher, é para ela uma glória? Pois o cabelo lhe foi dado em lugar de mantilha. **Contudo, se alguém quer ser contencioso, saiba que nós não temos tal costume**, nem as igrejas de Deus. (grifos do autor)

Baseado neste texto, a Congregação Cristã (popularmente conhecida como a igreja do véu) que chegou ao Brasil em 1910, através de um ítalo-americano chamado Louis Francescon, adere ao uso do véu nos cultos. Algumas práticas curiosas desta denominação são: o ósculo santo, o uso do véu nas orações por parte das mulheres, a permissão de ter até três pregações durante o culto.²⁴

Segundo Araújo (2009, p.83) estudos filológicos e iconográficos do mundo mediterrâneo, é possível se chegar a conclusão que era comum às mulheres do mundo mediterrâneo o uso de cabelos longos. Comumente se utilizava tranças enroladas ao redor da cabeça, bem como o uso do véu era recomendado ou até mesmo obrigatório. Sair em público com cabelos soltos e desvelados era motivo até mesmo para divórcio.

De acordo com Corrington (1991, p.229), o escritor romano Valerius Maximus congratulou o cônsul Gallus por ter se divorciado da esposa, posto que a flagrou em público com a cabeça desvelada, o que poderia atrair o olhar e conseqüentemente a cobiça de outro homem, além de que, na antiguidade, os cabelos soltos da mulher, ou mesmo o ato de soltá-los, geralmente estava associado a questões de natureza sexual.

Quando a mulher também mudava o seu estado civil - de solteira para casada - elas passavam a ornamentar seus cabelos com faixas, uma espécie de tiara só que de tecido. Que simbolizava indisponibilidade para relacionamentos, ou seja, era uma espécie de aliança de

matrimônio, que ao invés de ser um sinal discretamente colocado no dedo (como acontece na nossa cultura) era visivelmente estampado na cabeça da mulher.

No judaísmo, algumas situações em que as mulheres podiam soltar o cabelo em público era em caso de rituais fúnebres ou quando estava participando do ritual de suspeita de adultério (COSGROVE, 2005, p.682). Como podemos verificar no livro de Números 5:11-31, o que também contribui para reafirmar que de fato era prática das mulheres terem seus cabelos amarrados em público:

24 CONGREGAÇÃO CRISTÃ DO BRASIL, Convenção São Paulo, 1936 p. 6

Disse mais o SENHOR a Moisés: Fala aos filhos de Israel e dize-lhes: Se a mulher de alguém se desviar e lhe for infiel, de maneira que algum homem se tenha deitado com ela, e for oculto aos olhos de seu marido, e ela o tiver ocultado, havendo-se ela contaminado, e contra ela não houver testemunha, e não for surpreendida em flagrante, e o espírito de ciúmes vier sobre ele, e de sua mulher tiver ciúmes, por ela se haver contaminado, ou o tiver, não se havendo ela contaminado, então, esse homem trará a sua mulher perante o sacerdote e juntamente trará a sua oferta por ela: uma décima de efa de farinha de cevada, sobre a qual não deitará azeite, nem sobre ela porá incenso, porquanto é oferta de manjares de ciúmes, oferta memorativa, que traz a iniquidade à memória. O sacerdote a fará chegar e a colocará perante o SENHOR. O sacerdote tomará água santa num vaso de barro; também tomará do pó que houver no chão do tabernáculo e o deitará na água. Apresentará a mulher perante o SENHOR e **soltará a cabeleira dela**; e lhe porá nas mãos a oferta memorativa de manjares, que é a oferta de manjares dos ciúmes. A água amarga, que traz consigo a maldição, estará na mão do sacerdote. O sacerdote a conjurará e lhe dirá: Se ninguém contigo se deitou, e se não te desviaste para a imundícia, estando sob o domínio de teu marido, destas águas amargas, amaldiçoantes, serás livre. Mas, se te desviaste, quando sob o domínio de teu marido, e te contaminaste, e algum homem, que não é o teu marido, se deitou contigo (então, o sacerdote fará que a mulher tome o juramento de maldição e lhe dirá), o SENHOR te ponha por maldição e por praga no meio do teu povo, fazendo-te o SENHOR descair a coxa e inchar o ventre; e esta água amaldiçoante penetre nas tuas entranhas, para te fazer inchar o ventre e te fazer descair a coxa. Então, a mulher dirá: Amém! Amém! (grifos do autor)

Na cultura judaica só mulheres poderiam ter cabelos longos. Homens com cabelos longos eram percebidos como homossexuais (MURPHY, 1980, p.485). Da mesma forma que os cabelos longos e soltos possuíam significado, os cabelos curtos também tinham suas interpretações. Segundo Fee (1987, p.511), mulheres que possuíam cabelos raspados ou curtos eram tidas como masculinizadas ou lésbicas.

O texto de 1 Co 11, tem gerado vários comentários acerca do uso do véu. A frase paulina contida no versículo 10 que diz “portanto, deve a mulher, por causa dos anjos, trazer véu a cabeça, como sinal de autoridade” a tempo tem gerado polêmica nos círculos teológicos.

Para o apóstolo Paulo a existência de anjos que estavam a observar os homens era uma realidade, pois ele usa o argumento dos anjos para levar a igreja de corinto a tomar

consciência da importância do véu no culto como forma de autoridade, provavelmente tendo em mente a narrativa dos Vigilantes. Porém, por mais óbvia que pareça a idéia ela não é de todo aceita. Segundo Araújo (2009, p.106), existem quatro interpretações sobre a relação do véu e dos anjos neste texto:

- 1 – Os anjos estão presentes nos cultos cristãos como observadores e por isso, em forma de respeito, as mulheres devem usar o véu;
- 2 – Os anjos eram mensageiros humanos que estavam visitando a comunidade e com o desvelamento das mulheres podiam se escandalizar;
- 3 – Paulo está atribuindo aos anjos e não a Deus, nessa passagem, a criação das mulheres e por isso está fazendo uma diferença entre os gêneros; (uma proposta extremamente especulativa)
- 4 – O véu é visto como um aparato protetor contra os anjos que estão a observar as mulheres desveladas no culto e ao verem sua beleza as cobiçam.

O entendimento de Araújo é que existem pelo menos duas conexões do versículo com o Livro dos Vigilantes. A primeira, o desvelamento das mulheres e a presença dos anjos no culto poderiam, novamente, conduzir os anjos a lascívia e, conseqüentemente, da início a uma nova transgressão angelical. A segunda é que a responsabilidade pela transgressão dos anjos vigilantes em parte é atribuída as mulheres e por isso elas devem usar o véu. Para ele o véu não se refere a um tecido mas ao próprio cabelo da mulher. (ARAÚJO, 2009, p.108)

Entendemos que o texto tem ligação com o enredo dos vigilantes, porém, diferente das posições supracitadas, compreendemos que o véu, literalmente um tecido, tinha um efeito didático. Ele ensinava às mulheres sobre honra diante de anjos. Paulo fez menção do uso do véu no contexto do culto. Mas será que para Paulo os anjos só observavam no culto? Certamente que não, porém, o culto era percebido como um adentramento à dimensão espiritual, o momento de se chegar ao trono de Deus, era a busca consciente ao Divino.

Mas por que as mulheres que iriam orar ou profetizar deviam usar o véu? Pensamos que as mulheres que tiveram relacionamentos com os Vigilante, conforme apresenta o livro de I Enoque, desejaram esta situação. Elas não foram iludidas, mas sabiam que eram anjos e desejaram consumir a relação. O Testamento dos Doze Patriarcas diz: “Foi desta maneira que elas também enfeitiçaram os Guardiões antes do dilúvio.”(KEE, 1983, p. 784)

É interessante percebermos que o texto de I Coríntios não insinua que as mulheres devem usar véu para não tentarem os anjos, e provocar outra queda angelical. Paulo não cria nesta possibilidade, sua epistemologia aponta o tempo todo para a eleição inclusive a de

anjos. Em I Tm 5:21 ele diz para Timóteo: “Conjuro-te, perante Deus, e Cristo Jesus, e **os anjos eleitos**, que guardes estes conselhos, sem prevenção, nada fazendo com parcialidade.” (grifos do autor)

Podemos afirmar que, pensar que Paulo estivesse ensinando o uso do véu para evitar outra queda angelical, diante do que estes anjos não-caídos testemunharam e do processo que participaram (pois deles é dito que amarraram os Sentinelas) seria de grande incoerência. Tomando como referência o que o Livro dos Vigilantes diz sobre o que aconteceu com os anjos desobedientes, que foram amarrados em trevas, viram seus filhos(Nephilins) perecerem, estão reservados para o dia do juízo, fogo eterno, e pensar que Paulo está ensinando a possibilidade de outra queda angelical, seria atribuir a Paulo a doutrina do masoquismo angelical.

O uso do véu para Paulo estava inserido no contexto de honra feminina. Ele diz “toda mulher que ora ou profetiza com a cabeça sem véu, desonra sua própria cabeça.” Para ele a consequência do não uso do véu era imediata: desonra sua própria cabeça. Ou seja, segundo Paulo as mulheres que não usavam o véu era como estivessem se desvalorizando diante dos anjos, algo como você ir ao gabinete do presidente da república apenas de bermuda e camiseta. Penso que para ele o uso do véu passava uma mensagem para o meio angelical do tipo: “nós somos mulheres de respeito não somos como aquelas que se corromperam antes do dilúvio!”. A busca em viver uma vida honrosa em todos os níveis sempre foi um pensamento paulino.

Também é interessante notar no próprio texto que para Paulo isso era uma questão de costume e que, já naquela época, existiam posições contrárias ao uso do véu. No versículo 16 do capítulo 11 ele diz: “contudo se alguém quer ser contencioso, saiba que nós não temos **tal costume**, nem as igrejas de Deus.” (grifos do autor)

3.5.5. Clemente de Alexandria (II Século d.C)

Acredita-se que Clemente nasceu em Atenas. Ele foi um dos principais responsáveis em combater o Gnosticismo do século segundo. Seu principal rival foi o gnóstico Valentim. Homem erudito, inclinado a filosofia, foi considerado por Jerônimo o mais erudito dos Pais. (SPINELLI, 2002, p.63)

Em sua obra “O Instrutor” pode-se perceber lampejos da narrativa do Vigilantes. Segundo VanderKam (1996, p.66), ele faz uso do escrito enoquiano com propósitos morais, buscando mostrar que a beleza da Terra é passageira e não se compara a beleza eterna:

O céu era encantado por duas carruagens, por quem sozinho o fogo era conduzido. Tal como a mente é desencaminhada pela paixão, e pelo indefinível princípio da razão, se não educado pela Palavra, degenera-se em licenciosidade, e recebe calamidade como prêmio pela transgressão. Exemplo disso são os anjos, que renunciaram a beleza de Deus por uma beleza que se desvanece, e assim caíram céu para terra. (O Instrutor 3, 2.14)²⁵

25 Disponível em: <http://bebal.catholicculture.org/library/fathers/view.cfn?recnum=1659>, Tradução de Anderson Dias de Araújo.

Em “Stromata Livro” Clemente ensina aos seus leitores da importância do autocontrole, exemplificando com base nos Vigilantes:

De fato, as pessoas não deveriam considerar somente um tipo de autocontrole, a saber, o controle sobre os desejos sexuais, mas também em relação a todas as outras coisas que nossa alma almeja, não estando contentes com as próprias necessidades, mas almejando e buscando o que é luxuoso e outras indulgências que a alma deseja. Deve-se acrescentar a continência ao menosprezo do dinheiro, ao conforto, a propriedade, conter-se na forma de se vestir, controlar a língua e dominar os pensamentos maus. No passado, certos anjos ficaram incontinentes e se inflamaram em desejo de tal forma que caíram do céu para terra. (Stromata Livro 3 7.59)²⁶

3.5.6 Julius Africanus (II Século d.C)

Pensador, historiador, considerado, também, filósofo da Líbia por alguns, influenciou vários Pais da Igreja, podendo ser percebido em obras de Eusébio de Cesaréia (HABAS, 1994, p.86). Na obra “Chronographia” percebe-se que ele era ciente da narrativa dos Vigilantes, como acontece entre seus contemporâneos:

Mas se isso é pensado que se referem a anjos, nós o temos que ter em conta, então, que se trata daqueles anjos que trataram com magia e encantamento, que ensinaram para as mulheres os movimentos das estrelas e o conhecimento de coisas celestiais, e pelo poder de quem elas conceberam os gigantes como filhos dos homens, por quem a maldade veio ao extremo na terra, até que Deus decretou que esta raça de seres viventes deveria perecer na impiedade deles pelo dilúvio.²⁷

3.5.7 Cipriano de Cartago (III Século d.C)

No século III, encontramos outro líder cristão que faz uso da narrativa dos vigilantes para ensinar os seus seguidores, trata-se do bispo Cipriano. Exelente orador, teve sua biografia registrada por Jerônimo (TEBES, 2000, p.19). No escrito “De habitu virginum” ele usa os Vigilantes para ensinar as virgens sobre o tipo adequado de veste e sobre a importância de dedicarem suas vidas a Cristo:

Pois Deus nem criou a ovelha escarlate ou roxa, nem ensinou aos sucos de ervas e a concha de moluscos o tingimento de lã colorida, nem organizou colares com pedras incrustadas em ouro, e com pérolas distribuídas e agrupadas em tecido, com os quais você esconderia o pescoço que Ele fez; o que Deus formou no homem pode ser coberto, e isso pode ser visto naquilo que o diabo inventou, além disso. Deus desejou que nas mulheres devessem ser

26 Disponível em: <<http://www.earlychristianwritings.com/text/clement-stromata-book3-english.html>>, Tradução de Anderson Dias de Araújo.

27 Disponível em:<http://www.newadvent.org/fathers/0614.htm>, Tradução de Anderson Dias de Araújo.

feitas feridas nas orelhas, ainda na infância, quando ainda inocentes e inconscientes do mal mundano, deveriam ser colocadas para sofrer, e subseqüentemente das cicatrizes e buracos das orelhas brincos preciosos se penduram, pesadas, se não pelo peso delas, mas pelo custo delas? Todas as coisas pecaminosas e anjos apóstatas ensinaram por meio de suas artes, quando, se rebaixaram às coisas contagiosas da terra, eles abandonaram o seu vigor divino. Eles também lhes ensinaram a pintar ao redor dos olhos com negridão, e manchar as bochechas com um enganoso vermelho, e mudar o cabelo com cores falsas, e eliminar toda a verdade, em ambas: na face e na cabeça, pela agressão de sua própria corrupção. (De habitu virginum 14)²⁸

3.5.8 Lactantius (III Século d.C)

Orador, apologista e Conselheiro de Constantino I, Lactantius foi uma personagem que se dedicou a escrever discursos apologéticos em favor do cristianismo à intelectuais de sua época. Sua principal obra foi “Divine Institutes”. Nela, ele busca reduzir as crenças não cristãs a fúteis e apresentar as crenças cristãs de uma forma sistemática (CHARLESWORTH, 1873, 82). Baseado na narrativa de I Enoque, ele descreve os gigantes, fruto da relação dos anjos com as mulheres, como demônios. É interessante notar o que Lactantius pensa sobre a ação de Satanás. Segundo ele, Satanás, que já tinha levado o gênero humano a desobediência, posteriormente, seduz outros anjos (Sentinelas) a abdicaram do seu estado natural e se envolverem com mulheres. Vejamos:

Então, quando o número de homens tinha começado a aumentar, Deus em sua providência, para que Satanás, a quem Deus desde o princípio dera poder sobre a terra, e por usa sutileza não corrompesse ou destruísse os homens, como ele havia feito no princípio, enviou anjos para a proteção e desenvolvimento da raça humana; e já que ele havia dado aos anjos livre arbítrio Ele os ordenou acima de todas as coisas para que não se corrompessem com a contaminação da terra, e assim perdessem a dignidade de sua natureza divina. Deus os proibiu claramente de fazer o que Ele de antemão sabia que fariam, e que eles poderiam

perder completamente a esperança de perdão. Então, enquanto eles viviam entre os homens, o mais enganoso ser da terra, e pela associação a eles, aos poucos os atraiu aos vícios, e os corrompeu por meio de relacionamentos com mulheres. Então, não sendo mais admitidos nos céus por causa dos pecados nos quais eles tinham se mergulhado, eles caíram para Terra. Assim de anjos, Satanás os fez se tornarem criados seus. Mas aqueles que nasceram destes, porque eles não eram nem anjos nem homens, mas de um tipo de natureza misturada, não foram admitidos no inferno, como seus pais não o foram no céu. Assim passou a existir dois tipos de demônios um do céu e outro da terra. Os primeiros são os espíritos maus autores de todos os males que são feitos, e Satanás é o príncipe deles. De onde Trismegistus o chama de governante dos demônios. Mas os gramáticos dizem que eles são chamados demônios, como se doemones, isto é, habilidosos e familiarizados com a matéria, porque eles pensam que estes são deuses... Estes espíritos contaminados e abandonados, tal como digo vagueiam sobre toda a terra, e se consolam da própria perdição, destruindo os homens. Por isso eles colocam armadilhas em todo lugar, decepções, fraudes, e erros; porque eles agarram os indivíduos, e ocupam casas inteiras de

28 Disponível em: <http://www.intratex.com/IXT/ENG0280/_PF.HTM>, Tradução de Anderson Dias de Araújo.

porta a porta, e se chamam a si próprios de genii; pois por esta palavra eles traduzem demônios em Latim. As pessoas consagram estes em suas casas, para lhes oferecer diariamente libações de vinho, e adoram os sábios demônios como deuses da terra, e como se evitassem esses males que eles causam e impõem a si próprios. (Divine Institutes 2,15)²⁹

3.5.8.1 Queda dos Anjos

Neste momento, cabe uma reflexão sobre um tema importante no estudo da angelologia e de I Enoque: a queda dos anjos. Algumas perguntas que provocaram a discussão foram: Como o cristianismo primitivo percebia a queda angelical? Qual a principal posição teológica na atualidade?

Este é um assunto um tanto vago no relato bíblico. Não existem textos tão explícitos como alguns pensam, porém pode-se ter alguns lampejos sobre o assunto. A seguir passaremos a descrever, em linhas gerais, o pensamento teológico atual entre a maioria dos cristãos brasileiros no que tange a esta temática.

Geralmente, se acredita em uma única queda que é descrita da seguinte forma: Satanás, anjo mais forte e belo, era um anjo de luz (Lúcifer) maioral entre todos os anjos, um querubim, que resolveu, por causa de orgulho, se rebelar contra Deus, pois desejava assumir o seu lugar. Houve uma guerra no céu e Miguel e seus anjos expulsaram Satanás junto com os seus aliados, cerca de 1/3 dos anjos, que passaram a viver no universo, mais precisamente na terra. Os textos principais que geralmente são usados para respaldar esta posição são Is 14:12-15, Ez 28.14-15, 17a e Ap 12:3,4a e 7, que dizem respectivamente: (grifos e parênteses do autor)

Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filho da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações! Tu dizias no teu coração: **Eu subirei ao céu; acima das estrelas (anjos) de Deus exaltarei o meu trono** e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do Norte; subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo. Contudo, serás precipitado para o reino dos mortos, no mais profundo do abismo.

Tu eras querubim da guarda unguido, e te estabeleci; permanecias no monte santo de Deus, no brilho das pedras andavas. Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado até que se achou iniquidade em ti. **Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura,** corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor; **lancei-te por terra,** diante dos reis te pus, para que te contemples.

Viu-se, também, outro sinal no céu, e eis um dragão, grande, vermelho, com sete cabeças, dez chifres e, nas cabeças, sete diademas. **A sua cauda arrastava a terça parte das estrelas do céu(anjos), as quais lançou para a terra...** Houve peleja no céu. Miguel e os seus anjos pelejaram contra o dragão. **Também pelejaram o dragão e seus anjos;**

29 Disponível em:<http://www.newadvent.org/fathers/07012.htm>, Tradução de Anderson Dias de Araújo.

Em toda tradição teológica verifica-se que a crença na queda de Satanás como sendo anterior a do homem é axiomática. No próprio texto Bíblico percebe-se que o imaginário dos cristãos já era permeado por esta idéia. No livro do apocalipse o apóstolo João interpreta a figura da Serpente descrita em Gêneses 3 como sendo o próprio Satanás: “E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos.” (Ap 12:9)

Por mais que está crença seja antiga, a questão é que, segundo as evidências que encontramos tanto no Livro dos Vigilantes como nos relato dos líderes e Pais da Igreja, a crença cristã primitiva repousava no entendimento de duas quedas. A primeira como acabamos de descrever como sendo a crença principal em nossos dias, e a segunda que está descrita em Gn 6, que culminou no dilúvio. Diante do exposto elaboramos a seguinte tabela buscando facilitar a compreensão:

Tabela9: Quedas Angelicais

Quedas Angelicais	Causas das quedas dos anjos	Percepção dos cristão nos primórdios da história cristã
1ª Queda	Satanás e anjos aliados se rebelam contra Deus e são expulsos do Céu.	Satanás é líder principal de todos os anjos caídos (tanto os da primeira queda como os da segunda). Os primeiros anjos caídos se tornaram os principados e potestades descritos nos textos paulinos (Ef 3:10; Ef 6:12; Cl 1:16; Cl 2:15)

2ª Queda	18 Chefes de anjos junto com anjos subalternos (cerca de 200), desejaram as filhas dos homens e abandonaram seu estado natural para se relacionar constituir família com elas. Dessa relação surgiram os gigantes (Nephilins)	Os anjos que se envolveram com as mulheres foram aprisionados e reservados para o dia do juízo (I Pe 3:19,20; II Pe 3:4). Os seus filhos, os Nephilins, se tornaram espíritos imundos, também chamados de demônios, que estão vagando pelo mundo, praticando perversidades.
----------	---	---

Fonte da Tabela: Autor

3.6 Resumo conclusivo do capítulo

A pesquisa contida neste capítulo buscou enfatizar os principais pensamentos angelológico presentes no cristianismo desde o primeiro século. Para isso, partindo da atualidade, buscamos verificar se houveram grandes mudanças na angelologia cristã de círculos dogmáticos.

Constatamos que uma primeira grande mudança ocorreu no século IV, quando Agostinho argumentou contra o escrito de I Enoque, fazendo com que o mesmo ficasse a margem na história, fato que causou lacunas na interpretação bíblica, alterando a interpretação de livros como I Pedro, II Pedro e Judas. Os espíritos em prisão, que Pedro faz menção, por exemplo, é interpretado pelos teólogos contemporâneos como sendo uma referência as almas dos homens ímpios que viviam em rebeldia à vontade de Deus antes do dilúvio. Porém, a interpretação inicial apontava para o fato de Pedro está fazendo referência aos Sentinelas transgressores descritos em I Enoque.

Neste capítulo, também, pudemos observar que o Livro dos Vigilantes foi bastante utilizados por diversos líderes renomados no cristianismo primitivo, o que revela a importância que a narrativa tinha para os cristãos em épocas passadas, além de proporcionar luz para a interpretação de vários textos bíblicos.

Discutimos, também, passagens bíblicas como I Coríntios 11, onde buscamos entender o significado do véu no pensamento paulino, concluindo que, o uso do mesmo, possui ligação com as crenças descritas em I Enoque. Na seqüência, também estudamos sobre o a queda dos anjos e constatamos que a crença em duas quedas era a dominante no cristianismo primitivo, mudando no decorrer da história para a crença em uma única queda.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar o Livro dos Vigilantes concedeu-me a oportunidade de chegar mais perto da epistemologia dos escritores neotestamentários, como também, voltar aos primórdios do cristianismo, para uma época na qual tinha-se abertura para lidar com outros escritos do judaísmo, de uma maneira mais interativa.

Esta pesquisa, também serviu como mais uma contribuição importante para duas grandes religiões da atualidade: Cristianismo e Judaísmo. O livro de I Enoque abriu portas para adentrarmos em lugares profundos que revelam a raiz de vários pensamentos destas duas grandes tradições religiosas.

Por isso, temos convicção que o presente trabalho é de relevância para o PPGCR da UFPB, posto que presta uma contribuição para aqueles interessados em pesquisar cristianismo e judaísmo primitivo, bem como, para aqueles que pesquisam história das religiões.

A presente pesquisa amplia a rede de interesse pela literatura de I Enoque, trazendo para a UFPB, uma gama de conhecimentos inexistentes em sua biblioteca, o que será de utilidade para novos pesquisadores que pertencem ou pertencerão ao departamento de Ciências da Religiões da Federal.

Na pesquisa que desenvolvi junto a UMESP, além dos textos tradicionais de Jd 14,15, I Pd 3:18-20; II Pd 2:4-5 que já se sabe serem citações diretas ou indiretas a literatura enoqueana, podemos perceber a existência de várias narrativas nos evangelhos que dão indícios de uma ligação com I Enoque. A seguir veremos alguns textos:

Porque o Filho do Homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos, e, então, retribuirá a cada um conforme as suas obras. (Mt 16:27)

Quando vier o Filho do Homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então, se assentará no trono da sua glória; (Mt 25:31)

Porque qualquer que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do Homem se envergonhará dele, **quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos.** (Mc 8:38)

Porque qualquer que de mim e das minhas palavras se envergonhar, dele se envergonhará o Filho do Homem, **quando vier na sua glória e na do Pai e dos santos anjos.** (Lc 9:26)
(grifos do autor)

Ao que parece, a idéia da vinda do Senhor ou do Messias com seus anjos, não era uma crença de origem neotestamentária. Provavelmente quando Jesus falou da sua vinda junto aos seus anjos (ou santos anjos), ele estava fazendo um inferência ao texto de 1 Enoque capítulo 2 que diz:

Eis que Ele vem com dezenas de milhares dos Seus santos para executar julgamento sobre os pecadores e destruir o iníquo, e reprovar toda coisa carnal e toda coisa pecaminosa e mundana que foi feita, e cometida contra Ele.

Os textos assemelham-se muito ao descrito por Judas, só que no lugar do termo “Ele” usando em Enoque e “Senhor” usado por Judas, o título nos evangelhos é “Filho do Homem”. Os relatos são muito próximo e contém a mesma idéia: O Senhor vindo com seus anjos para exercer juízo ou retribuir a cada conforme as suas obras. Se o texto dos evangelhos for assim interpretado podemos dizer que o livro de Enoque está mais presente no Novo Testamento do que se pensava.

Outro relato interessante é o que está presente no evangelho Lucas capítulo 16:19-29, onde está registrada a parábola do rico e do Lázaro:

Ora, havia certo homem rico que se vestia de púrpura e de linho finíssimo e que, todos os dias, se regalava esplendidamente. Havia também certo mendigo, chamado Lázaro, coberto de chagas, que jazia à porta daquele; e desejava alimentar-se das migalhas que caíam da mesa do rico; e até os cães vinham lambe-lhe as úlceras. Aconteceu morrer o mendigo e ser levado pelos anjos para o seio de Abraão; morreu também o rico e foi sepultado. No inferno, estando em tormentos, levantou os olhos e viu ao longe a Abraão e Lázaro no seu seio. Então, clamando, disse: Pai Abraão, tem misericórdia de mim! E manda a Lázaro que molhe em água a ponta do dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama. Disse, porém, Abraão: Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro igualmente, os males; agora, porém, aqui, ele está consolado; tu, em tormentos. E, além de tudo, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que querem passar daqui para vós outros não podem, nem os de lá passar para nós.

Este texto aponta para a idéia de separação entre justos e injustos. No caso em questão, o justo seria o mendigo e o injusto o rico. Porém, mais do que isso, trás o pensamento que logo após a morte, haverá um lugar de alegria para o justo e de tormento para o injusto. Este pensamento aponta para a ideologia presente em I Enoque capítulo 22:3-12 que diz:

Então Rafael, um dos santos anjos que estava comigo, respondeu e disse: Estes são os **lugares deleitosos** onde os espíritos, as almas dos mortos, serão reunidos; para eles ele foi formado e aqui serão reunidas todas as almas dos filhos dos homens. Estes lugares, nos quais habitam, eles ocuparão até o dia do julgamento, e até seu período escolhido. Seu período escolhido será longo, mesmo até o grande julgamento. E vi os espíritos dos filhos dos homens que estão mortos; e suas vozes rompem o céu, enquanto eles são acusados. Então inquiri de Rafael, o anjo que estava comigo, e disse: Que espírito é aquele, a voz do qual alcança *o céu*, e acusa? Ele respondeu, dizendo: Este é o espírito de Abel o qual foi morto por Caím seu irmão; o qual acusará aquele irmão, até que sua semente seja destruída da face da terra; Até que sua semente desapareça da semente da raça humana. Naquele tempo portanto eu inquiri a respeito dele, e a respeito do julgamento geral, dizendo: Por que um está separado ou outro? Ele respondeu: **Três separações foram feitas entre os espíritos dos mortos, e assim os espíritos dos justos foram separados**, Nomeadamente, *por* uma fenda na terra, *por* água, e *por* luz acima dela. E da mesma maneira os pecadores são separados quando morrem, e são sepultados na terra; julgamento não os surpreenderá em seu tempo de vida. **Aqui suas almas estão separadas. Além disso, abundante é seu sofrimento até o tempo do grande julgamento**, o castigo, e o tormento daqueles que eternamente execraram, cujas almas são munidas e amarradas lá para sempre. (grifos do autor)

Semelhanças como estas provocaram a curiosidade do pesquisador, que se sente motivado para continuar aprofundando sua pesquisa sobre I Enoque. Diante desta curiosidade suscitamos alguns problemas para futuras pesquisas:

1º - Existe intertextualidade entre os evangelhos e o escrito de I Enoque?

2º - Será que podemos afirmar que a escatologia de Jesus estava baseada em I Enoque?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÓN, E.; FAITANIN, P. **Bibliographia Thomistica**. Doctor Angelicus 6, 2006.

ALEXANDRE, P. S. **The Targumim and Early Exegesis of ‘Sons of God’ in Genesis 6**. In: Journal of Jewish Studies 23, 1972.

ANDRADE, Claudio. **Judas**. Rio de Janeiro: CPAD, 2ª ed, 2002;

ARAÚJO, Anderson Dias. **Anjos Vigilantes e Mulheres Desvekadas: Uma relação possível em 1 Coríntios 11,10?** 2009, 127p. Dissertação(Mestrado em Ciência da Religião). Universidade Metodista de São Bernardo do Campo.

AQUINO, Felipe. **Anjos**. São Paulo: Cleófas, 2005.

BARNES, T. D. **Tertullian: a Historical and Literary Study**. Oxford: Clarendon Press, 1985.

BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. São Paulo: Cultura Cristã, 2ª ed, 2001.

CAMURÇA, Marcelo. **Ciências sociais e ciências da religião: polêmicas e interlocuções**. São Paulo: Paulinas, 2008.

CERVO, Amado L. e BERVIAN, Pedro A. **Metodologia científica** : para uso dos estudantes universitários. 3.ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

CHAMPLIN R. N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**, Vol. I. São Paulo: Hagnos, 2002.

CHARLES R. H. **The Book of Enoch**. D.LITT., D.D. With an introduction by W. O. E. Oesterley, D.D. London. Society for Promoting Christian Knowledge, 1917.

COLLINS, John J. A **imaginação apocalíptica**: uma introdução a literatura apocalíptica judaica. São Paulo: Paulus, 2010.

COLLINS, John J. Sibylline Oracles. **A New Translation and Introduction**. In: CHARLESWORTH, James H. The Old Testament Pseudepigrapha. Vol II. New York, Doubleday, 1983.

CHARLESWORTH, James Hamilton. **The Odes of Solomon**. Oxford: Oxford UP, 1973.

COLLINS, J. J. Seers, **Sibyls and Sages in Hellenistic-Roman Judaism**, JSJSup 54. Leiden, Brill, 1997.

COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

CONGREGAÇÃO CRISTÃ DO BRASIL, Convenção São Paulo, 1936.

CORRINGTON, Gail Paterson. The “headless woman”: Paul and the language of the body in 1 Cor 11,2-16. In PRS, n.18, 1991.

COSGROVE, Charles H. **A Woman’s Unbound Hair in The Greco-Roman World, with Special Reference to The Story of The “Sinful Woman” In Luke 7:36-50**. In Journal of Biblical Literature, vol. 124, n.4, 2005.

DOCKERY, David S. **Manual Bíblico**. São Paulo: Vida Nova, 2001.

ERICKSON, Millard J. **Introdução à teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

FEE, Gordon D. *The first epistle to the corinthians*. Grand Rapids: W. B. Eerdmans, 1987.

GARCÍA MARTÍNEZ, Florentino e TIGCHELAAR, Eibert J. C. **The Dead Sea Scrolls Study Edition**. Vol.1. Leiden/Boston/Kön/Grand Rapids/ Cambridge, Brill/Eerdmans, 2000.

GIL, Antônio Carlos. **Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

Grabmann, Martin. Virgil Michel. **Thomas Aquinas: His Personality and Thought**. Kessinger Publishing, 2006.

GRANT, Robert M. **Irenaeus of Lyons**. [S.l.]: Routledge, 1997.

GROSS, Eduardo. Considerações sobre a teologia entre os estudos de Religião. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). **A(s) ciência(s) da religião no Brasil**. Afirmação de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2001.

GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HABAS, Rubin E. Habas, *The Jewish Origin of Julius Africanus*, JJS 45, 1994.

IRINEU de Lião: **i, ii, iii, iv, v livro**. São Paulo: Paulus, 1995.

JUSTINO DE ROMA: i e ii apologias diálogo com Trifão. São Paulo: Paulus, 1995.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

KLIJN, A. F. J. 2 (Syriac Apocalypse of) **Baruch. A New Translation and Introduction**. In: CHARLESWORTH, James H. *The Old Testament Pseudepigrapha*. Vol II. New York, Doubleday, 1983.

KVANVIG, H.S. **Gen 6,3 and the watcher story**. In: Henoch 25, 2003.

KVANVIG, H.S. **The Watcher Story and Genesis an Intertextual Reading**. In: Scandinavian Journal of the Old Testament 18, 2004.

LIMA, Manolita Correia. **A engenharia da produção acadêmica**. São Paulo: Unidas, 1997.

MACLEAN, A. J. **Dictionary of the apostolic church**. New York: James Hastings, 1916.

MILIK, J. T. **The books of Enoch**. Aramaic Fragments of Qumran Cave 4. Oxford, Clarendon Press, 1970.

MARTÍNEZ, Florentino García. **Textos de Qumran**. São Paulo: Vozes, 1995.

MENDONÇA, Antônio Govêia. **Protestantes, pentecostais e ecumênicos: o campo religioso e seus personagens**. São Paulo: UMESP, 1997.

MURPHY – O’CONNOR, Jerome. **Sex and logic in 1 Corinthians 11.2-16**. In: Catholic Biblical Quarterly, vol. 42, 1980.

NICKELSBURG, George W.E. **1 Enoque: A Commentary on the book of 1 Enoque**, Chaoters 1-36; 81-108. Minneapolis: Augsburg Fortress, 2001.

NOGUEIRA, Paulo A. S. **O Mito dos Vigilantes: apocalípticos em crise com a cultura helenista**. Religião e Cultura, n.10, 2006.

OTERO, A. Santos. **Livro de Los Secretos de Henoc (Henoc estava)**. In: DIEZ MACHO, Alejandro. Apócrifos Del Antigo Testamento. Vol. IV. Madri, Ed. Cristiandad, 1987.

O LIVRO DE ENOQUE, Ed. Hemus, 1979.

PADRES Apologistas: **carta a Diogneto, Aristides de Atenas, Taciano, o Sírio, Atenágoras de Atenas, Teófilo de Antiquiam, Hérmiás, o filósofo**. São Paulo: Paulus, 1995.

PEARLMAN, Myer. **Conhecendo as doutrinas da Bíblia**. São Paulo: Vida, 2006.

POSSEBON, Fabricio. **Tò Thaumastón: O Maravilhoso**. 2 ed. João Pessoa: Editora UPFB, 2008.

PROPHET, Elizabeth Clare. **Anjos caídos e as origens do mal**. Rio de Janeiro: Nova Era, 2002.

REED, Annette Yoshiko. **Fallen Angels and the History of Judaism and Christianity**. The Reception of Enochic Literature. New York, Cambridge University Press, 2005.

RICHARDSON, Roberto J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1989.

SACCHI, Paolo. **Jewish Apocalyptic and its History**. JSPSup 20. Sheffield, Sheffield Academic, 1990.

SPINELLI, Miguel. **Helenização e Recriação de Sentidos**. A Filosofia na época da expansão do Cristianismo – Séculos II, III e IV. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

SPROUL, Robert Charles. **Verdades essenciais da fé cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

TEIXEIRA, Faustino. O lugar da teologia na(s) Ciência(s) da Religião. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). **A(s) ciência(s) da religião no Brasil**. Afirmação de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2008.

TERRA, Kenner Roger Cazotto. **De guardiões a demônios**. A história do imaginário do Pneuma Akatharton e sua relação com o mito dos vigilantes. 2010, 144p. Dissertação(Mestrado em Ciência da Religião). Universidade Metodista de São Bernardo do Campo.

TEBES, J.M. **Cyprian of Carthage: Christianity and Social World in the 3rd. century**, Cuadernos de Teología 19, 2000.

The Zondevon Pictorial Encyclopedia of the Bible, vol. 1

USARSKI, Frank. **Constituintes da ciência da religião: cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma**. São Paulo: Paulinas, 2006.

VANDERKAM, James C. **Enoch and the Growth of an apocalyptic Tradition**. CBQMS 16. Washington, DC: CBA, 1984.

VANDERKAM, James C. **Enoch, a Man for All Generations**. Columbia, University of South Carolina Press, 1995.

VANDERKAM, James C. and ADLER, William. **The Jewish Apocalyptic Heritage in Early Christianity**. Compendia Rerum Iudaicarum ad Novum Testamentum. Minneapolis: Fortress Press, 1996.

WINTERMUT. O. S. **Jubilees. A New Translation and Introduction**. In: CHARLESWORTH, James H. **The Old Testament Pseudepigrapha**. Vol II. New York, Doubleday, 1983.

